



2021

NÚMERO

46

Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales

Edita

Red Fortaleza de Universidades con
Formación en Psicomotricidad
Universidad de Morón (Argentina)
Asociación de Psicomotricistas del
Estado Español

ISSN: 1577-0788



Staf

Fundador

• Pedro Pablo Berrueto (España)

Director

• Juan Mila (Uruguay)

Director Asociado

• Miguel Sassano (Argentina)

Consejo de redacción

• Monserrat Antón (España)

• Pilar Arnaiz(España)

• Dayse Campos Souza (Brasil)

• Misericordia Camps (España)

• Blanca García (Uruguay)

• Lola García (España)

• Alfonso Lázaro Lázaro (España)

• Cristina de León (Uruguay)

• Leila Mando (Brasil)

• Rui Martins (Portugal)

• Rogelio Martínez (España)

• Roberto Paterno (Argentina)

• Rosa María Peceli (Uruguay)

• Claudia Ravera (Uruguay)

• Joaquín Sarrañana (España)

• Begoña Suárez (México)

• Alicia Valsagna (Argentina)

Traducción del inglés:

Alan Iacobacci

Diagramación:

MGDesign

Edita

Red Fortaleza de Universidades con

Formación en Psicomotricidad

Universidad de Morón (Argentina)

Asociación de Psicomotricistas del
Estado Español

ISSN: 1577-0788

Sumario

EDITORIAL

4

1.- BOAS PRÁTICAS NO ACOMPANHAMENTO EM GERONTOPSICOMOTRICIDADE DA PESSOA COM DEMÊNCIA MODERADA A AVANÇADA.

5

*BEST PRACTICES IN THE INTERVENTION OF THE PERSON WITH MODERATE TO
SEVERE DEMENTIA IN GERONTOPSYCHOMOTRICITY.*

Catarina Branquinho y Sara Falcão

2.- LUTOS E AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

24

*GRIEF AND POSSIBILITIES OF PSYCHOMOTRICITY INTERVENTION:
LITERATURE REVIEW.*

Fernanda da Conceição Zanin y Susana Veloso Cabral

3.- EDUCACIÓN EN PRÁCTICAS CORPORALES DE AUTOCONOCIMIENTO DEL HOMBRE EN LOS PROCESOS COOPERATIVOS DE FAMILIA.

44

*EDUCATION IN CORPORAL PRACTICES OF SELF-KNOWLEDGE OF MAN IN THE
COOPERATIVE PROCESSES OF FAMILY.*

Nery Cecilia Molina Restrepo y John Byron Pérez Grajales

4.- EL TALLER DE GRAFOMOTRICIDAD COMO DISPOSITIVO TERAPÉUTICO EN PSICOMOTRICIDAD INFANTIL.

57

*THE WORKSHOP ON GRAPHOMOTRICITY AS A THERAPEUTIC DEVICE IN CHILD
PSYCHOMOTRICITY.*

Ingrid Henig y Gabriela Paolillo

5.- ¿MANDALAS RECURSO PSICOMOTOR? CONTRIBUCIONES EN LA FORMACIÓN CORPORAL PERSONAL DEL PSICOMOTRICISTA

77

MANDALAS PSYCHOMOTOR RESOURCE?

*CONTRIBUTIONS IN THE PERSONAL BODY TRAINING OF THE
PSYCHOMOTRICIAN.*

María Virginia Rovere, Luciana Ruth Espamer y Magalí Constanza D`Eramo



6.- PSICOMOTRICIDAD 3.0 <i>PSYCHOMOTRICITY 3.0</i> Ángel Hernández Fernández	89
7.- REFLEXIONES SOBRE LA INVESTIGACIÓN EN PSICOMOTRICIDAD. TESIS DOCTORALES DE PSICOMOTRICIDAD EN LAS UNIVERSIDADES ESPAÑOLAS. PERÍODO 1979-2020. <i>REFLECTIONS ON RESEARCH IN PSYCHOMOTRICITY. DOCTORAL THESES OF PSYCHOMOTRICITY IN SPANISH UNIVERSITIES. PERIOD 1979-2020.</i> Juan Mila	109
8.- NUEVAS PUBLICACIONES	116
9.- CONDICIONES DE PUBLICACIÓN	119

Acceso a la Revista: <http://www.iberopsicomotricidadum.com>

Dirección de contacto: revistaiberopsicomotricidad@gmail.com

Publicación de periodicidad anual. El próximo número: Diciembre de 2022

Los conceptos y opiniones vertidos en los artículos son de responsabilidad exclusiva de los autores.

Está permitido el uso de este material con el debido registro y enunciado de la fuente y los autores.

El “boom” editorial de la Psicomotricidad

Con mucha satisfacción, los profesionales de la Psicomotricidad estamos asistiendo a un verdadero “boom” editorial de la Psicomotricidad, especialmente en idioma español y en idioma portugués. Sin dudas este escenario de primeras ediciones de títulos de Psicomotricidad y de la escritura desde la Psicomotricidad, por y para Psicomotricistas es un indicador del desarrollo académico que nuestra especialidad ha concretado en la última década.

Cuando uno analiza los títulos publicados y la formación de sus autoras y autores, se encuentra que la abrumadora mayoría son académicas y académicos de formaciones de grado y postgrado en Psicomotricidad de Universidades Iberoamericanas. Es fundamental e importante para el crecimiento académico y profesional de las personas y de la Psicomotricidad que se escriban libros especializados

y fundamentalmente que los mismos se lean, se trabajen, conformen parte de la bibliografía de consulta permanente.

El libro es un objeto que con el uso se personaliza, se subraya, se “ilumina”, recibe apuntes en sus márgenes, vive y revive, y cada lector lo transforma para apropiarse del conocimiento y para que el mismo sea sustento de nuevos desarrollos. Esta dialéctica dinámica es imprescindible para que la Psicomotricidad no se repita a sí misma y se desencadene el proceso de creación de conocimientos.

Felicitamos y agradecemos a las escritoras y escritores, también agradecemos y felicitamos a las casas editoriales porque apuestan a la Psicomotricidad.

Miguel Sassano
Director Asociado

Juan Mila
Director



BOAS PRÁTICAS NO ACOMPANHAMENTO EM GERONTOPSIKOMOTRICIDADE DA PESSOA COM DEMÊNCIA MODERADA A AVANÇADA

BEST PRACTICES IN THE INTERVENTION OF THE PERSON WITH MODERATE TO SEVERE DEMENTIA IN GERONTOPSYCHOMOTRICITY

Catarina Branquinho y Sara Falcão

DADOS DOS AUTORES

Catarina Branquinho e Sara Falcão são Psicomotricistas, licenciadas e mestres em Reabilitação Psicomotora pela Faculdade de Motricidade Humana (Universidade de Lisboa - Portugal).

Dirección de contacto: branquinhocatarina@gmail.com / sara.falcao88@gmail.com

RESUMO

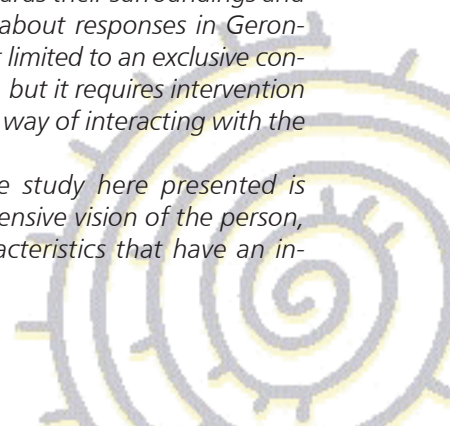
As pessoas com demência passam por um processo mais ou menos duradouro no tempo, consoante o tipo de demência em causa, processo esse que as vai modificando. Com o passar do tempo a pessoa apresenta reações e interpretações diferentes, age sobre o ambiente que o rodeia e com os outros de forma diferente. Assim, pensar nas respostas em Gerontopsicomotricidade, não se limita a um contexto exclusivo de tempo de sessão, mas requiere também a intervenção na nova maneira da pessoa interagir com o espaço e com o tempo.

Neste sentido, o estudo de caso aqui apresentado tem por base esta visão abrangente da pessoa, par-

ABSTRACT

People with dementia go through quite a long process, depending on the type of dementia, which is going to affect them. Over time, the person starts to show different reactions and interpretations, and acts differently towards their surroundings and others. Thus, thinking about responses in Gerontopsychomotricity is not limited to an exclusive context of the session time, but it requires intervention upon the person's new way of interacting with the space and time.

In this sense, the case study here presented is based on this comprehensive vision of the person, starting with the characteristics that have an in-



NÚMERO

46

2021

tindo das suas características que influenciam a forma como interage com o seu mundo exterior. Pela análise das pessoas acompanhadas, esta visão parece potenciar a qualidade de vida das pessoas com demência moderada a avançada, o que vai ao encontro dos dados da literatura sobre o acompanhamento nesta fase da vida.

Tratando-se da análise de um caso, não é possível generalizar resultados. Ainda assim, são partilhadas sugestões que poderão ser úteis na melhoria no atendimento à pessoa com demência.

PALAVRAS-CHAVE: Gerontopsicomotricidade, Psicomotricista, Envelhecimento, Demência, Cuidados Paliativos, Contexto, Comunicação, Relação.

fluence on the way they interact with the outside world.

Based on the analysis of the people monitored, this vision seems to enhance the quality of life of the people with moderate to severe dementia, which meets the data found in literature about the intervention done during this stage of life.

As this is the analysis of one case, it is not possible to generalize results. Still, we share suggestions that will be useful when improving the care provided to people with dementia.

KEYWORDS: Gerontopsychomotricity, Psychomotor Therapist, Aging, Dementia, Palliative Care, Environment, Communication, Relationship.

INTRODUÇÃO

A PESSOA COM DEMÊNCIA MODERADA A AVANÇADA

A demência, atualmente designada como Perturbação Neurocognitiva no DSM-5 (APA, 2013), caracteriza-se pela diminuição do desempenho nas funções cognitivas, comparativamente a estados anteriores, que interferem no desempenho de atividades por parte da pessoa idosa.

Para melhor compreensão da população neste estágio de evolução, a descrição destas fases da demência terá por base a classificação estabelecida por Reisberg et al., (1982). Numa escala de sete níveis, o autor, no nível cinco, qualitativamente designado de moderado a severo, traduz o momento em que a pessoa deixa de ser capaz de desempen-

har a sua vida sem ajuda. Aqui, a pessoa mantém, por norma, informações referentes a factos autobiográficos, mas já não informações mais recentes. Nesta fase, pode também ainda preservar capacidades para executar atividades básicas da vida diária, mas já com algumas dificuldades nas instrumentais. No nível seguinte, na fase severa, acentuam-se as dificuldades nas atividades básicas, algumas informações de memórias mais pessoais vão sendo perdidas e começam a aparecer alterações comportamentais mais evidentes, como pode ser exemplo a agitação ou comportamentos mais delirantes e obsessivos. O sétimo e último nível, que especifica a demência no seu nível muito severo, caracteriza-a como uma fase puramente não verbal, de perda de habilidades como a marcha ou

NÚMERO

46

2021

a execução de outros gestos que eram frequentes na vida da pessoa e de total dependência no desempenho das rotinas de autocuidado.

Estas fases da demência têm em comum o facto de se caracterizarem pela impossibilidade de a pessoa viver sem apoio (Reisberg et al., 1982). A procura de cuidados tanto se pode dever a um comportamento mais apático, onde há falta de motivação para desempenhar tarefas, às limitações físicas ou à capacidade de pensar uma ação e ser capaz de executá-la de forma funcional, ou a diferentes comprometimentos em simultâneo (Henskens et al., 2019). Sabe-se que o declínio cognitivo mais evidente nesta fase da demência acompanha também o da execução de habilidades motoras (Liou et al., 2020), sendo igualmente fundamental a compreensão do seu comportamento (Johnson et al., 2009). Inevitavelmente, nesta fase da progressão da demência, a pessoa idosa terá também um acompanhamento farmacológico, caracterizado muitas vezes por uma polimedicação, que deve ser avaliada com regularidade e cujo ajuste será mais eficaz se envolver a perceção da equipa multidisciplinar (Kröger et al., 2015).

A GERONTOPSIKOMOTRICIDADE E O PAPEL DO PSICOMOTRICISTA

A Gerontopsicomotricidade é uma terapia não farmacológica que parte do corpo e das suas interações com os domínios cognitivos, comportamentais, mas também com as especificidades do contexto, vendo a pessoa no seu todo (Branquinho e Espadinha, 2019). Através do trabalho desenvolvido na Gerontopsicomotricidade, pretende-se que a pessoa idosa se reencontre com o corpo e com as suas sensações, não só com um objetivo último de maior funcionalidade, mas também de senti-

mento de identidade (Vázquez e Mila, 2018). Proporcionar atividades significativas deve ser tido como uma prioridade no atendimento da pessoa com demência, atendendo as necessidades individuais que cada uma apresenta (Beerens et al., 2018; Rocha et al., 2013). Criar oportunidades de participação é benéfico ao nível da manutenção das capacidades funcionais (Menne et al., 2012; Rocha et al., 2013), como do sentimento de capacitação (Menne et al., 2012). Paralelamente, a realização de atividades significativas não só ajuda a regular o comportamento, como a potenciar a qualidade de vida das pessoas com demência (Jones et al., 2020).

Os níveis de participação da pessoa com demência podem ser variados, Thelander et al., (2008) nivela-os como uma participação independente (a pessoa começa e continua a atividade de forma espontânea), com supervisão (faz autonomamente, mas já requer um feedback externo), com ajuda mínima (demonstração ou apoio verbal), ajuda moderada (acresce às anteriores o apoio verbal continuado), ajuda maior (aos apoios anteriores, soma-se o físico) e a não participação. Matilla-Mora et al. (2016) acrescenta que, no decorrer das atividades, deve existir um reforço positivo, evitando-se criar momentos contínuos de erro, atendendo-se às atuais capacidades da pessoa.

Nesta fase da demência, a literatura enuncia alguns exemplos de tarefas, como atividades com música (Jones et al., 2020), ouvir poesia e comentá-la, explorar materiais sensoriais, atividades com movimento e que combinem movimento com música (Hensman et al., 2015) e tarefas ligadas ao cultivo e cuidado de plantas (Thelander et al., 2008). Estas sugestões podem ser incluídas nas propostas do Psicomotricista, que deve sempre, e depois de de-

NÚMERO

46

2021

finidos os objetivos para cada pessoa, procurar tarefas que sejam do seu agrado, o que também será uma alavanca para a sua motivação no desempenho da atividade (Vázquez e Mila, 2018).

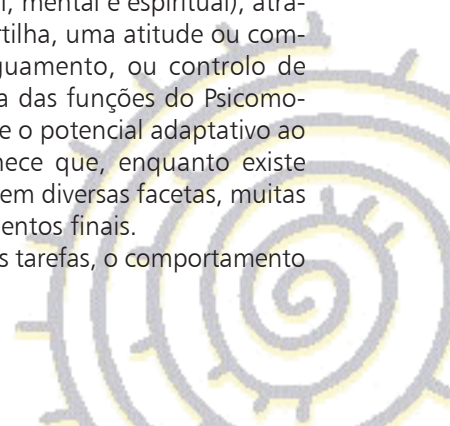
As demências, como doenças graves e progressivas, acarretam muitas vezes a noção de sofrimento global, pelo que, o corpo com limitações, que funciona em estreita combinação com a psique e a afetividade da pessoa, começam, com a progressão das doenças, a quebrar os laços. (Aflalo et al., 2016). Assim, tendo em conta que a população idosa tende a desenvolver este tipo de quadros clínicos não reversíveis, com sintomatologia que de alguma forma causa sofrimento, o Psicomotricista facilmente se mostra como um terapeuta mediador para que a pessoa idosa, com limitações no uso, na imagem ou no investimento do seu corpo (Aflalo, J. et al., 2016), faça este percurso, nesta fase da vida, da melhor forma possível, atenuando ou extinguindo os sintomas mais agudos do seu quadro clínico.

Inclusive em fim de vida, há uma série de propostas que o Psicomotricista pode dinamizar, centradas na estimulação da comunicação não verbal (tendo por base a relação de confiança entre a pessoa idosa e o Psicomotricista, gera-se um clima de compreensão e posterior expressão), reorganização do esquema corporal (especificamente, redescobrir os novos limites corporais, que podem estar alterados devido a perdas propriocetivas ou cognitivas), redução da dor (valorizando e dando atenção, igualmente, as áreas de dor mas também às não dor) e consequente promoção do conforto (Gaucher-Hamoudi e Guiose, 2007; Le Roux, 2001; Marcos e Burucoa, 2012). Muitas vezes, a experiência psicocorporal não é paralela ao estado do corpo físico real pelo que as experiências proporcionadas,

podem estabilizar, ou até melhorar a sintomatologia que causa maior sofrimento, apesar do agravamento da doença (Marcos e Burucoa, 2012). Neste caso, algumas propostas passam por recorrer a técnicas de relaxação, a estimulação sensorial (idealmente, em espaços controláveis e destinados para o efeito) e recorrer ao toque, seja através de massagens ou mobilizações de cariz mais passivo ou ativo (Marcos e Burucoa, 2012).

Importa, aqui, enunciar a definição de cuidados paliativos, que a WHO (2021) caracteriza como uma resposta de saúde centrada na pessoa, que tem como objetivo central melhorar a qualidade de vida das pessoas e dos seus cuidadores, de uma perspectiva holística, prevenindo ou aliviando o sofrimento em circunstâncias de saúde que correspondem a quadros não reversíveis. A definição de cuidados paliativos vai ao encontro do defendido por Marcos e Burucoa (2012) que indicam que, em situações de demência grave a moderada, que caminham para um processo paliativo, as capacidades psicomotoras evoluem para perdas sucessivas, e nessas situações, a intervenção psicomotora não se centra no trabalho das capacidades perdidas, mas sim, procurando intervir nas capacidades mantidas que funcionam como suporte interno da pessoa. Para os autores, depois de uma avaliação das necessidades, provocar sentimentos de bem-estar e conforto (físico, social, mental e espiritual), através de uma simples partilha, uma atitude ou comportamento de apaziguamento, ou controlo de uma dor, constitui uma das funções do Psicomotricista que compreende o potencial adaptativo ao longo da vida, reconhece que, enquanto existe vida, ela desenvolve-se em diversas facetas, muitas das vezes até aos momentos finais.

Durante a realização das tarefas, o comportamento



NÚMERO

46

2021

deverá ser continuamente observado (Aragón, 2012) e é expectável a existência de mais resultados positivos (por exemplo, dar resposta verbal ou não verbal, manter os olhos abertos ou demonstrar afeto) comparativamente a momentos em que não está a ser realizada uma tarefa (Hensman et al., 2015). No caso específico das oscilações do humor, em situação de realização de atividade, este será tão melhor quanto maior for a sua interação ou quanto mais correspondida ela for (Beerens et al., 2018). Os autores acrescentam que, quando isso não acontece, desencadeia-se um efeito contrário, fazendo com que a pessoa não se sinta compreendida. Importa ainda salientar que, observar a pessoa com demência em momento de atividade, onde está num contexto privilegiado de expressão ou ver o que a mesma consegue produzir, pode influenciar positivamente as demais interações noutras alturas do dia (Windle et al., 2020).

O ESPAÇO PARA A PESSOAS COM DEMÊNCIA

Um ambiente adequado para a pessoa com demência não é apenas aquele que é confortável e seguro, mas também aquele que auxilia na regulação do comportamento, na medida em que estas pessoas são mais sensíveis à influência dos estímulos, de forma positiva ou negativa (Hoof et al., 2010; Hoof et al., 2016).

Atendendo às possibilidades de cada instituição e às normas de segurança, deve ser encontrado um equilíbrio para que a pessoa consiga ter alguns objetos que lhes são significativos (Hoof et al., 2016), bem como diferenciar a caracterização do espaço individual (como é o caso dos quartos) do espaço de grupo (como as salas ou os espaços de refeição) uma vez que há estímulos que podem ser benéficos para uma pessoa e prejudiciais para outra (Kris

et al., 2019). Quando se realizam alterações ao nível do espaço, é importante salientar que estas não devem ser abruptas nem muito frequentes, sob o risco de a pessoa deixar de reconhecer o local onde se encontra (Wong et al., 2014).

No que diz respeito à caracterização do espaço individual, deve ser dada à pessoa a possibilidade de personalizar o quarto ao seu gosto, permitir a construção de um espaço com mais identidade e promover a sensação de sentir-se em casa, trazendo objetos como fotografias ou quadros, que podem ajudar a que a pessoa se sinta mais perto da família e num ambiente mais caseiro, respetivamente (Hoof et al., 2016). É importante compreender que tornar o espaço significativo, não se traduz apenas numa melhoria estética, mas sim na criação de estímulo contínuo que dá pistas para estimular a memória e, conseqüentemente, a identidade (Hoof et al., 2016; Kris et al., 2019). Aqui, é de salientar a presença de objetos que permitam manter a realização de algumas tarefas, como máquinas de costura ou objetos de pintura, que podem ser duplamente importantes. Ou seja, por um lado, tornam o espaço mais acolhedor e, por outro, permitem que a pessoa continue a desempenhar tarefas que lhe são significativas (Hoof et al., 2016). Em ambientes institucionais, a presença de objetos como fotografias ou que contenham marcas autobiográficas, pode desencadear uma conversa entre a equipa e o residente, trazendo não só benefícios ao nível da comunicação, como da relação (Windle et al., 2020).

Quando o espaço não só é pobre em estímulos, mas tem também estímulos errados, pode tornar-se a causa de uma desregulação comportamental (Hoof et al., 2010), sendo exemplo disso estímulos visuais confusos, conseqüentes de uma má ilumi-

NÚMERO

46

2021

nação ou da presença de superfícies espelhadas, que podem desencadear alucinações (Leung et al., 2020; Wong et al., 2014). O mesmo se passa com estímulos sonoros, como ruídos parasitas recorrentes ou temperaturas desadequadas (Wong et al., 2014). Estes aspetos são importantes não só no quotidiano da pessoa, como em momento de sessão, onde o nível de ruído e de luminosidade influencia o desempenho da pessoa com demência (Cohen-Mansfield et al., 2020).

Para se fazer um melhor ajuste do espaço, há tópicos que podem ser analisados. Kusters et al. (2020) sugere uma análise entre formal/ informal, preenchido/ sem vida, prazeroso / não prazeroso, calmo / caótico, estimulante / desmotivador, harmonioso, tenso / acolhedor / frio, familiar / estranho, apropriado / problemático, acessível / inacessível. A par das características do espaço em si, é também de extrema importância compreender a interação da pessoa com demência com este (Kris et al., 2019). Assim, Wibelforce et al., (2019) propõem não só a avaliação das características do espaço, como da relação da pessoa com o espaço, através de uma análise a três níveis. Um primeiro nível relacionado com a segurança (a pessoa é reconhecida de acordo com a sua individualidade, tratada de forma adequada e mantida uma comunicação eficaz); com as propriedades do espaço (o lugar tem objetos que remetem para a ideia de casa, há estímulos visuais positivos, que se mantém cuidado); e com as possibilidades de interação (seja com as suas famílias, com equipa ou outras pessoas, se assim o desejarem).

A disposição dos objetos no espaço vai condicionar a ação da pessoa. Isto é, a pessoa com demência pode ter dificuldade em executar uma ação de forma sequencial, assim, se os objetos forem colo-

cados na ordem com que vão ser utilizados, será possível a pessoa ter uma melhor perceção do encadeamento da tarefa. Por outro lado, se a atenção da pessoa for direcionada para o objeto, este pode servir como pista indireta para ajudar a relembrar a pessoa do que está a fazer (Majlesi et al., 2019). Um aspeto fundamental do espaço, com relação direta com a qualidade das rotinas da pessoa, é a luminosidade do mesmo, uma vez que esta é uma forte condicionante da regulação do ritmo circadiano. Assumindo-se que, na demência, há uma maior possibilidade da desregulação sono vigília, não só por questões biológicas (não alteráveis), mas por aspetos inerentes às rotinas (nomeadamente, menor exposição solar), é fundamental atuar sobre estes últimos (Dal et al., 2019). A exposição à luz, que em espaços com menos luz natural pode ser compensada com lâmpadas que simulem a alteração desta, contribui para uma melhoria da qualidade do sono da pessoa (Dal et al., 2019; Figueiro et al., 2015). Este último exemplo, que relaciona uma característica do espaço com a qualidade do sono, permite perceber a influência de todos os fatores na qualidade de vida da pessoa com demência. Complementando, um estudo sobre pessoas idosas portuguesas, relacionou não só estes dois aspetos, como um menor tempo de participação em atividades, ou seja, quanto menos envolvidas estão as pessoas em atividades significativas, mais é o tempo de sono diurno, o que influencia negativamente o sono noturno (Silva et al., 2020). Assim, torna-se fundamental compreender a importância de não só criar um ambiente de interação positiva para a pessoa, assente numa comunicação adequada, como desenhar propostas em Gerontopsicomotricidade que se traduzam em atividades significativas.

NÚMERO

46

2021

A COMUNICAÇÃO, AS INTERAÇÃO E AS ROTINAS

Quando a interação com a pessoa com demência é positiva, isto é, a pessoa saudável, faz elogios, explica a atividade que vai desempenhar de forma verbal ou não verbal e mantém uma conversa, o bem-estar da pessoa aumenta significativamente, não só comparativamente à comunicação negativa, como à ausência de interação (Fauth et al., 2020). Aqui, é importante demonstrar às equipas que mesmo interações de curta duração, poderão ser o único momento de contacto que as pessoas com demência têm num longo período (Windle et al., 2020).

Especificando a questão da comunicação nesta fase da vida, é importante perceber-se que é natural que, com o tempo, a expressão verbal se vá perdendo, tornando-se um maior desafio para as equipas (Burshnic e Bourgeois, 2020; Conway e Chenery, 2016; Manen et al., 2021) privilegiando-se, assim, a não verbal (Manen et al., 2021), ou arranjando-se alternativas como suporte de imagem ou de texto (Burshnic e Bourgeois, 2020). O testemunho de algumas equipas demonstra já existir esta sensibilidade para a necessidade de reajustar a comunicação, recorrendo a estratégias como repetir perguntas, usar sinais não verbais e observar o olhar e a linguagem corporal (Windle et al., 2020).

Muitas vezes, a comunicação por parte das pessoas com este nível de demência, dá-se através dos comportamentos, que podem ir desde a agitação à apatia (Johnson et al., 2009). Se a pessoa não for capaz de comunicar, naquelas que são as suas possibilidades atuais, muito facilmente as suas necessidades passarão despercebidas, o que causará angústia e, possivelmente, uma desregulação no comportamento e, inclusive, a possibilidade de ser

encaminhada para uma urgência hospitalar sem essa necessidade (Johnson et al., 2009).

A comunicação deve sempre ser flexível, realizar-se com tempo e ter em atenção o local onde decorre (Manen et al., 2021). É importante garantir que a pessoa com demência percebe aquilo que lhe está a ser dito, pois só assim poderá responder de forma adequada (Burshnic e Bourgeois, 2020). Algumas estratégias nestes contextos passam por focar a atenção da pessoa naquilo que se lhe está a transmitir, demonstrar, também pela comunicação não verbal, disponibilidade para a interação, utilizar frases simples, dar à pessoa tempo de resposta, recorrer a pistas verbais (ajudar a encontrar uma palavra, repetir para melhor entendimento) ou, em alternativa, a não verbais (gestos ou expressões faciais), observar toda a expressividade da pessoa e incentivar a sua comunicação (Conway e Chenery, 2016). As pessoas com demência precisam de mais tempo para participar numa conversa e os tempos de espera, em que a pessoa está em silêncio para que possa entender e posteriormente comunicar, devem ser respeitados (Williams e Parker, 2012).

Por parte do cuidador, comunicar nesta fase com a pessoa com demência constitui um grande desafio, o que pode levar a que o cuidador use um tom mais alto e mais áspero, sobretudo quando está mais cansado e quando a pessoa com demência está mais exigente, no sentido de apresentar maior incompreensão cognitiva ou alteração comportamental (Petrovsky et al., 2019). Esta comunicação menos adequada poderá ser minimizada quando são ensinadas estratégias para melhorar este fator (Petrovsky et al., 2019), bem como dar significado às atitudes que o membro da equipa já apresenta (Windle et al., 2020).

NÚMERO

46

2021

A relação estabelecida entre as equipas e as pessoas com demência, que envolve uma carga emocional bastante forte, é determinante para potenciar a qualidade de vida das pessoas idosas, sendo esta maior na presença de cuidadores mais empáticos e sensíveis (Anderson e Blair, 2020). Aspectos aparentemente simples como respeitar a identidade, estimular e pedir a opinião da pessoa idosa, criar diálogos e a capacidade de escolha, num contacto mais flexível devem ser pontos a considerar, especificando estas estratégias às características de cada equipa e às possibilidades de gestão de tempo e outros recursos que cada uma apresenta (Kloos et al., 2020).

As pessoas com demência moderada a avançada, são muito vulneráveis e carecem de uma necessidade de apoio indiscutível, e a qualidade da relação envolvente, quer ao nível técnico, quer ao nível humano, é também influenciada pelo equilíbrio somatopsíquico da pessoa (Marcos e Burucoa, 2012) existindo, desde modo, uma relação cíclica entre este último, e a abordagem de cuidados, com profundo impacto no bem-estar da pessoa com demência e sucesso nos cuidados.

Observar interações (com as pessoas e com o contexto) e rotinas constitui uma grande ferramenta para encontrar novas estratégias na gestão de comportamentos que possam estar mais desadequados, sendo que o Psicomotricista com mais formação em Gerontopsicomotricidade terá um olhar mais crítico nesta avaliação (Vázquez e Mila, 2018).

MÉTODO

AMOSTRA

O espaço apresentado de seguida, refere-se a uma Unidade pensada e posta em prática para dar as-

sistência a pessoas com demência moderada a avançada, dentro de uma Residência Sénior, onde pessoas que já nela viviam, naturalmente evoluíram as suas condições clínicas, necessitando desta forma de uma necessidade de apoio maior e mais especificada.

Neste espaço pretende-se que exista um serviço de vigilância permanente, a par de um serviço clínico de apoio e de respostas terapêuticas em termos de estimulação constantes.

Perspetivava-se que a interação entre estes serviços e as características do próprio contexto físico culminem no bem-estar geral dos residentes, possibilitando que os mesmos possam permanecer nas instalações até ao seu fim de vida.

PROCEDIMENTO

A descrição do caso resulta da observação e análise crítica da equipa de Psicomotricidade, resposta que existe na residência há mais de uma década e neste contexto específico há mais de seis anos. Esta descrição, por sua vez, tem como fio condutor as ideias apresentadas na literatura, ao nível da descrição dos espaços pensados para a pessoa com demência, naquelas que são as diretrizes apoiadas pela equipa (técnica e não técnica) no que diz respeito à comunicação e interação com a pessoa com demência e o seu cuidador formal. Paralelamente, apresentam-se também as questões mais diretamente ligadas à intervenção específica do Psicomotricista em Gerontopsicomotricidade.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO ESPAÇO PESSOAL

Relativamente ao espaço pessoal de cada residente,

NÚMERO

46

2021

nomeadamente o quarto, à exceção da cama que tem um modelo hospitalar com colchões anti escaras, todas as restantes peças de mobiliário podem ser trazidas pelos residentes (alguns exemplos disso são aparadores, cómodas e sofás), a par de objetos decorativos e outros que permitem que a pessoa se mantenha ocupada. Pretende-se, neste espaço, garantir as condições de segurança, sem ter uma aparência hospitalar. Conforme descrito na literatura por Hoof et al., (2016) e Kris et al., (2019), considera-se que este espaço é positivo para as pessoas nesta fase na demência, uma vez que contém não só objetos decorativos autobiográficos, a par de objetos funcionais (Hoof et al. 2016). Por um lado, os objetos autobiográficos têm demonstrado que dão à pessoa a sensação de casa e, sobretudo, de segurança, sendo uma forma de regular o comportamento, sobretudo em momentos de maior desorientação. Por outro lado, o facto de existirem objetos significativos com uma funcionalidade associada, sejam livros, álbuns de fotografias ou materiais mais relacionados com tarefas manuais, permitem à pessoa manter-se ocupada em tempos onde não tem a presença do Psicomotricista ou de outra figura que possa auxiliar o desempenho de uma tarefa. Naturalmente, que pelo comprometimento que a pessoa já a presença nesta fase, a realização de uma tarefa sem este apoio, terá uma duração mais reduzida. Pela observação da equipa, é também possível verificar que a presença sobretudo de fotografias, desencadeia conversas com os residentes, tal como apontado por Windle et al., (2020) conversas que assim não serão apenas centradas nas necessidades básicas. Outra das preocupações passa, e conforme apontado por Wibelforce et al., (2019) que estes objetos estejam acessíveis à pessoa, não só estarem

expostos visualmente para que lhe gerem interesse, como estarem acessíveis caso os queira manipular.

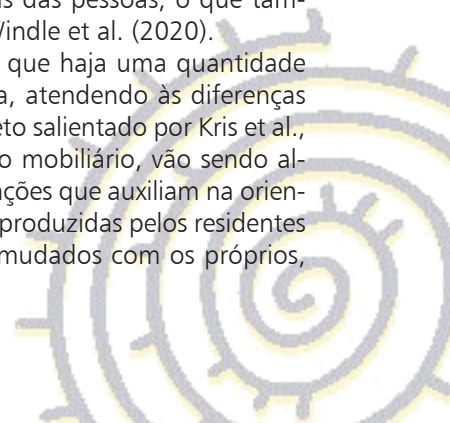
ESPAÇO COMUM

O espaço comum caracteriza-se por duas grandes zonas, uma de refeições e uma de estar, separadas entre si por uma estrutura circular, que não só permite criar um caminho sem fim de deambulação, como, por ser transparente, possibilita que a pessoa possa visualizar a totalidade do espaço.

Em todos os locais, há muita luz natural, permitindo a que a pessoa não só tenha uma exposição adequada à luz, como se aperceba melhor dos momentos do dia. A questão da exposição solar como reguladora do comportamento, é referida por Dal et al. (2019). É ainda de salientar a existência de um trajeto circular, ou seja, sem princípio nem fim, que permite a deambulação dos residentes.

Outros objetos que facilitam a orientação espaciotemporal são o calendário e o relógio. Neste espaço, é também de salientar a existência de um jornal de parede, com fotografias e textos dos residentes, onde simultaneamente é demonstrado à equipa as múltiplas competências das pessoas com demência. Ter um lugar onde são notórias as capacidades da pessoa com demência, parece potenciar uma melhor interação entre residentes e equipa, na medida em que esta última se apercebe de outras competências das pessoas, o que também é reforçado por Windle et al. (2020).

Neste espaço, tenta-se que haja uma quantidade de estímulos moderada, atendendo às diferenças entre cada pessoa, aspeto salientado por Kris et al., (2019). Assim, a par do mobiliário, vão sendo alteradas algumas decorações que auxiliam na orientação para a realidade, produzidas pelos residentes ao longo do tempo e mudados com os próprios,



NÚMERO

46

2021

de forma a não causar desorientação quando tal é alterado. A par disso, verificam-se outras características descritas na literatura como a ausência de estímulos visuais, sonoros ou de temperatura desadequados, que podem gerar desregulação comportamental (Leung et al., 2020; Wong et al., 2014).

A permanência dos residentes neste espaço reduz em muitos casos, a administração de terapêutica farmacológica utilizada em SOS, ou seja, não pausada, para controlo de sintomas comportamentais que, quando administrada, em muitos dos casos, resulta em prostração acentuada, impossibilitando os residentes da vida de relação que ainda usufruem quando não é aplicada esta terapêutica.

COMUNICAÇÃO, GESTÃO DE COMPORTAMENTOS E INTERAÇÕES A COMUNICAÇÃO

O trabalho direto com uma pessoa com demência pode ser muito desafiante, pois muitas das vezes, a mesma não consegue expressar vontades, intenções ou desconfortos. Nesse sentido, uma equipa bem treinada pode fazer toda a diferença na qualidade dos cuidados prestados. De seguida, são apresentadas algumas estratégias defendidas e trabalhadas em equipa e corroboradas pela literatura. A comunicação, seja ela verbal e não verbal, constitui-se como um dos fatores fundamentais no trabalho com pessoas com demência, na medida em que é através dela que se chega à pessoa, estabelecendo-se assim um elo que pode facilitar bastante a realização dos cuidados prestados ou mesmo da relação terapêutica. Da observação da prática, constata-se que o pensamento, a capacidade de análise e a integração de informação de uma pessoa com demência é bastante diferente,

por isso, é necessário utilizar estratégias que facilitem o entendimento da mesma por parte da pessoa. Este desafio é reforçado por vários autores (Burshnic e Bourgeois, 2020; Conway e Chenery, 2016; Manen et al., 2021) que também salientam a importância de se encontrarem alternativas à comunicação verbal. Estas estratégias de comunicação verbal e não verbal, que podem ser utilizadas pela equipa de cuidadores formais e terapeutas, são pontos chave no estabelecimento de uma relação eficaz entre cuidador e pessoa idosa.

Primeiramente, é importante que se fale ao mesmo nível que a pessoa com demência, para que este perceciono o cuidador ou terapeuta como igual, ou seja, caso a pessoa idosa esteja sentada, o cuidador deverá procurar contacto visual e sentar-se também, ou baixar-se para que fiquem ambos ao mesmo nível. Este aspeto traz segurança à pessoa com demência, sentindo que a pessoa que tem diante de si, não é alguém superior. A utilização de gestos e a demonstração constituem-se também como meios facilitadores da comunicação, pois a pessoa com demência, pode conseguir interpretar mais facilmente uma imagem do que uma frase. Algumas destas estratégias são também referidas por Windle et al. (2020), que salientam a importância do reajuste contínuo.

Já ao nível da comunicação verbal, é fundamental que se utilizem frases curtas e concretas, sem analogias ou metáforas, que muitas das vezes não são compreendidas pela pessoa com demência, deixando-as mais confusas ou desorientadas. Sabendo que a memória é uma das funções cognitivas altamente alteradas nas pessoas com demência, é fácil perceber que a repetição e a utilização de sinónimos é a base das estratégias de comunicação. Uma boa dicção e uma velocidade

NÚMERO

46

2021

de discurso mais lento constituem-se também como facilitadores da comunicação com pessoas com demência, sendo que na maioria dos casos, há a tendência para que as suas funções, sejam de integração ou de resposta, se tornem progressivamente mais lentas. Conway e Chenery (2016) enfatizam, igualmente, estes ajustes às características das frases, não se esquecendo que estas estratégias são acompanhadas da comunicação não verbal, anteriormente já especificada. Pela dependência que estas pessoas apresentam, há muitas vezes a tendência para que se infantilize o discurso. O discurso deve sim, ser adequado à pessoa com quem se comunica, tendo em conta o seu passado, a sua história, as suas vivências e os locais onde viveu, pela variação de vocabulário que existe em diferentes regiões do país.

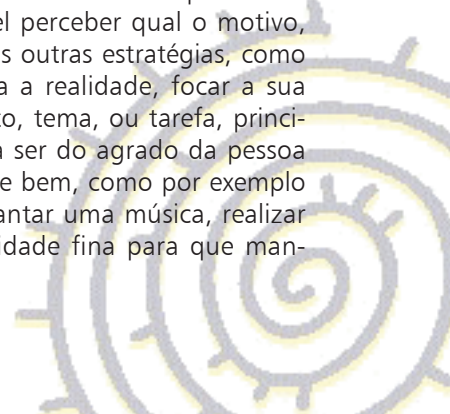
A GESTÃO DE COMPORTAMENTOS

A alteração de comportamentos é um sintoma geral, dos mais comuns nas pessoas com demência. Entre eles podem considerar-se a labilidade emocional, a agressividade, a desinibição, a adoção de comportamentos compulsivos, a recusa alimentar ou terapêutica, entre outros. Tal como indicam Johnson et al., (2009) o comportamento é um meio privilegiado de comunicação por parte das pessoas com demência moderada a avançada.

A terapia farmacológica está instituída na maioria das pessoas acompanhadas neste contexto e permite, na maioria dos casos, equilibrar esta alteração de comportamentos. No entanto, muitas vezes, é difícil encontrar um equilíbrio entre o bem-estar do residente, a descompensação comportamental e a prostração. Devido a esta dificuldade, salienta-se a ideia apresentada por (Kröger et al., 2015) sobre a importância de as decisões farma-

cológicas serem tomadas entre equipa multidisciplinar. Sabendo que no limite, a terapêutica farmacológica será eficaz na diminuição dos sintomas, esta não é por norma a primeira linha de atuação, na residência que descrevemos. Neste sentido, é importantíssimo dotar as equipas de ferramentas comportamentais e de atuação, para lidar com as alterações de comportamento, tão frequentes neste tipo de pessoas.

Resultante da observação deste contexto, estas estratégias passam por, muitas vezes, inibir estes comportamentos, focando a atenção do residente noutro tipo de tarefas ou assuntos. Quando a relação se faz de um para um, torna-se mais fácil pois há uma disponibilidade a cem por cento para essa pessoa, já em contexto de grupo, a disponibilidade será diferente, sendo que há mais tarefas e mais pessoas a quem dar atenção. Numa primeira fase, é fundamental tentar perceber qual o motivo da alteração de comportamento. Para uma pessoa com demência, sentir calor, vontade de ir à casa de banho, demasiada claridade ou não conhecer o espaço onde se encontra, pode constituir uma fonte de sofrimento impossível de expressar por palavras. Nessa situação, algumas das formas encontradas para o expressar podem ser despir-se (perante outras pessoas), querer insistentemente levantar-se, gritar ou chorar. Identificando o motivo, muitas vezes soluciona-se o problema. Quando não é possível perceber qual o motivo, podem ser encontradas outras estratégias, como orientar a pessoa para a realidade, focar a sua atenção noutro assunto, tema, ou tarefa, principalmente que se saiba ser do agrado da pessoa idosa ou às quais reage bem, como por exemplo mostrar fotografias, cantar uma música, realizar uma tarefa de motricidade fina para que man-



NÚMERO

46

2021

tenha as mãos e o pensamento focados na tarefa, por exemplo.

AS INTERAÇÕES

Ao nível das interações, existem estratégias adotadas nesta equipa que são fundamentais para facilitar a interação com estas pessoas, nomeadamente, apresentar-se e explicar o que vão fazer, no início de uma sessão, ou antes de iniciar uma tarefa ou uma prestação de cuidados. Para muitas destas pessoas, as alterações mnésicas fazem com que não se recordem de quem são os cuidadores e que tarefas desempenham. Nesse sentido fará toda a diferença dizer a pessoa apresentar-se e antecipar a tarefa que vai realizar. Naturalmente que todas estas estratégias devem ser adequadas à pessoa com demência em causa, à sua história, à sua personalidade e ao estado evolutivo da doença. Conforme indicam Fauth et al. (2020), otimizar a qualidade das interações aumenta, significativamente, o bem-estar da pessoa com demência.

Complementarmente, uma baixa rotatividade de cuidadores e terapeutas, tem-se mostrado bastante importante, pois quanto melhor se conhecer a pessoa com demência, mais fácil será conhecer as suas facilidades/dificuldades, as estratégias a adotar para uma maior colaboração, e a criação um vínculo de confiança e segurança sentido pela pessoa com demência.

CARACTERIZAÇÃO DAS ROTINAS

Pela análise da literatura, é possível compreender que nesta fase da demência todas as rotinas se influenciam fortemente entre si (Dal et al., 2019; Figueiro et al., 2015), assim o Psicomotricista como profissional dotado de uma capacidade de análise dos problemas e limitações evidenciados, descodi-

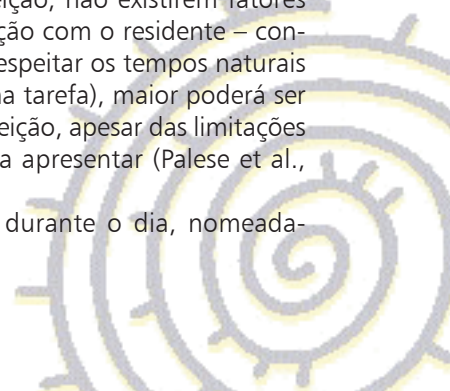
ficando-os e intervindo sobre eles, tem um papel importante não só para propor atividades que sejam significativas, como será detalhado mais à frente, como para ter um olhar crítico sobre todas as outras tarefas que compõe o dia da pessoa com demência. Assim, neste contexto, é possível destacar os seguintes momentos:

- Tempo de atividade dirigida (atividades terapêuticas ou acompanhamento da pessoa em atividades mais recreativas que lhe sejam significativas, como cuidar das plantas ou arrumar o seu espaço pessoal).

- Tempo em atividade não dirigida (quando a pessoa consegue fazê-lo, podem ser exemplos a leitura de revista, a realização de trabalhos de manuais ou o visionamento de um filme musicado).

- Tempo de refeição, que decorre sempre nos mesmos horários, mantendo-se os lugares onde cada pessoa faz a sua refeição, estes previamente definidos em função do perfil de cada indivíduo. Ceña et al. (2012) reforça, precisamente, que o horário da refeição é um ponto de referência na organização do dia, devendo ter em conta também o local onde a pessoa se sente bem nesse momento, sendo importante na organização da sala atender às características comportamentais de cada residente. Quanto mais positivo for o ambiente, na medida em que os estímulos são os desejáveis (seja a nível de espaço – ter apenas os objetos que serão necessários para a refeição, não existirem fatores distráteis; ou da interação com o residente – conhecer os seus gostos, respeitar os tempos naturais para a execução de uma tarefa), maior poderá ser a sua autonomia na refeição, apesar das limitações funcionais que já possa apresentar (Palese et al., 2020).

- Tempo de descanso durante o dia, nomeada-



NÚMERO

46

2021

mente, as sestas, relevantes na medida em que proporcionam uma alteração na posição corporal em que a pessoa tende a passar muitas horas, maioritariamente de sentado, que pode potenciar o aparecimento de feridas de pressão, sendo estas medidas preventivas, conforme indicam Courvoisier et al. (2018) as mais eficazes para fazer face a esta questão. Paralelamente, permitem a que a pessoa descanse, minimizando a possibilidade de grande cansaço ao final do dia, que pode ser responsável por uma grande alteração comportamental, a síndrome de sundowning, efeito descrito neste sentido por (Bedrosian e Nelson, 2013).

SESSÕES E ATIVIDADES

Compreender a pessoa com demência é aceitar que pode não ser mais a de outros tempos, porque tem reações diferentes, interpretações diferentes, age sobre o ambiente que o rodeia e com os outros de forma diferente, é ainda uma pessoa. Uma pessoa com um corpo que sente e que expressa, mas que muitas vezes não está mais capaz de demonstrar essa intencionalidade. Assim, cabe ao Psicomotricista redescobrir em conjunto com a pessoa com demência como dinamizar situações que redescubram essa intenção.

Por norma, há a tendência para estimular as pessoas com demência, no que respeita às várias dimensões (cognitiva, motora, emocional, social), pois sabe-se que o estímulo mantém e reabilita capacidades e, tal como indicam Liou et al. (2020) o declínio consequente da demência afeta várias áreas, sendo de extrema importância proporcionar atividades significativas (Beerens et al., 2018; Rocha et al., 2013). No entanto, há casos, em que este estímulo deve ser bem considerado, pois pode perturbar e desorientar a pessoa com demência,

por dificuldade ou mesmo incapacidade de gerir os estímulos, levando a alterações comportamentais como as referidas anteriormente. Nestes casos em que tal é observado, a equipa, opta por fazer sessões individuais com esta pessoa, gerindo melhor a “quantidade” de estímulo fornecido. A escolha para a integração numa modalidade, ou em ambas, é feita em função do perfil e da vontade do residente. Dada a instabilidade e disponibilidade comportamental deste perfil de pessoas, a calendarização das atividades (com exceção para atividades que possam implicar uma logística adicional ou colaboração de pessoas externas) é feita em função da postura que os residentes apresentam no próprio dia, privilegiando-se ou dinâmicas de grupo ou individuais.

Quando são realizadas sessões de grupo, estas têm como maior e mais transversal objetivo a interação, tanto a nível verbal, como não verbal. Frequentemente, estes momentos contemplam um momento de reconhecimento de todos os participantes e de observação do contexto; uma tarefa de ativação, com recurso a objetos de maiores dimensões que permita uma contínua interação não verbal entre os participantes, como paraquedas, bolas ou fitas elásticas; uma atividade com maior enfoque nas questões da comunicação verbal e memória, de curto ou de longo prazo, frequentemente realizada com música, por ser dos materiais que melhor serve o objetivo pretendido (a par de imagens com fotografias, textos ou objetos variados), mas também por otimizar o nível de vigília dos participantes; um último momento com uma conversa a explicar o que se realizará em seguida. Nas intervenções de cariz mais individual, procura-se dar ainda mais enfoque aos objetivos prioritários de cada pessoa. Não sendo possível especificar em

NÚMERO

46

2021

detalhe o conteúdo de cada sessão, importa diferenciar dois perfis, um em que estas sessões, a nível de objetivos, são complementar ao trabalho realizado em grupo, havendo não só um trabalho mais intensivo ao nível das competências necessárias como, muitas vezes, um mais enfoque em questões mais relacionadas com praxias construtivas e motricidade fina, mais eficazes quando não são realizadas em sessões em roda.

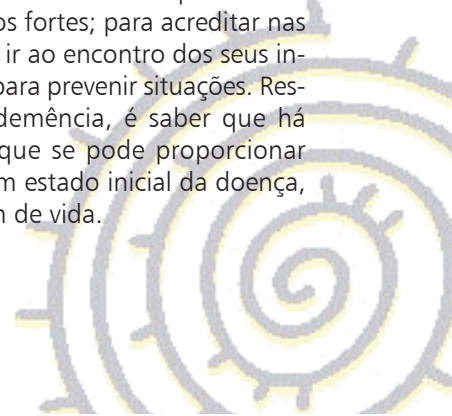
Por outro lado, há residentes para os quais a intervenção de grupo não é benéfica, seja por vontade destes, ou por já se encontrarem em fases ainda mais avançadas da demência, onde não só precisam de uma intervenção com um foco de atenção continuamente dirigido para si, como se trata sobretudo de promover conforto através de estímulos que são significativos, e muito variáveis de pessoa para pessoa. Alguns exemplos são a exploração de elementos significativos (fotografias, músicas, objetos decorativos ou funcionais que tenham feito para da sua vida), e de objetos sensoriais mais gerais (com diferentes temperaturas, cheiros ou texturas). Paralelamente, são de referir tarefas de mobilização, que permitam um reencontro com os limites corporais e a valorização do corpo e não exclusivamente do corpo que sente dor.

Neste contexto, as atividades de estimulação são diariamente aplicadas em função do estado geral do/dos residentes e tirando partido do contexto naquele dia. Por isso, facilmente se permite que existam várias tarefas ou pequenas tarefas decorrer em simultâneo com diferentes residentes, mesmo que não incluam todo o grupo, se isso significar a adesão, o interesse e foco na tarefa e acima de tudo o bem-estar do residente, traduzido pela ausência de desorientação, gritos, comportamentos desinibitó-

rios, desorientação espaço-temporal ou comportamentos alucinatórios, todos eles tão presentes em situações de demência moderada a avançada. Não raras vezes assiste-se ainda à redescoberta de capacidades que se encontravam adormecidas, como alguns talentos ou interesses específicos, ou até mesmo capacidades básicas que se julgavam já perdidas e não recuperáveis.

Todas estas escolhas vão ao encontro de alguns princípios enunciados na literatura, como partir daquele que é o interesse da pessoa, conjugando-se com os objetivos definidos para a mesma (Vázquez e Mila, 2018), encontrando-se atividades significativas que satisfaçam estas condições (Jones et al., 2020; Hensman et al., 2015; Thelander et al., 2008), em qualquer um dos momentos da progressão da demência em que a pessoa se encontre (Gaucher-Hamoudi e Guiose, 2007; Le Roux, 2001).

Fundamentalmente, em qualquer que seja a proposta apresentada à pessoa com demência, a relação constitui-se como a base de uma boa intervenção. Sem uma boa relação de confiança com o cuidador/terapeuta, todo o processo fica comprometido. O segredo do estabelecimento de uma boa relação, prende-se acima de tudo com o respeito pela pessoa com demência. Respeitar a pessoa com demência é conhecê-la tanto quanto possível: para saber evidenciar os seus pontos fortes e estimular os menos fortes; para acreditar nas suas capacidades; para ir ao encontro dos seus interesses e motivações; para prevenir situações. Respeitar a pessoa com demência, é saber que há sempre algo de bom que se pode proporcionar àquela pessoa, seja num estado inicial da doença, seja em pessoas em fim de vida.



NÚMERO

46

2021

LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

Ao nível das limitações deste estudo, destaca-se o facto de a observação ser realizada num único contexto, não permite generalizar resultados. Por outro lado, a inexistência de meios de avaliação que relacionem a influência direta dos fatores apresentados no comportamento da pessoa (atendendo à oscilação expectável que é esperada neste diagnóstico) não permite a existência de dados mais concretos. Ambas as questões constituem desafios interessantes para o futuro do conhecimento na Gerontopsicomotricidade, que deverá, cada vez mais, compreender a intervenção com a pessoa idosa em todos as fases do seu envelhecimento.

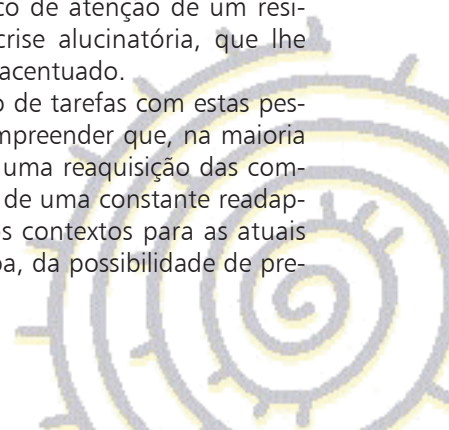
CONCLUSÃO

O acompanhamento em Gerontopsicomotricidade da pessoa com demência moderada a avançada envolve muitos outros aspetos, alguns deles dizem inclusive respeito aos processos de avaliação, definição de um plano terapêutico e de objetivos mais específicos, que naturalmente serão específicos para cada pessoa. Contudo, nesta população, não descurar as outras duas dimensões que aqui foram abordadas, pode constituir a base da intervenção e contribuir para criar condições quase ótimas para viver esta fase do envelhecimento e da doença.

Ainda que este documento diga respeito a uma realidade muito específica, que pode não ir ao encontro da maioria das realidades das residências para pessoas idosas em Portugal, há estratégias que poderão ser transportadas para diferentes casos. Por exemplo, ainda que sejam poucos os locais onde as pessoas tenham um espaço pessoal só seu, é importante que a pessoa possa ter alguns objetos significativos, de forma mais exposta, ou possuindo uma caixa de memórias, que podem ser

somente para fins decorativos, como materiais utilizados em sessões de Gerontopsicomotricidade. Por outro lado, ao nível das interações, é importante ressaltar que o trabalho de sensibilização das equipas para as questões ligadas ao comportamento e à comunicação, é uma tarefa contínua, que poderá ser assegurada pelo Psicomotricista, na medida em que entende o processo de envelhecimento da pessoa idosa e consegue explicar porque se expressa e comporta de determinadas formas, encontrando estratégias para tal. Esta partilha é tão mais rica quanto mais pessoas forem envolvidas, na medida em que os elementos da equipa interagem com a pessoa em momentos diferentes, onde esta poderá ter oscilações de comportamento. Em termos de recursos humanos, no contexto descrito, tem sido perceptível que o facto de os serviços serem maioritariamente prestados pelo mesmo grupo de cuidadores e terapeutas torna a relação terapêutica e de cuidados bastante mais forte, gerando sentimentos de segurança e confiança por parte de residentes e cuidadores. A relação permite conhecer a pessoa de quem se cuida a fundo, desde os seus gostos e interesses que por vezes servem de base ou podem até ser utilizadas como estratégias de abordagem, como pormenores técnicos mais específicos que permitem vestir ou transferir o residente de forma mais confortável, ou ainda desviar o foco de atenção de um residente, durante uma crise alucinatória, que lhe causa um desconforto acentuado.

Quando à dinamização de tarefas com estas pessoas, é importante compreender que, na maioria das vezes, não existirá uma reaquisição das competências. Trata-se sim de uma constante readaptação das tarefas e dos contextos para as atuais competências da pessoa, da possibilidade de pre-



NÚMERO

46

2021

servação e, essencialmente, da promoção do bem-estar e da sua individualidade, independentemente das alterações já decorridas devido ao processo demencial.

Por fim, estruturas como a aqui enunciada contribuem para a manutenção e o prolongamento da vida com a maior qualidade possível, permitindo ainda o acompanhamento das pessoas com demência até ao seu fim de vida, num espaço contendor e de conforto, rodeado dos seus pertences, junto dos seus cuidadores formais de referência e sempre que possível dos familiares, e em muitos casos, ao som de músicas, poesias, que se sabe previamente terem alto impacto no bem-estar dessa pessoa. Através do estabelecimento de uma relação terapêutica, baseada na visão holística do ser humano, na comunicação, no respeito e no sentimento de capacidade, o Psicomotricista pode fazer a diferença no bem-estar e qualidade de vida das pessoas com demência. Ao atuar sobre o corpo, atuando de forma direta com a pessoa ou indireta, melhorando as suas rotinas e contexto, estimulam-se funções e desencadeiam-se sensações e experiências que constituem o resultado da intervenção. Em suma, perspetiva-se a maior segurança, o maior conforto, e acima de tudo a maior dignidade até ao fim.

BIBLIOGRAFÍA

- American Psychiatric Association [APA]. (2013). Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais DSM-5 (5.^a ed., responsável pelas traduções Maria Luísa Figueira em 2014). Lisboa: Climepsi Editores.
- Aflalo, J., Coccagna, V., Kaempf, S., Krebs, Z., De Laforcade, B., Mallet, S., Martin, P., Narbonne, M., Poute de Puybaudet, C., Thenin, N., Vizzavona, J. (2016). *Psychomotricité en soins palliatifs*. *Médecine Palliative*, 15(4), 226-234. <https://doi.org/10.1016/j.medpal.2016.03.004>
- Anderson, K. e Blair, A. (2020). Why we need to care about the care: A longitudinal study linking the quality of residential dementia care to residents' quality of life. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, 91. <https://doi.org/10.1016/j.archger.2020.104226>
- Aragón, M. B. Q. (2012). *Psicomotricidad: Guía de evaluación e intervención*. Madrid: Ediciones Pirámide
- Bedrosian, T.A. e Nelson, R.J. (2013). Sundowning syndrome in aging and dementia: Research in mouse models. *Experimental Neurology*, 243, 67-73. <http://doi.org/10.1016/j.expneurol.2012.05.005>
- Beerens, H.C., Zwakhalen, S.M.G., Verbeek, H., Tan, F.E.S., Jolani, S., Downs, M., Boer, B., Ruwaard, D. e Hamers, J.P.H. (2018). The relation between mood, activity, and interaction in long-term dementia care. *Aging & Mental Health*, 22(1), 26-32. <http://dx.doi.org/10.1080/13607863.2016.1227766>
- Branquinho, C. e Espadinha, C. (2019). Gerontopsicomotricidade na comunidade: um projeto piloto da AEFMH. *Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales*, 44, 26-42.
- Burshnic, V.L. e Bourgeois, M.S. (2020). A Seat at the Table: Supporting Persons with Severe Dementia in Communicating Their Preferences. *Clinical Gerontologist*, 7, 1-14. <https://doi.org/10.1080/07317115.2020.1764686>
- Ceña, D.P., Iglesias, M.E.L., Pérez, J.M.C., Pérez, D.G., Calero, C.G., Peñas, C.F. (2012). Is the mealtime experience in nursing homes understood?

NÚMERO

46

2021

- A qualitative study. *Geriatrics & Gerontology International*, 13(2), 482-489. <http://10.1111/j.1447-0594.2012.00925.x>
- Cohen-Mansfield, J. (2020). The impact of environmental factors on persons with dementia attending recreational groups. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 35(2), 141-146. <https://doi.org/10.1002/gps.5210>
 - Conway, E.R. e Chenery, H.J. (2016). Evaluating the MESSAGE Communication Strategies in Dementia training for use with community-based aged care staff working with people with dementia: a controlled pretest-post-test study. *Journal of Clinical Nursing*, 25(7), 1145-1155. <http://10.1111/jocn.13134>
 - Courvoisier, D.S., Righi, L., Béné, N., Rae, A.C., e Chopard, P. (2018). Variation in pressure ulcer prevalence and prevention in nursing homes: A multicenter study. *Applied Nursing Research*, 42, 45-50. <https://doi.org/10.1016/j.apnr.2018.06.001>
 - Dal, E.V.L., Snaphaan, L. e Bongers, I. (2019). Biodynamic lighting effects on the sleep pattern of people with dementia. *Building and Environment*, 150, 245-253. <https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2019.01.010>
 - Fauth, E.B., Meyer, K.V. e Rose, C. (2020). Co-occurrence of positive staff interactions and positive affect in memory-care residents: An observational study. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 35(7), 759-769. <http://dx.doi.org/10.1002/gps.5299>
 - Figueiro, M.G., Hunter, C.M., Higgins, P.A., Hornick, T.R., Jones, G.E., Plitnick, B., Brons, J. e Rea, M.S. (2015). Tailored lighting intervention for persons with dementia and caregivers living at home. *Journal of the National Sleep Foundation*, 1, 322-330. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sleh.2015.09.003>
 - Gaucher-Hamoudi, O. e Guiose, M. (2007). *Soins Palliatifs et Psychomotricité*. Paris: Éditions Heures de France.
 - Henskens, M., Nauta, I.M., Drost, K.T., Milders, M.V. e Scherder, E.J.A. Predictors of care dependency in nursing home residents with moderate to severe dementia: a cross-sectional study. *International Journal of Nursing Studies*, 92, 47-54. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2018.12.005>
 - Hensman, M., Mudford, O.C., Dorrestein, M. e Brand, D. (2015). Behavioral evaluation of sensory-based activities in dementia care. *European Journal of Behavior Analysis*, 16(2), 295-311. <http://dx.doi.org/10.1080/15021149.2015.1085693>
 - Hoof, J., Kort, H., Duijnste, M., Rutten, P. e Hensen, J. (2010). The indoor environment and the integrated design of homes for older people with dementia. *Building and Environment*, 45, 1244-1261. <http://10.1016/j.buildenv.2009.11.008>
 - Hoof, J., Janssen, M.L., Heesakkers, C.M.C., Kersbergen, W., Severijns, L.E.J., Willems, L.A.G., Marston, W.H.R., Janssen, B.M. e Nieboer, M.E. The importance of personal possessions for the development of a sense of home of nursing home residents. *Journal of Housing For the Elderly*, 30(1), 35-51. <http://dx.doi.org/10.1080/02763893.2015.1129381>
 - Johnson, A., Chang, E., Daly, J., Harrison, K., Noel, M., Hancock, K. e Easterbrook, S. (2009). The communication challenges faced in adopting a palliative care approach in advanced dementia. *International Journal of Nursing Practice*, 15, 467-474. <http://10.1111/j.1440-172X.2009.01795.x>
 - Jones, C., Liu, F., Murfield, J. e Moyle, W. (2020). Effects of non-facilitated meaningful activities for

NÚMERO

46

2021

- people with dementia in long-term care facilities: A systematic review. *Geriatric Nursing*, 20, 1-9. <http://doi.org/10.1016/j.gerinurse.2020.06.001>
- Kloos, N., Drossaert, C.H.C., Trompetter, H.R., Bohlmeijer, E.T. e Westerhof, G.J. (2020). Exploring facilitators and barriers to using a person centered care intervention in a nursing home setting. *Geriatric Nursing*, 41, 730-739. <https://doi.org/10.1016/j.gerinurse.2020.04.018>
 - Kusters, J., Kunz, M., Bosch, K.A.V.D., Andringa, T.C., Zuidema, S.U., Luijendijk, H.J. e Janus, S.I.M. (2020). Validation of a modified ambiance scale in nursing homes. *Aging & Mental Health*, 3, 1-7. <https://doi.org/10.1080/13607863.2020.1747049>
 - Kris, A.E. e Henkel, L. A. (2019) The Presence of Memory-Enriched Environments for Cognitively Impaired Nursing Home Residents. *Journal of Housing For the Elderly*, 33(4), 393-412. <https://doi.org/10.1080/02763893.2019.1597802>
 - Kröger, E., Wilchesky, M., Marcotte, M., Voyer, P., Morin, M., Champoux, N., Monette, J., Aubin, M., Durand, P.J., Verreault, R. e Arcand, M. (2015). Medication Use Among Nursing Home Residents With Severe Dementia: Identifying Categories of Appropriateness and Elements. *Journal of the American Medical Directors Association*, 16, 1-17. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jamda.2015.04.002>
 - Le Roux, F. (2001). Psychomotricité et fin de vie. In Albaret, J.-M. e Aubert, E. (Ed.). *Vieillesse et Psychomotricité* (pp. 155-180). Marseille: SOLAL.
 - Leung, M.Y., Wang, C. e Wei, X. (2020). Structural model for the relationships between indoor built environment and behaviors of residents with dementia in care and attention home. *Building and Environment*, 169. <https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2019.106532>
 - Liou, W.C., Chang, L., Hong, C.T., Chi, W.C., Yen, C.F., Liao, H.F., Chen, J.H. e Liou, T.S. (2020). Hand fine motor skill disability correlates with dementia severity. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, 90, 1-6. <https://doi.org/10.1016/j.archger.2020.104168>
 - Majlesi, A.R., Ekström, A. e Hydén, L.C. (2019). Spatiotemporal arrangement of objects in activities with people with dementia. *Logopedics Phoniatrics Vocology*, 44(1), 31-40. <https://doi.org/10.1080/14015439.2018.1556771>
 - Manen, A., Aarts, S., Metzelthin, S.F., Verbeek, H., Hamers, J.P.H. e Zwakhalen, S.M.G. (2021). A communication model for nursing staff working in dementia care: Results of a scoping review. *International Journal of Nursing Studies*, 113. <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2020.103776>
 - Marcos, I. & Burucoá, B. (2012). Une approche spécifique de la psychomotricité en situation palliative. *Revue internationale de soins palliatifs*, 2(2), 73-76. <https://doi.org/10.3917/inka.122.0073>
 - Matilla-Mora, R., Martínez-Piédrola, R. M. e Huete, J. F. (2016). Eficacia de la terapia ocupacional y otras terapias no farmacológicas en el deterioro cognitivo y la enfermedad de Alzheimer. *Revista Española de Geriátria y Gerontología*, 51(6), 349-356. <http://doi.org/10.1016/j.regg.2015.10.006>
 - Menne, H.L., Johnson, J.D., Whitlatch, C.J., Schwartz, S.M. (2012). Activity Preferences of Persons With Dementia. *Activities, Adaptation & Aging*, 36, 195-213. <http://doi.org/10.1080/01924788.2012.696234>

NÚMERO

46

2021

- Palese, A., Gonella, S., Grassetti, L., Longobardi, M., Caro, A., Achil, I., Hayter, M. e Watson, R. (2020). What nursing home environment can maximise eating Independence among residents with cognitive impairment? Findings from a secondary analysis. *Geriatric Nursing*, 41(6), 709-716. <https://doi.org/10.1016/j.gerinurse.2020.03.020>
- Petrovsky, D.V., Sefcik, J.S., Hodgson, N.A. e Gitlin, L.N. (2019). Harsh communication: characteristics of caregivers and persons with dementia. *Aging & Mental Health*, 24(10), 1709-1716. <http://10.1080/13607863.2019.1667296>
- Reisberg, B., Ferris, S.H., Leon, M.J. e Crook, T. (1982). The global deterioration scale for assessment of primary degenerative dementia. *American Journal of Psychiatry*, 139, 1136-1139. <http://dx.doi.org/10.1176/ajp.139.9.1136>
- Rocha, V., Marques, A., Pinto, M., Sousa, L. e Figueiredo, D. (2013). People with dementia in long-term care facilities: an exploratory study of their activities and participation. *Disability and Rehabilitation*, 35(18), 1501-1508. <http://doi.org.10.3109/09638288.2012.742677>
- Silva, R.M., Afonso, P., Fonseca, M. e Teodo, T. (2020). Comparing sleep quality in institutionalized and non-institutionalized elderly individuals. *Aging & Mental Health*, 24(9), 1452-1458. <https://doi.org/10.1080/13607863.2019.1619168>
- Thelander, V.B; Wahlin, R., Olofsson, L., Heikkilä e Sonde, L. (2008). Gardening activities for nursing home residents with dementia. *Advances in Pysiotherapy*, 10, 53-56. <http://doi.org.10.1080/14038190701256469>
- Vázquez, S. e Mila, J. (2018). *Gerontopsicomotricidad: Especialización de la psicomotricidad*. Ediciones Corpora.
- Wilberforce, M., Sköldunger, A. e David Edvards-son, D. (2019). A Rasch analysis of the Person-Centred Climate Questionnaire – staff version. *BMC Health Services Research*, 19, 1-9. <https://doi.org/10.1186/s12913-019-4803-9>
- Williams. C.L. e Parker, C. (2012). Development of an Observer Rating Scale for Caregiver Communication in Persons with Alzheimer's Disease. *Issues in Mental Health Nursing*, 33, 244–250. <http://doi.org.10.3109/01612840.2011.653040>
- Windle, G., Skaife, K.A., Caulfield, M., Jones, L.P., Killick, J., Zeilig, H. e Tischler, V. (2020). Enhancing communication between dementia care staff and their residents: an arts-inspired intervention. *Aging & Mental Health*, 24(8), 1306-1315. <http://10.1080/13607863.2019.1590310>.
- Wong, J., Skitmore, M., Buys, L. e Wang, K. (2014). The effects of the indoor environment of residential care homes on dementia suffers in Hong Kong: A critical incident technique approach. *Building and Environment*, 73, 32-39. <http://dx.doi.org/10.1016/j.buildenv.2013.12.001>
- World Health Organization. (2021). Palliative Care. <https://www.who.int/health-topics/palliative-care>



LUTOS E AS POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

GRIEF AND POSSIBILITIES OF PSYCHOMOTRICITY INTERVENTION: LITERATURE REVIEW

Fernanda da Conceição Zanin y Susana Veloso Cabral

DATOS DE LAS AUTORAS

Fernanda da Conceição Zanin es Mestre en Psicología por Universidad Federal de Paraná (UFPR - Brasil), graduada en Psicología por UFPR, formación en Psicanálisis y Formación en Psicomotricidade Escolar y Clínica Aquática por Curso de Formación Profesional Água y Vida. Actúa en Psicología Clínica, Psicomotricidad clínica y docente del Curso de Formación Profesional Água y Vida.

Dirección de contacto: ferczanin@gmail.com

Susana Veloso Cabral es Psicóloga pela Universidade Católica de Minas Gerais. Fue estudiante da Université Paris VI -CHU Pitié Salpêtrière donde obtuvo el certificado de capacidade em Reeducação Psicomotora. Es Psicomotricista Relacional pela Escola Internacional de Psicomotricidade Relacional e Associação para o estudo da Comunicação e Relação y Psicomotricista titular e de honra da Associação Brasileira de Psicomotricidade. Especialista em Clínica Infantil e em Psicomotricidade pelo CRP 04 MG y Especialista em Educação Especial Inclusiva.

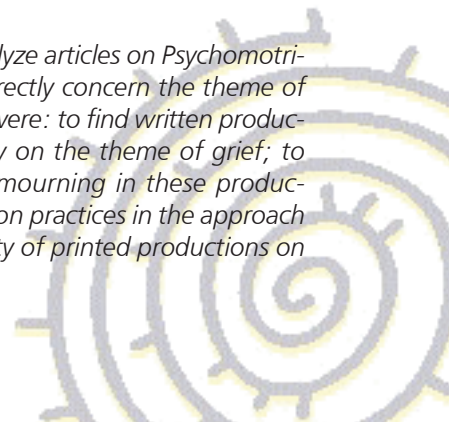
Dirección de contacto: sucabral148@gmail.com

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar artigos da Psicomotricidade que abordam, direta ou indiretamente, o tema luto. Tendo como objetivos específicos: encontrar produções escritas da Psicomotricidade sobre o tema luto; localizar o conceito de luto nessas produções; e levantar as práticas de intervenção na abordagem ao luto. Por uma escassez de pro-

ABSTRACT

This study aimed to analyze articles on Psychomotricity that directly or indirectly concern the theme of grief. The specific aims were: to find written productions of Psychomotricity on the theme of grief; to locate the concept of mourning in these productions; and list intervention practices in the approach to grief. Due to a scarcity of printed productions on



NÚMERO

46

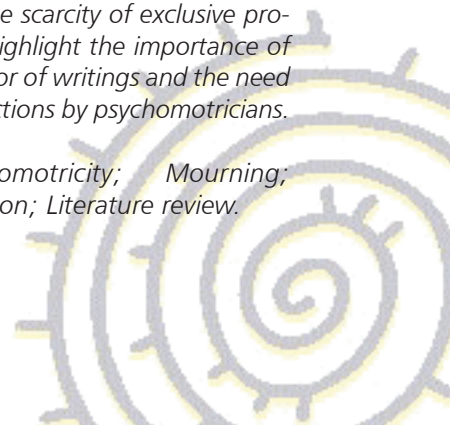
2021

duções impressas sobre o tema, optamos pela pesquisa online somada às produções impressas encontradas. Utilizamos duas fontes de extração das publicações online: site da biblioteca SCIELO e o site da Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP). Através da SCIELO, localizamos dois artigos: "Desempenho da marcha de idosos praticantes de psicomotricidade" (Santos et al., 2014) e "A contribuição da estimulação psicomotora para o processo de independência do deficiente visual" (SOARES et al., 2012). Pelo site da ABP encontramos quatro artigos: "A imagem corporal e a marca da doença no corpo da criança" (Cabral, 2018), "Agressividade, Educação e Psicomotricidade" (Ferreira, 2018), "A psicomotricidade no trabalho interdisciplinar com a criança portadora de síndrome: por uma mudança de olhar" (Filgueiras, 2018), e "Corpo e tempo: diálogos entre psicomotricidade e musicoterapia no envelhecimento" (Silva, 2019). Quanto à produção impressa, encontramos "Morte, brincar e hospitalização na infância: entre Tanatos e Eros" (Costa, 2017). Os artigos encontrados tratam, de modo direto e/ou indireto, de lutos, perdas e defasagens dos pacientes a respeito do seu corpo. Para tanto, as propostas de intervenção englobaram trabalhar: imagem corporal e esquema corporal do paciente; idealização dos familiares mediante diagnóstico ou adoecimento dos pacientes; ampliação da visão da equipe da Saúde e da Educação para com o paciente/aluno; e elaboração de luto também por parte do psicomotricista. Frente à escassez de produções exclusivas sobre luto, ressalta-se a importância da ABP como divulgadora dos escritos e a necessidade de mais produções escritas por parte dos psicomotricistas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicomotricidade; Luto; Intervenção psicomotora; Revisão bibliográfica.

the theme, we opted for online research added to the printed productions found. We used two sources to extract online publications: the SCIELO library website and the website of the Brazilian Association of Psychomotricity (ABP). Through SCIELO, we located two articles: "Gait performance of elderly practitioners of psychomotricity" (Santos et al., 2014) and "The contribution of psychomotor stimulation to the independence process of the visually impaired" (Soares et al., 2012). Through the ABP website we found four articles: "The body image and the mark of the disease on the child's body" (Cabral, 2018), "Aggressiveness, Education and Psychomotricity" (Ferreira, 2018), "Psychomotricity in interdisciplinary work with the child with a syndrome: for a change of look" (Filgueiras, 2018), and "Body and time: dialogues between psychomotricity and music therapy in aging" (Silva, 2019). As for the printed production, we found "Death, play and hospitalization in childhood: between Tanatos and Eros" (Costa, 2017). The articles found deal, in a direct and/or indirect way, with patients' griefs, losses, and lags regarding their bodies. To this end, the intervention proposals included working on: body image and body schema of the patient; idealization of family members upon diagnosis or illness of patients; expansion of the vision of the Health and Education team towards the patient/student; and mourning elaboration also by the psychomotor therapist. Faced with the scarcity of exclusive productions on grief, we highlight the importance of the ABP as a disseminator of writings and the need for more written productions by psychomotricians.

KEYWORDS: Psychomotricity; Mourning; Psychomotor Intervention; Literature review.



NÚMERO

46

2021

INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA

No decorrer de nossos estudos e práticas inseridas no campo da Psicomotricidade, notou-se o frequente atendimento a crianças e adolescentes com algum tipo de necessidade especial, que recorriam a essa terapêutica com o intuito de tratamento com intervenção psicomotora. Dentro de tais necessidades, é possível deparar-se com pessoas com deficiência física em diferentes membros, deficiência mental em graus variados, transtornos do desenvolvimento global de diferentes níveis, deficiências auditivas e visuais em graus distintos e síndromes com múltiplas complexidades. Além do mais, em alguns desses casos, não se tinha um diagnóstico fechado ou realizado por uma equipe (inter) multidisciplinar, para corroborar as suspeitas das defasagens apresentadas pelo sujeito.

Dentro de nossas práticas, chamou atenção o caso de um paciente de 9 anos de idade, do sexo masculino, com diagnóstico de Transtorno do Especto Autista. Uma criança apontada como não-verbal, sendo que os outros profissionais que lhe acompanhavam, após anos de intervenção, optavam pela comunicação através do uso de figuras impressas. No entanto, depois de sete meses de acompanhamento psicomotor aquático, a criança passou a verbalizar palavras condizentes com o que desejava sinalizar aos profissionais. Através da relação transferencial estabelecida com a criança, as sessões e o desenvolvimento da mesma evoluíram.

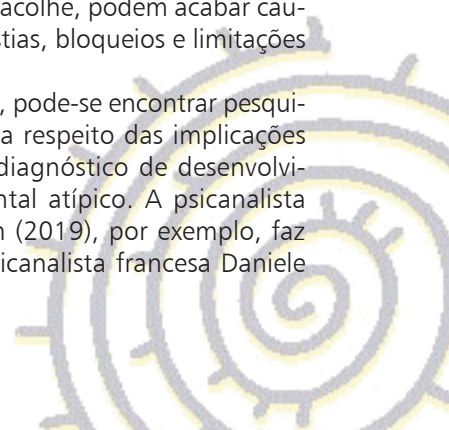
Um grande marcador dessa mudança foi quando a criança estava desejosa de sentir a pressão das bolhas e o movimento da água em torno de seu corpo, por repetidas vezes, e lhe foi dada a condição de continuar recebendo esses estímulos, sempre e quando emitisse algum som próximo à

palavra “mais”: palavra acordada com a criança para que a mesma sinalizasse que queria mais daqueles estímulos, que para ela eram estímulos sensoriais de auto-regulação. O menino consentiu com a proposta, uma vez que a ele lhe foi sinalizado que havia disponibilidade do outro em captar seu desejo e foi dado incentivo para que esse fosse verbalizado. A escuta dos desejos da criança, possibilitada através da relação transferencial estabelecida, foi um elemento fundamental para fazer marcas no corpo da mesma e base para que ela respondesse.

A cada verbalização era feita uma grandiosa comemoração e lhes eram dados os estímulos. Em apenas duas sessões, a criança evoluiu de uma não verbalização para “aaa”, posteriormente para “aais” e finalmente para “maaaais”. Foi notória a felicidade sentida pela criança ao verbalizar, se ver capaz de falar, se fazer entender em seu desejo e poder realizá-lo.

Frente à multiplicidade de situações enfrentadas por pessoas com necessidades especiais, revelam-se dúvidas, medos e incertezas por parte do sujeito quanto a sua situação, condição e capacidade (Bonfim, 2019). A partir de sua relação em comunidade, o sujeito depara-se com suas diferenças. Diferenças essas que, em alguns casos, de acordo com o tamanho das implicações e conforme a comunidade as trata e as acolhe, podem acabar causando no sujeito angústias, bloqueios e limitações maiores ainda.

Nesse sentido, inclusive, pode-se encontrar pesquisas e relatos de casos a respeito das implicações para um sujeito com diagnóstico de desenvolvimento físico e/ou mental atípico. A psicanalista brasileira Flávia Bonfim (2019), por exemplo, faz uso da pesquisa da psicanalista francesa Daniele



NÚMERO

46

2021

Silvestre (1996 apud Bonfim, 2019) para apontar que o paciente pode fundir-se em seu diagnóstico, restringindo sua identidade a sua condição de saúde, esquecendo-se enquanto sujeito: *“Uma identificação tão maciça ocupa de tal forma a vida psíquica do sujeito a ponto de mais nada existir”* (p. 5).

Ambas as autoras (1996, apud Bonfim, 2019; Bonfim, 2019) compactuam com a ideia de que, em alguns casos, os pacientes com doença crônica ou deficiência, precisam de acompanhamento psicológico para trabalhar o resgate do sujeito enquanto ser, um sujeito para além de um diagnóstico que lhe foi dado. Tal posicionamento das pesquisadoras é reforçado pelas mesmas através da ideia de que a atenção ao estado emocional e afetivo do paciente também se faz necessária por esse passar por um processo de luto de seu corpo idealizado – corpo aqui apontado no sentido tanto de estado físico quanto mental. Em outras palavras, as autoras sugerem um tratamento direcionado à identificação do sujeito com sua deficiência ou doença, ressaltando a importância de consolidar e assomar o desejo do sujeito. Para tanto, é necessário trabalhar o luto do corpo idealizado desse sujeito.

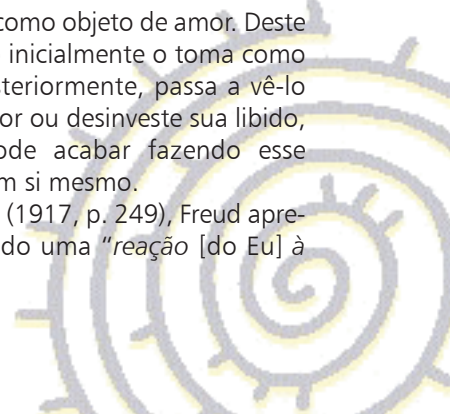
Tendo em conta nossa formação em Psicanálise e o uso que alguns seguimentos da Psicomotricidade fazem do olhar enfocando o sujeito, a concepção de perda de um corpo idealizado apresentada aqui é feita dentro do conceito freudiano de luto [1]. O termo luto, enquanto sinônimo de perda, falta e morte, foi constantemente utilizado por Sigmund Freud no decorrer de sua obra, porém somente no texto “Luto e Melancolia” (Freud, 1996, [1917]) o psicanalista aprofundou explicita e diretamente suas elucubrações sobre a temática. Para melhor discutir sobre luto, Freud destacou alguns concei-

tos, como o Eu e o objeto de amor – ou seja, os investimentos libidinais do sujeito, fundamentais para sua constituição enquanto ser. Para essa discussão, Freud também resgatou seus estudos sobre o Narcisismo, abordando-o como o estágio em que o próprio Eu é tomado pelo sujeito como objeto de amor. Estádio esse que pode ser dinâmica e simultaneamente investido e desinvestido.

Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1996, [1914]), Freud nos aponta que em um dos estádios da constituição do Eu é necessário que o sujeito se faça objeto para si mesmo. Ou seja, a libido toma a si mesmo como objeto de amor. O conceito de objeto de amor é compreendido como sendo aquele pelo qual o sujeito tem um enredamento, um amor, um vínculo ao qual o sujeito investe seu amor e desejo. Esse objeto escolhido, podendo ser ele mesmo, outra pessoa, um objeto imaterial ou uma situação vivida, é captado pelo sujeito como seu, pertencente a si e constituinte de si.

Retornando ao ato de tomar a si mesmo como objeto de amor, Freud (1996, [1914]) também destaca que esse mesmo amor, também pode ser um desamor. Todo o investimento amoroso narcísico também pode voltar-se ao ódio a si, com o sujeito chegando a abandonar ou aniquilar a si mesmo. No entanto, seja ele amor ou desamor, antes que o próprio sujeito tome a si como objeto de investimento, é necessário que ele tenha sido tomado pelas figuras parentais como objeto de amor. Deste modo, quando o outro inicialmente o toma como objeto de amor e, posteriormente, passa a vê-lo como objeto de desamor ou desinveste sua libido, o sujeito também pode acabar fazendo esse mesmo investimento em si mesmo.

Em “Luto e Melancolia” (1917, p. 249), Freud apresenta o luto como sendo uma “reação [do Eu] à



NÚMERO

46

2021

perda” e enquanto *“afeto da dor”* frente a uma perda. O processo de luto se inicia a partir da perda de um objeto de amor do sujeito e causa neste um estado de desânimo penoso, uma dificuldade temporária em adotar um novo objeto de amor e um desinteresse por atividades ou temas que não estejam relacionados ao objeto perdido – o sujeito costuma ser absorvido em pensamentos e ações que envolvam tal objeto perdido. Freud destaca que é necessário um trabalho psíquico de perda, um trabalho do luto - tarefa lenta e dolorosa através da qual o sujeito não só renuncia ao objeto idealizado, como também o transforma, ele se refaz no jogo com o objeto, dando espaço para um objeto de amor mais próximo à realidade.

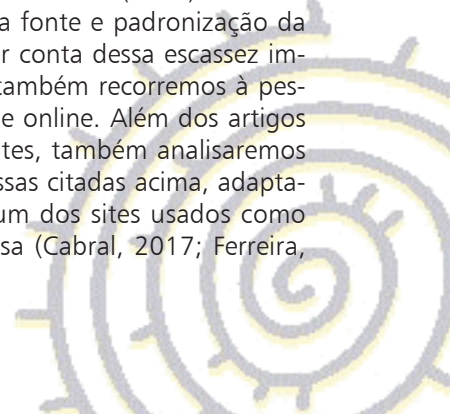
Como apontado pela francesa Françoise Dolto (2017) e Dolto e Nasio (2008), uma criança é tomada desde o ventre como objeto de amor pelos pais, sendo idealizada, investida de um modo que seus pais projetam seus desejos, vontades e expectativas nesse novo ser. Ao nascer e com o passar dos anos esse sujeito idealizado “cai”. Nesse processo, seja em sua fase infantil, adolescente ou adulto, o sujeito passa a ter espaço para se revelar. Com o nascimento de uma criança com necessidade especial, essa criança projetada como seu objeto de investimento e amor, nada ou pouco responde ao que os pais tanto haviam idealmente desejado. A partir de então, faz-se necessário um trabalho com as figuras parentais e a própria criança para que os desejos idealizados sejam revelados e, com isso, reconfigurações sejam possíveis.

Ao se deparar com as práticas da formação em Psicomotricidade e tendo em vista a perspectiva da Psicanálise sobre luto, questionamo-nos a respeito da forma como a Psicomotricidade pode trabalhar

as perdas vividas pelo sujeito. Frente a esse questionamento, porém também dentro de uma limitação espacial e temporal para a realização do presente estudo, optamos por realizar um estudo teórico através de revisão teórica de produções científicas da Psicomotricidade. Assim, estabeleceu-se como objeto geral analisar produções escritas da Psicomotricidade que abordem, direta ou indiretamente, o tema luto. Para tanto, os objetivos específicos propostos foram: encontrar produções escritas da Psicomotricidade que abordem, direta ou indiretamente, o tema luto; localizar o conceito de luto abordado pela Psicomotricidade; e localizar as práticas de intervenção realizadas Psicomotricidade na abordagem do sujeito enlutado.

METODOLOGIA

Antes de apresentar as escritas que sustentaram nossa pesquisa, cabe salientar que encontramos poucas produções impressas, seja em livros, revistas ou periódicos, que abordem na área da Psicomotricidade o tema luto direta ou indiretamente. Dessas produções, encontramos o capítulo de livro “Morte, brincar e hospitalização na infância: entre Tanatos e Eros”, de Eduardo Costa (2017), e os artigos “A imagem corporal e a marca da doença no corpo da criança”, de Susana Veloso Cabral (2010) e “Agressividade, Educação e Psicomotricidade”, de Carlos Alberto de Mattos Ferreira (2009). Por uma necessidade de foco na fonte e padronização da mesma, bem como por conta dessa escassez impressa de produções, também recorreremos à pesquisa em sites virtuais e online. Além dos artigos encontrados em tais sites, também analisaremos duas produções impressas citadas acima, adaptadas e localizadas em um dos sites usados como nossa fonte de pesquisa (Cabral, 2017; Ferreira,



NÚMERO

46

2021

2018). Acessamos o capítulo impresso do livro e o consideramos de relevância para o tema estudado (Costa, 2017).

O primeiro site eletrônico consultado com produções científicas foi o da *Scientific Electronic Library Online*, SCIELO. Optamos por essa referência uma vez que se trata da maior biblioteca eletrônica do país. Esta consiste numa fonte de origem brasileira, porém com registros e acessos a revistas e periódicos científicos de todo o mundo, em diversos idiomas e áreas de conhecimento. O site possui um programa de busca que permite procurar as produções conforme a área de conhecimento e/ou palavra-chave. Para nossa pesquisa, optamos pela busca via palavra-chave, uma vez que a Psicomotricidade não é considerada uma área de conhecimento autônoma no site.

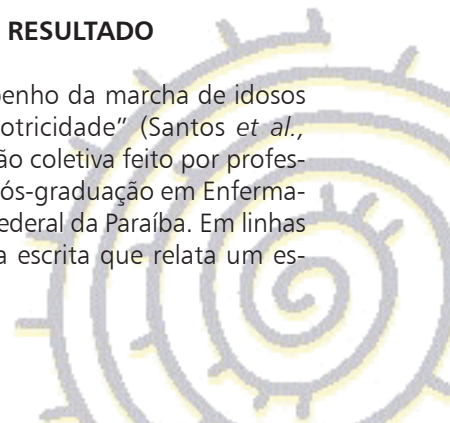
Em agosto de 2020, ao realizar a busca através da palavra "Psicomotricidade" foi possível localizar 19 artigos: os quais estavam em português (15), em espanhol (3) e em inglês (1); bem como, localizados em revistas de áreas como Psicologia (8), Pedagogia (5), Educação Física (2), Enfermagem (1), Fonoaudiologia (1), Saúde Coletiva (1) e Terapia Ocupacional (1). Quando se fez a procura conjugada entre "Psicomotricidade" e "Luto", não foi encontrado artigo algum. Deste modo, optamos por ler integralmente os artigos, de modo a verificar se os temas apresentados nos mesmos incluíam alguma discussão referente a luto. Além deste modo de seleção, também elegemos somente os artigos em revistas brasileiras, uma vez que nossa discussão, neste momento, se limita ao tema dentro da Psicomotricidade brasileira. Soma-se a isso o fato de que nossa segunda fonte de busca de produções, o site da ABP, é um espaço da Psicomotricidade nacional.

Após a leitura dos 15 artigos localizados em revistas brasileiras, nos deparamos com dois artigos que avaliamos estarem aptos a nossa pesquisa, são eles: (A1) "Desempenho da marcha de idosos praticantes de psicomotricidade", de Santos e colaboradores (2014); e (B1) "A contribuição da estimulação psicomotora para o processo de independência do deficiente visual", de Soares e colaboradores (2012).

A segunda fonte de escritas científicas online foi o site da Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP). Optamos pelo mesmo uma vez que a ABP se propõe a ser divulgadora e incentivadora da Psicomotricidade brasileira enquanto profissão e ciência. A busca no site foi realizada no mês de setembro de 2020, dentro da seção "Artigos", fazendo uso da palavra-chave "Luto". Através de tal processo, foi possível localizar quatro artigos: (A2) "Corpo e tempo: diálogos entre psicomotricidade e musicoterapia no envelhecimento", de Laryane Silva (2019); (B2) "A psicomotricidade no trabalho interdisciplinar com a criança portadora de síndrome: por uma mudança de olhar", de Eleonora Oliveira Filgueiras (2018); (C2) "Agressividade, Educação e Psicomotricidade", de Carlos Alberto de Mattos Ferreira (2018); e (D2) "A imagem corporal e a marca da doença no corpo da criança", de Susana Veloso Cabral (2018).

DESENVOLVIMENTO: RESULTADO E DISCUSSÃO

O artigo (A1) "Desempenho da marcha de idosos praticantes de psicomotricidade" (Santos *et al.*, 2014), foi uma produção coletiva feito por professores e estudantes de pós-graduação em Enfermagem, da Universidade Federal da Paraíba. Em linhas gerais, trata-se de uma escrita que relata um es-



NÚMERO

46

2021

tudo gerado, em 2011, na Clínica Escola de Fisioterapia da universidade. Esse estudo foi realizado com 15 idosos, através dos quais foi constatado que a inclusão de atividade psicomotora na rotina do tratamento fisioterapêutico surtiu efeito e melhorias na marcha desses sujeitos.

Foi possível constatar que o olhar integrador da Psicomotricidade permitia que os estudantes de fisioterapia pudessem ver aos idosos para além de suas faltas causadas no corpo por conta do envelhecimento: foi possível proporcionar um olhar que permite ver o idoso como sujeito único, íntegro em todas suas faculdades e que expressa emoções, que podem lhe ajudar ou prejudicar em seu desempenho e habilidade motores.

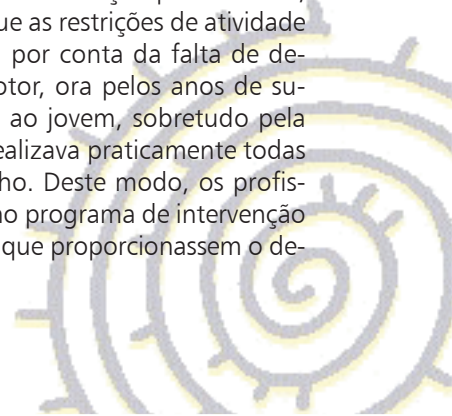
Somado ao tratamento fisioterapêutico, foram incluídas oito semanas de intervenção psicomotora (duas vezes na semana, 40 minutos por sessão) com dinâmica de grupo, jogos lúdicos e jogos competitivos. Os autores não descrevem especificamente como foram realizadas as atividades, porém destacam que incluíram a Psicomotricidade como um meio de resgatar as capacidades e potencialidades dos corpos desses sujeitos, mesmo frente às perdas e declínios reais. Em linhas gerais, apontam que com essas intervenções trabalhou-se a imagem corporal e o esquema corporal do idoso, a ponto de notar a melhoria na marcha e, conseqüentemente, redução do número de quedas.

Os autores não apresentaram uma definição ou explanação do conceito de luto, porém o apontam acompanhado da ideia de perda da força, perda da capacidade física e limitações corporais. Dessa maneira, podemos perceber que o trabalho a partir dessas perdas e faltas do corpo por meio da Psicomotricidade permitiu ampliar a concepção dos interventores a respeito do envelhecimento, bem

como, reverteu na obtenção de melhorias e benefícios aos sujeitos idosos. Apontando assim, a importância da inclusão da Psicomotricidade no tratamento também dos idosos.

A segunda produção analisada foi (B1) “A contribuição da estimulação psicomotora para o processo de independência do deficiente visual”, de Soares e colaboradores (2012). O artigo trata da realização de um estudo de caso, em que foi aplicado um programa de estimulação psicomotora, em um indivíduo com 23 anos de idade, diagnosticado com deficiência visual desde a infância. Esse estudo foi realizado no Laboratório de estimulação Psicomotora da Universidade Federal de Viçosa, com atividades psicomotoras para estimulação de orientação e mobilidade, visando a sua autonomia e independência.

Os autores, sob a perspectiva da Psicomotricidade, compreendem que o deficiente visual, se não estimulado adequadamente, pode ter comprometimento psicomotor severo uma vez que a visão colabora no desenvolvimento global do indivíduo. Através desse estudo de caso, foi possível avaliar a veracidade de tal compreensão. O paciente do estudo, antes da aplicação das atividades psicomotoras, apresentava pouca autonomia, realizando sozinho somente o vestir-se e o pentear seu cabelo. Soares e colaboradores (2012), por meio de entrevistas com os familiares e avaliação psicomotora, também perceberam que as restrições de atividade cotidiana ocorriam ora por conta da falta de desenvolvimento psicomotor, ora pelos anos de superproteção da família ao jovem, sobretudo pela mãe do paciente que realizava praticamente todas as atividades para o filho. Deste modo, os profissionais acrescentaram no programa de intervenção não somente exercícios que proporcionassem o de-



NÚMERO

46

2021

envolvimento psicomotor direto do paciente, mas também atividades que incluíssem a família.

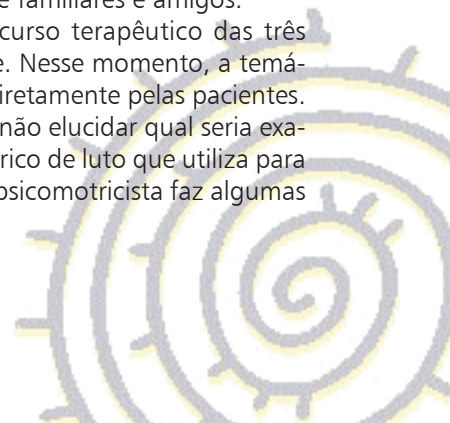
Ainda que os autores não relatem diretamente um processo de luto passado pela família e pelo paciente após a perda da visão na infância, bem como não apresentem um conceito de luto, Soares e colaboradores (2012), apostavam na ideia de que a família também modelou a dependência do jovem a partir de uma crença limitante de incapacidade do sujeito e de uma impossibilidade de ser autônomo. Limitação essa iniciada a partir de um diagnóstico de deficiência real e verdadeira, porém a qual foi tomada como sinônimo de desqualificação generalizada do indivíduo diagnosticado.

A intervenção durou três meses, com atividades realizadas uma vez na semana por 50 minutos. Dentre as práticas executadas estão atividades que colaboraram, sobretudo, com a orientação espaço-temporal e com a exploração dos demais sentidos preservados, por exemplo: locomoção com rotas planejadas com uso de bengala adaptada e, posteriormente, inclusão e troca de obstáculos para que o paciente estabelecesse sozinho novas rotas; e jogos com objetos com guizo para encontro dos mesmos. As intervenções resultaram em melhorias no desempenho motor do paciente e em acréscimo e ampliação do repertório de afazeres autônomos e atividades realizadas de modo independente pelo paciente (Soares *et al.*, 2012). Ainda que os autores não tenham relatado especificamente como se deu o trabalho com a família do paciente, foi possível notar que a perspectiva de se trabalhar toda a dinâmica familiar do paciente foi fundamental ao desenvolvimento da autonomia dele. A crença limitante de um corpo que não se aproximava de um corpo idealizado passou a um corpo da realidade, com potencialidades a serem exploradas.

O primeiro artigo encontrado no site da ABP (A2) "Corpo e tempo: diálogos entre psicomotricidade e musicoterapia no envelhecimento", foi escrito pela psicomotricista e musicoterapeuta Laryane Silva (2019). Trata-se de uma escrita publicada nos anais do "I Congresso internacional de Psicomotricidade e XIV Congresso brasileira de Psicomotricidade", realizado no Rio de Janeiro, em 2019. A autora faz relatos de fragmentos de sessões de casos atendidos por ela mesma. O foco de Silva (2019) está em seu modo de realizar suas intervenções, com uso da Psicomotricidade e Musicoterapia para o trabalho terapêutico com os pacientes. Em seu relato, é possível notar que a autora utiliza, sobretudo, o cantar, dançar e recordar músicas e melodias para trabalhar memórias, silêncios, sons e movimentos do corpo.

Diretamente, a autora não tem intenção de focar seu escrito na temática do luto, porém, os fragmentos escolhidos pela mesma revelam que os próprios pacientes trataram em suas sessões de algumas perdas que ocorreram no transcorrer das intervenções terapêuticas. O primeiro caso trata-se de três irmãs com faixa etária entre 90 e 86 anos de idade. No decorrer das sessões, a autora nota que o resgate das memórias revela consigo a temática do envelhecimento. Essa, por sua vez, se desdobra, dentre outros temas, em luto do corpo e em luto pela perda de familiares e amigos.

No transcorrer do percurso terapêutico das três irmãs, uma delas falece. Nesse momento, a temática do luto é tratada diretamente pelas pacientes. Apesar de Silva (2019) não elucidar qual seria exatamente o conceito teórico de luto que utiliza para intervir e interpretar, a psicomotricista faz algumas indagações:



NÚMERO

46

2021

Estariam ameaçados com a presença do vazio e da ausência de Od [nome fictício da paciente]. Como permanecer presente diante da ausência do outro? Como não romper com a realidade diante da morte de alguém que ama? [...] seria possível reconstruir um espaço simbólico com outras estruturas a partir de uma ruptura tão intensa como a morte de Od? Seria suportável para elas recomençar um encontro onde as condições as colocassem todo o tempo em contato com a presença deste Outro e com a dor de sua ausência? (Silva, 2019, s/p).

Mais adiante, com as colocações feitas pela autora, fica evidente também estar falando de si enquanto terapeuta psicomotora dessas três pacientes: "(...) estava atenta às percepções internas do meu próprio corpo e os conflitos gerados desta vivência afetiva" (2019, s/p). A autora também deu espaço ao seu próprio luto frente ao falecimento de uma delas, dando a si um tempo e distanciamento do contato e das sessões com as pacientes, não as procurando e aguardando seus retornos espontâneos.

Silva (2019) relata que as duas irmãs demandaram o retorno das sessões e que durante o trabalho, no começo, resgataram verbalmente lembranças da irmã falecida. Houve muito choro e também muita risada. Posteriormente, onde a palavra já não mais dava conta de simbolizar, seus corpos em movimento representavam e expunham a perda a partir da dança de músicas escolhidas por elas, que remetiam a irmã perdida.

Nesse mesmo artigo, a autora também apresenta mais um caso. Desta vez, trata-se de uma paciente que ela acompanha há um ano e meio, com diag-

nóstico de Alzheimer há 10 anos. Através desse caso, a autora aponta diversos lutos vividos cotidianamente pela paciente: com seu próprio corpo, antes ativo, proativo e vívido, e agora dependente e de mobilidade dificultada; com a perda dos familiares e amigos que faleceram e cujos lutos eram revividos a cada vez que a relembavam deles; com o (re)encontro com familiares e amigos que já não apresentavam mais a mesma aparência física como ela os recordava; e com as mudanças espaciais que não recordava terem acontecido, como troca de casa em que mora. Além do mais, a autora também ressalta os efeitos do diagnóstico nos familiares próximos (duas filhas e o marido), que não são mais recordados e cuja presença era, constantemente, apontada pela paciente como estranha ou indesejada.

Feito o resgate desse artigo, podemos notar que indiretamente Silva (2019) nos brinda com uma temática de grande importância para os pacientes: lutos e elaborações através da prática psicomotora. Em seu escrito podemos perceber que o tema luto é tratado e trabalhado no que diz respeito às perdas dos pacientes, assim como aos impactos dessas em seus familiares e também nos efeitos que essas perdas têm no próprio profissional psicomotor.

A produção escrita (B2) "A psicomotricidade no trabalho interdisciplinar com a criança portadora de síndrome: por uma mudança de olhar", foi realizada pela psicomotricista Eleonora Oliveira Filgueiras (2018). Nessa produção, a autora trata de algumas implicações no desenvolvimento biológico, social e psicológico de uma criança portadora de alguma síndrome, seja ela gerada a partir de uma alteração neurológica e/ou genética. Para tanto, dadas as interferências no desenvolvimento desse sujeito, Filgueiras (2018) também enfatiza a

NÚMERO

46

2021

importância de uma intervenção interdisciplinar com essa criança e seus familiares. No decorrer do artigo, a autora apresenta a temática do luto de modo direto e indireto.

Filgueiras (2018) perpassa diretamente pelo tema ao falar do processo pelo qual os pais dessa criança passam ao se deparar com as diferenças apresentadas por seu filho, em comparação com as demais crianças. Nas palavras da autora (s/p):

as expectativas dos pais em relação a este bebê são frustradas de forma avassaladora. Este fato pode levar a uma falta de investimento dos pais nas potencialidades da criança, pois o vínculo pais-bebê corre o risco de ser afetado ou mesmo de ficar impossibilitado de ocorrer.

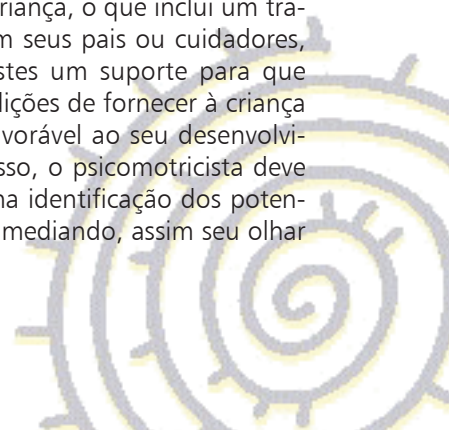
O impacto do diagnóstico, bem como a maneira como os pais e o entorno social dessa criança irão olhar e tratar a mesma é fundamental para o desenvolvimento da imagem corporal dela e para o amadurecimento de seu esquema corporal. Cabe comentar que a autora se utiliza de fontes de base da teórica psicanalítica para sustentar o conceito de imagem corporal e esquema corporal, como a francesa Françoise Dolto e o inglês Donald Winnicott. Filgueiras (2018) sintetiza que a imagem corporal é um processo de constituição inconsciente e, a seguir, consciente pelo qual o sujeito, desde seus primeiros dias de vida, em suas primeiras relações, cria marcas psicocorporais. Essa imagem é formada a partir da visão e olhar que o outro tem a respeito desse ser humano em formação. Dito de outro modo, as primeiras impressões sobre si, passam sob a expectativa, perspectiva e aposta que o outro faz nessa criança. Essa imagem sobre si é

atualizada no decorrer da vida, fundamentada nessa base inicial, mas que também pode ser atualizada ou modificada a partir de novas relações sociais estabelecidas.

O esquema corporal é resumido pela autora também como um processo que se constitui como estrutura, porém baseado na experiência e aprendizagem corporal da criança. Esquema esse que pode ser notado e trabalhado de modo direto nesse sujeito. No entanto, a base do esquema corporal também perpassa pela imagem corporal que a criança tem de si. Em outras palavras, a leitura daquela experiência, vivência e aprendizado corporal direto são atravessados pela lente da imagem corporal de si.

Para tanto, Filgueiras salienta a importância do processo de luto desses sujeitos envolvidos no crescimento da criança, sobretudo de seus pais (2018, s/p):

os pais precisam passar por um processo de luto pelas expectativas frustradas (que são vividas como perdas) para poderem abrir espaço para novas expectativas através das quais possam recuperar a capacidade de simbolizar sobre a criança, independente de suas limitações orgânicas ou marcas corporais. (...) Ou seja, o psicomotricista precisa, antes de tudo, trabalhar sobre a Imagem Corporal desta criança, o que inclui um trabalho direto com seus pais ou cuidadores, oferecendo a estes um suporte para que possam ter condições de fornecer à criança um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Além disso, o psicomotricista deve auxiliar os pais na identificação dos potenciais da criança, mediando, assim seu olhar sobre ela.



NÚMERO

46

2021

Nesse sentido, a autora enfatiza que a terapêutica da Psicomotricidade, para além de visar uma intervenção psicomotora, uma vez que vê ao sujeito de uma forma integradora, também está em proporcionar a mediação das crianças com o mundo a seu redor. Justamente uma vez que essa criança pode estar inserida em um contexto em que ela é vista como:

atravessada pelo sintoma, ficando colada a este, bem como ao diagnóstico. (...) Desta forma a criança passa a ocupar o lugar de objeto de cuidados, ficando reduzida ao sintoma/diagnóstico, perdendo-se de vista o Sujeito. Muitas vezes a criança é até mesmo referida pelo nome da Síndrome que porta em vez de o ser pelo seu próprio nome. Estes fatos podem acontecer com tal força que os adultos, seus cuidadores, não conseguem vê-la simplesmente como criança para além do sintoma e/ou diagnóstico. Quando isso ocorre, engessa-se a possibilidade de uma simbolização e consequentemente a imagem do Sujeito fica aprisionada ao diagnóstico que a síndrome traz consigo. As necessidades de cuidados especiais reforçam ainda mais a objetivação da criança, interferindo significativamente na sustentação da imagem do Sujeito.

A Psicomotricidade se faz necessária para intervir na descoberta de que há uma criança, um ser humano, um sujeito por trás aquele diagnóstico e sintomas, e que este pode explorar seus potenciais e alavancar seu desenvolvimento a partir de suas capacidades.

Ainda sobre essa “intervenção mediadora”, a au-

tora propõe que se trabalhe não somente com os pais e cuidadores, mas que também se volte a colaborar na construção e manutenção de uma visão integradora dos demais profissionais da saúde e da educação que atuam cotidianamente com essa criança. Nas palavras de Filgueiras (20218, s/p): *“não basta ao psicomotricista ver a criança por trás da síndrome, é preciso que ele assuma um papel de mediador para que pais, escola e outros profissionais que lidam com a criança possam se apropriar desse olhar”*.

No percorrer do artigo, Filgueiras (2018) não apresenta um conceito de luto, porém podemos apontar que o artigo aborda a necessidade de intervenção psicomotora no que diz respeito ao corpo em processo de luto, por não responder a um ideal, a uma expectativa, sobretudo dos cuidadores daquele sujeito em tratamento. Deste modo, a autora enfatiza a importância de se trabalhar diretamente com a criança assim como, em alguns momentos, faz-se imprescindível trabalhar com os pais, os cuidadores e os demais profissionais para se colaborar no avanço do processo terapêutico do paciente.

(C2) “Agressividade, Educação e Psicomotricidade” foi o artigo de autoria do psicomotricista, psicólogo, psicanalista e fonoaudiólogo Carlos Alberto de Mattos Ferreira (2018). Tal produção foi uma adaptação do artigo, com o mesmo título, do livro “Psicomotricidade na Saúde” (Ferreira y Heinsius, 2010). Nessa produção, o autor visou apresentar a agressividade do adolescente enquanto elemento da constituição do sujeito e, deste modo, discutir a necessidade desta compreensão para se pensar na intervenção da psicomotricidade como promotora de saúde dentro da Educação. Ao se estudar o artigo, é possível notar que o luto não é tema

NÚMERO

46

2021

principal, porém optamos por mantê-lo em nossa pesquisa pelo fato do autor apresentar o luto como um dos elementos colaboradores para a revelação da agressividade do sujeito.

Tendo em vista o entendimento psicanalítico (Freud ([1930], 1996) de que a agressividade faz parte do sujeito enquanto uma reação ao que lhe ocorre, seja essa agressividade expressa ou contida, direcionada para si ou para o outro, Ferreira (2018) aponta que o adolescente pode manifestar sua agressividade através do Bullying. Compreendendo o Bullying como um ato de oprimir, excluir, rechazar, humilhar, intimidar, expor, ameaçar e maltratar àquele outro que explicita e representa para ele uma diferença com a qual ele não dá conta de olhar e assumir que há também em si mesmo. É comum que o Bullying seja direcionado à pessoa por conta de sua orientação sexual, classe social, religião, posicionamento político, raça, cor de pele e deficiência.

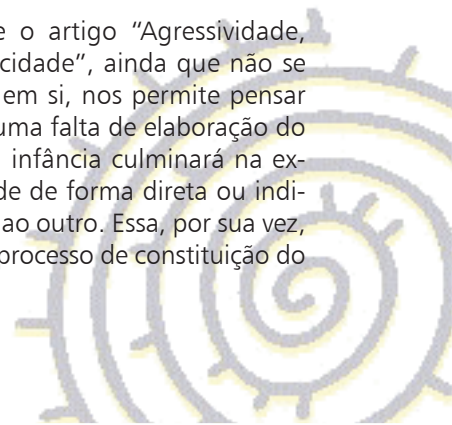
A agressividade expressa pelo Bullying, segundo o autor (Ferreira, 2018) também pode emergir na adolescência por conta do luto pela perda da infância e a incompatibilidade do ser visto e ver a si mesmo como um adulto. O limbo no qual se encontra o adolescente revela que ele experimenta sentimentos de faltas e vazios, sendo que estes, por sua vez, geram dúvidas, incômodos e questionamentos acerca de si mesmo. Apesar de Ferreira (2018) não descrever o que compreende por “luto pela infância”, este é apontado como um dos facilitadores para a busca do adolescente por uma “tribo”, na qual encontra outros membros com os quais se identifica em seus questionamentos e sentimentos. Essa seria uma maneira de tentar apaziguar suas inquietudes.

Ferreira (2018) alerta que a agressividade pode ter

uma resolução saudável ao utilizá-la para a construção de uma autonomia de si através do trabalho, esporte e arte, por exemplo. Porém, dependendo de como a agressividade for tomada pelo outro, assim como, do contexto social, econômico e cultural em que o adolescente está inserido, a mesma pode ser direcionada para a violência. Neste caso, a potência agressiva desse sujeito pode ser conduzida para atos ilícitos, infrações e confrontos com a lei.

O autor apresenta a situação de que toda essa agressividade será manifesta também no ambiente escolar. Deste modo, Ferreira (2018) questiona a compreensão que o educador tem desse momento de vida do adolescente, apontando que o papel desse adulto pode ser fundamental para o direcionamento da agressividade. E, nesse sentido, o psicomotricista que atua na Educação, pode ser um suporte importante para a leitura, a compreensão e a intervenção dos educadores: o psicomotricista pode fazer intervenções diretas ou colaborar na construção de projetos e de ações cotidianas que visem observar e escutar o adolescente; acolher suas angústias e questões; contribuir na criação e promoção de jogos simbólicos que permitam expressar a agressividade e dar uma via de elaboração da mesma; e auxiliar na criação de espaços de expressão dos sentimentos e afetos que afligem os adolescentes.

Podemos apontar que o artigo “Agressividade, Educação e Psicomotricidade”, ainda que não se detenha ao tema luto em si, nos permite pensar nas consequências de uma falta de elaboração do mesmo. Essa perda da infância culminará na expressão da agressividade de forma direta ou indireta, dirigida para si ou ao outro. Essa, por sua vez, pode ser prejudicial ao processo de constituição do



NÚMERO

46

2021

sujeito, dificultando todo seu desenvolvimento enquanto ser humano, refletindo inclusive em seu aprendizado.

O último artigo encontrado no site da ABP é intitulado (D2) "A imagem corporal e a marca da doença no corpo da criança", da psicomotricista, psicanalista e psicóloga Susana Veloso Cabral (2018). Nessa produção, Cabral retrata casos e discussões teóricas, baseados em anos de sua experiência profissional, a respeito das marcas nos corpos das crianças após tratamentos e internamentos hospitalares, bem como, os efeitos dessas vivências na imagem corporal dessas crianças. No tocante a nossa pesquisa, a temática luto foi tratada de modo direto e indireto nos estudos de casos trazidos no decorrer do texto.

Em meio às discussões práticas e teóricas sobre as intervenções e a elaboração das vivências hospitalares, a autora debateu de modo indireto e direto a vivência dos lutos sentidos pelas crianças durante os internamentos. As intervenções psicomotoras relatadas por Cabral (2018) visaram auxiliar da melhor maneira possível, com menos dano possível, a experiência corporal tida pela criança internada e refletida na imagem corporal de si mesma.

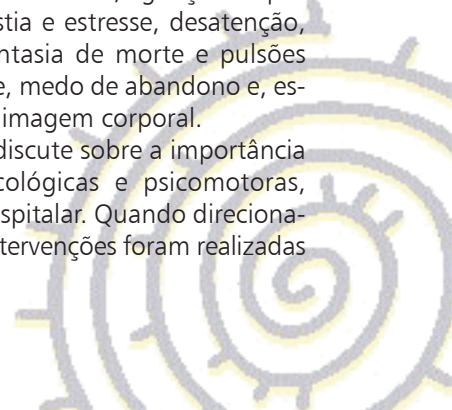
Antes de adentrar na vivência hospitalar das crianças, a autora apresenta a discussão acerca da imagem corporal enquanto uma imagem inconsciente formada através das experiências e vivências, sobretudo, por meio das percepções corporais proporcionadas pelo paladar, olfato, audição, visão e tato. Em consonância com a perspectiva psicanalítica da francesa Françoise Dolto, Cabral (2018) salienta que essas experiências e vivências marcam o corpo e o psiquismo de modo inconsciente. Além do mais, essas marcas, enquanto significantes primordiais revelam fantasias e desejos inconscientes,

e serão expressas em todos os atos e vivências daquele sujeito.

Como destacado por Cabral (2018), essas marcas constituintes da imagem corporal são primevas, in-fraverbais, mas situadas na ordem da linguagem, muito anteriores à linguagem e à entrada numa ordem simbólica. Porém, também podem ser reorganizadas no decorrer da vida do sujeito e, por tanto, podem passar por algumas modificações e reconfigurar a imagem corporal. A autora também frisa que as marcas (sejam elas primevas, novas ou reformuladas), por sua vez, desde o início, se ligam ao narcisismo do sujeito, bem como à construção (e resignificação) de seu desejo e criação e estruturação de seu esquema corporal.

No decorrer da experiência profissional, Cabral (2018) constatou o sofrimento psíquico e corporal passado pela criança no internamento hospitalar. Nesse, a criança passa pela investigação (às vezes, intrusão) de seu corpo; pela dor do corpo concreto; pelo distanciamento ou isolamento de seus familiares e amigos, sobretudo, da figura materna; pelo prolongamento do tratamento; e pela falta de informação sobre o tratamento e procedimentos. Frente a todas essas adversidades que se tornam experiências não simbolizadas e vividas psíquica e corporalmente, a autora sinaliza que pode resultar à criança alguns tipos de reação como: inibição corporal, apatia, choro constante, agitação corporal, alto nível de angústia e estresse, desatenção, emergência de sua fantasia de morte e pulsões agressivas, irritabilidade, medo de abandono e, especialmente, afeta sua imagem corporal.

Deste modo, a autora discute sobre a importância das intervenções, psicológicas e psicomotoras, dentro do ambiente hospitalar. Quando direcionadas às crianças, essas intervenções foram realizadas



NÚMERO

46

2021

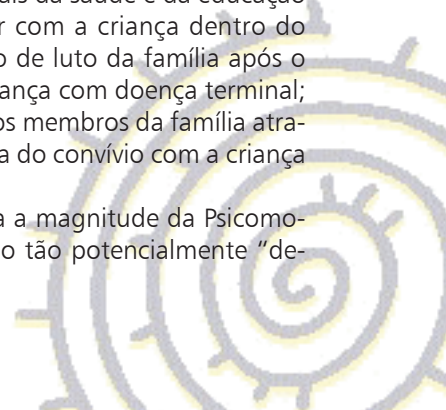
através de jogos livres e espontâneos, a fim de dar possibilidade à simbolização e expressão do que se está vivendo. Um dos exemplos dado foi o caso de uma criança que tomou a sacola de laranja dada por sua mãe como um objeto de aproximação de sua família durante o período de internamento hospitalar e distanciamento. Através do acolhimento do estagiário orientado pela autora, o sofrimento daquela criança foi escutado e acolhido, de modo que a criança pôde consumir as laranjas, dividi-las e formar novos vínculos dentro do hospital enquanto seu internamento foi necessário e a família não podia estar com ela.

Quando direcionado à equipe profissional que atende a criança, o trabalho foi conduzido para o estreitamento da relação profissionais-criança, com intenção de colaborar com a criação da transferência com a criança, de modo que ela possa sentir-se acolhida e vinculada. Um dos exemplos de intervenção dado pela autora foi a experiência executada por um estagiário seu: posterior a uma vivência de “horror” de uma criança, pós-cirurgia inicial, o estagiário colaborou no preparo aos demais procedimentos cirúrgicos que a mesma passaria. Todos os procedimentos foram encenados em um boneco, para explicar, de modo didático, o que seria feito em seu próprio corpinho. Através desse caso, a equipe pode notar que as intervenções cirúrgicas pelas quais as crianças passavam poderiam ser vividas pelos pequenos como invasões a seus corpos e que, portanto, precisavam ser explicadas para que o procedimento fosse o mais bem-sucedido possível e o menos aterrorizador.

Em outras intervenções com as equipes, inclusive, foi possível incluir o trabalho escolar existente em salas especiais no ambiente hospitalar. Um dos exemplos foi a situação em que os profissionais da

educação, além de auxiliar na recuperação do conteúdo escolar perdido, puderam colaborar na elaboração e uso pedagógico de uma história em quadrinho na qual se ilustravam algumas situações pelas quais as crianças internadas poderiam passar. Através do lúdico do desenho, história e interpretação do ocorrido, era possível trabalhar com a criança toda sua trajetória dentro do hospital. E, assim, por meio de todas essas formas de intervenção, foi possível tornar a vivência hospitalar mais humanizada e converter o mais positivamente possível tanto a experiência hospitalar quanto a doença, que interferem em sua imagem corporal. Apesar de não haver uma definição do conceito de luto, com a apresentação dos casos de diversas crianças, é possível notar a autora tratando da temática de algumas maneiras: (1) a elaboração do luto do corpo doente, que apresenta limitações físicas temporárias ou permanentes, porém que podem ter suas adaptações realizadas ou novas habilidades exploradas; (2) o luto vivido do distanciamento ou completo isolamento dos familiares, amigos, escola e outros espaços sociais frequentados pela criança, os quais podem ser trabalhados e amenizados de modo a não comprometer o tratamento da criança e também contribuir para encurtar esse distanciamento ou estimular novas vinculações, sobretudo com outras crianças internadas e com profissionais da saúde e da educação que passam a conviver com a criança dentro do hospital; (3) o processo de luto da família após o falecimento de uma criança com doença terminal; e (4) o luto sentido pelos membros da família através da perda temporária do convívio com a criança internada.

A autora nos apresenta a magnitude da Psicomotricidade em um espaço tão potencialmente “de-



NÚMERO

46

2021

vastador”, um lugar em que ficam em evidência as perdas, as mortes, as dores reais do corpo, o isolamento e as restrições. Esse mesmo lugar, com a colaboração da Psicomotricidade pode também se transformar em um espaço de acolhimento, carinho, laço, continuidade, vida e renascimentos. Para tanto, foi necessário atrelar todo o tratamento dos pacientes à integração do sujeito. Sobretudo, ao contribuir para a mudança de visão e abordagem dos profissionais da Educação e da Saúde para que não vissem o paciente ou aluno de modo fragmentado. Mas sim, respeitar suas particularidades, história e desejos. Notar em seus detalhes o sujeito, por trás daquele acidente, diagnóstico e cirurgia. Por fim, a produção impressa encontrada ao final do percurso de nossa pesquisa (A3) “Morte, brincar e hospitalização na infância: entre Tanatos e Eros”, do psicomotricista e fonoaudiólogo Eduardo Costa (2017). Nessa escrita, o autor apresenta a importância de incluir a psicomotricidade no ambiente hospitalar pediátrico. Através de suas experiências de pesquisa e de práticas realizadas durante doze anos, tal inclusão pode ser sustentada através do projeto “Brincar é Viver”, em parceria com a psicomotricista Hennriette Souza e Mello e a Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O projeto foi implantado dentro de unidades pediátricas do Hospital Universitário Pedro Ernesto, Instituto de Hematologia e Instituto Nacional de Câncer.

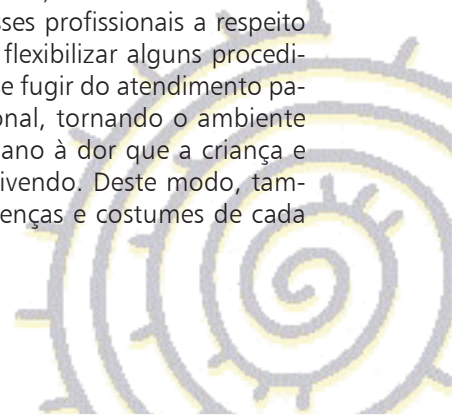
Costa destaca que esse projeto foi proposto com o intuito de colaborar na elaboração dos sujeitos, sejam eles as próprias crianças, seus familiares e os profissionais, quanto ao adoecimento e/ou à morte dos pacientes internados. Segundo o autor, por meio das atividades psicomotoras como os jogos, o brincar e o desenhar, os sujeitos podem expressar

e tirar do silêncio a morte, a dor e o sofrimento, de modo verbal e não-verbal. Deste modo, o sujeito pode

se tornar sujeito de sua cura, tratamento e até de sua própria morte, a qualidade de vida, o prazer em viver, mesmo que poucos meses, dias ou horas, mostra-se como muito significativo tanto para quem parte como para quem permanece na dor da falta e precisa elaborar seu luto (Costa, 2017, p. 215).

No que diz respeito à intervenção com a equipe hospitalar, o autor destaca o constante conflito emoção X razão em que vivem os profissionais, por esses depararem-se frequentemente com mortes e adoecimentos dos pacientes. Dado cenário causa a sensação de impotência e culpa, ativando mecanismos defensivos da equipe, na qual comumente prevalece a racionalidade, a razão e as tentativas de distanciamento emocional dos casos atendidos. Um dos exemplos dado pelo autor quanto a possibilidade de intervenção é dar espaço e escuta para os profissionais reconhecerem e expressarem seus sentimentos em reuniões semanais de equipe, em discussões de casos, ou mesmo nos próprios prontuários dos pacientes.

Além do mais, Costa (2017) salienta a necessidade de se trabalhar com esses profissionais a respeito da possibilidade de se flexibilizar alguns procedimentos ou mesmo de se fugir do atendimento padronizado e convencional, tornando o ambiente mais acolhedor e humano à dor que a criança e seus familiares estão vivendo. Deste modo, também respeitando as crenças e costumes de cada sujeito.



NÚMERO

46

2021

Por fim, como destaca o autor, frente à dificuldade de se lidar com a morte, dificuldade essa presente, sobretudo, na atualidade, o psicomotricista pode ser um mediador das dores e sofrimentos constantes no ambiente hospitalar.

CONCLUSÃO: COMPLEMENTO DE DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sete produções encontradas em nossas buscas foram produzidas por profissionais e pesquisadores de diferentes áreas: Educação Física, Fisioterapia, Psicologia, Fonoaudiologia, Enfermagem, Musicoterapia e Psicomotricidade. A nosso ver, essa diversidade de áreas, nos confirma a pluralidade de vozes que a Psicomotricidade revela, uma multiplicidade que abarca a visão integradora do sujeito. Visão essa, inclusive, ressaltada na definição de Psicomotricidade encontrada no código de ética regido pela ABP (2020).

No que diz respeito especificamente ao tema por nós proposto, luto, chamou-nos a atenção a escassez de produção feita exclusivamente para tratar de tal temática. Outro fator saliente foi nenhuma escrita contemplar a definição conceitual da compreensão de luto, perda e corpo enlutado. Somente o capítulo de Costa (2017) traz discussão a respeito das etapas do processo de elaboração de luto. Salientamos que apesar dos artigos mencionarem o luto, de maneira direta ou indireta, os mesmos pareciam tomar como global a definição desse conceito. Seja qual for essa compreensão generalizada de luto.

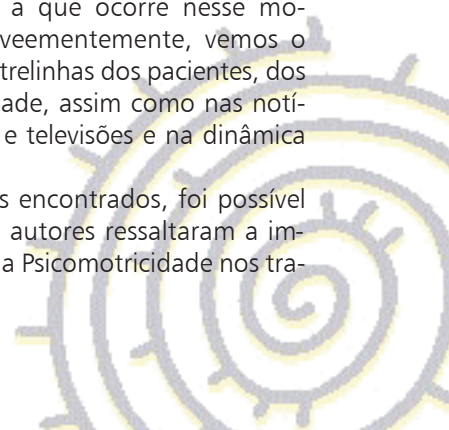
Outro fator comumente presente nas produções foi a presença da menção à imagem corporal e esquema corporal. Não foram todos os artigos que descreveram quais eram suas compreensões desses conceitos, porém os que o fizeram mencionaram

a Psicanálise, sobretudo Françoise Dolto. Apesar da menção, não é possível afirmar que os demais autores tivessem o mesmo entendimento ou influência desses que a explicitaram. Ou mesmo, não é possível declarar que cada autor, em suas respectivas vozes de base, retirou de suas áreas de conhecimento tal conceito.

Quanto ao fato de haver sido encontrado somente sete produções que de alguma maneira abordassem o luto, pareceu-nos relevante a necessidade da Psicomotricidade investir mais nessa temática. Acreditamos que cotidianamente, nas intervenções, na prática da profissão, essa temática seja constantemente tratada. Porém podemos afirmar que a escrita talvez não aconteça na mesma proporção. Essa questão ficou ainda mais em evidência em meio ao momento global em que estamos vivendo: pandemia do vírus Covid-19.

Durante a pandemia, tem sido possível vivenciar diferentes lutos, cada sujeito de uma maneira e com uma intensidade diferente, como por exemplo: as mortes reais dos entes queridos; a ausência de uma despedida dos mesmos; a exposição das debilidades do corpo causadas pela presença ou pelas sequelas do vírus; o distanciamento social entre conhecidos e desconhecidos; as restrições ao acesso a locais de lazer e diversão; entre tantas outras faltas de que se precisa dar conta em meio a uma pandemia como a que ocorre nesse momento. Deste modo, veementemente, vemos o luto nas falas ou nas entrelinhas dos pacientes, dos familiares, da comunidade, assim como nas notícias em rádios, jornais e televisões e na dinâmica de parte da sociedade.

Retornando aos artigos encontrados, foi possível perceber que todos os autores ressaltaram a importância da inserção da Psicomotricidade nos tra-



NÚMERO

46

2021

tamentos dos pacientes, independentes de suas idades ou demandas. Neste sentido, as produções escritas reforçam a ampla possibilidade da Psicomotricidade em trabalhar com uma variedade de público: crianças, adolescentes e adultos idosos. Sobretudo, respeitando a ideia de que cada um desses apresenta uma demanda específica correspondente ao seu momento da vida e à proximidade ou possibilidade de morte, sendo que a Psicomotricidade pode acompanhar sua trajetória, enquanto uma opção terapêutica.

No caso dos adolescentes, por exemplo, se trabalha com as descobertas de si e sua reconstrução da identidade e identificação, antes tão vinculada às figuras parentais. Deste modo, discute-se a ideia de se tratar o luto da infância, do corpo infantil, das novas posições de vida e responsabilidade que se toma a partir da saída da infância.

No que diz respeito aos idosos, se demanda trabalhar com as perdas existentes no próprio corpo, no falecimento de um ente querido, no esquecimento de quem é o outro e na proximidade do fim da vida.

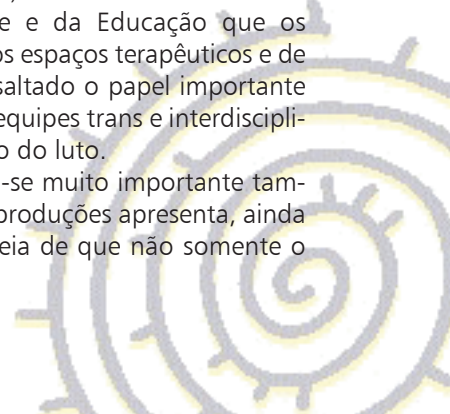
No tocante à criança e/ou adulto com necessidade especial ou adoecidos foi possível perceber que a Psicomotricidade é de fundamental presença não somente no acompanhamento terapêutico do sujeito, mas também de seus familiares. Junto a esses sujeitos também se fazem presentes familiares que, em muitos casos, demandam acolhimento. Através da escuta de tais parentes revelaram-se angústias e medos referentes ao quadro que apresentam os sujeitos em acompanhamento terapêutico. De modo que, dentro do amplo campo de atuação e intervenção da Psicomotricidade, é também demandado o suporte a todos os sujeitos envolvidos, sejam eles pacientes ou familiares dos mesmos.

Através de tal perspectiva de apoio, apontamos então a importância do psicomotricista em estar preparado também para a observação, a escuta e a atuação de tais angústias e medos.

Não é possível afirmar que a quantidade de produções encontradas correspondentes a cada uma dessas fases apresente um cenário fidedigno do volume de trabalho prático que é feito pelos psicomotricistas com cada faixa etária. No entanto, pode-se refletir que através das fontes consultadas, houve um número maior de produções encontradas que relatavam o trabalho com pessoas com algum tipo de diagnóstico (crianças ou adultos). Ao analisar as produções, não podemos afirmar que não haja um número expressivo de escritas (em outras fontes) ou mesmo de profissionais realizando intervenções com outros públicos, como por exemplo, intervenção preventiva com crianças com desenvolvimento típico ou com adultos em atividades laborais. Porém, chama atenção a ausência de produções escritas com esses públicos, uma vez que o luto perpassa por todo o percurso da vida.

Outro item bastante relevante a se apontar é o fato das produções revelarem que o trabalho de luto pode ser feito não somente com o paciente enlutado com seu próprio corpo ou com os familiares destes. As intervenções também podem (e são extremamente necessárias) ser feitas com os demais profissionais da Saúde e da Educação que os acompanham em outros espaços terapêuticos e de ensino. Assim, fica ressaltado o papel importante do psicomotricista em equipes trans e interdisciplinares para a elaboração do luto.

Deste modo, considera-se muito importante também quando uma das produções apresenta, ainda que rapidamente, a ideia de que não somente o



NÚMERO

46

2021

psicomotricista deve dar suporte ao processo de luto de outros profissionais, dos familiares ou do paciente. O psicomotricista também precisa de suporte para lidar com os constantes lutos vividos e presenciados durante o processo terapêutico de seus pacientes. Dito de outro modo, também há a necessidade desse tema ser tratado pelo psicomotricista em si mesmo. Que ele possa trabalhar consigo mesmo, por exemplo, a frustração pela dificuldade apresentada pelo paciente em progredir, a desilusão do investimento libidinal feito pelo profissional no caso e o desapontamento do psicomotricista em perceber que os demais profissionais ou os familiares não mudam sua forma de compreensão do sujeito ou da intervenção.

Cabe também ressaltar que, os artigos, em sua maioria, não apresentaram de modo descritivo e detalhado quais intervenções exatamente foram realizadas, fossem elas com os pacientes, com seus familiares ou com os profissionais. Acreditamos que tal descrição poderia colaborar na compreensão e importância da Psicomotricidade em um trabalho interdisciplinar. Além do mais, tal relato poderia contribuir para a divulgação à comunidade ou à academia de como se realiza um trabalho psicomotor. Sobre tudo no tocante à Psicomotricidade poder ter o olhar integrado e conseguir atuar e tocar lá onde a palavra falta e o sujeito não dá conta da verbalização.

Por fim, acreditamos ser necessário ressaltar a importância do site da ABP para a divulgação dos trabalhos científicos dos psicomotricistas brasileiros. A fonte, se comparada a maior biblioteca virtual brasileira SCIELO, nos permitiu entrar em contato com produções que não estavam disponíveis em periódicos e revistas científicas. Deste modo, apontamos a relevância deste coletivo de profissionais em

manter a seção de artigos e de fazê-lo de maneira a contemplar produções mais recentes ou mais antigas de variados autores.

De modo complementar, também se torna relevante apontar a necessidade dos profissionais da Psicomotricidade em realizar mais produções escritas de suas práticas e discussões teóricas, a fim de ampliar a divulgação e conhecimento a respeito da Psicomotricidade. Divulgação essa de extrema necessidade uma vez que o reconhecimento da área enquanto profissão se deu somente em 2019 (BRASIL, 2019) e há ainda muito a se percorrer.

Nesse sentido, a autora deste artigo projeta dar continuidade a estudos sobre o tema luto. Frente aos poucos artigos encontrados, aumentou nosso desejo de implicar-nos na escrita de mais produções. Do mesmo modo que almejamos aprofundar as contribuições que a Psicanálise pode dar à Psicomotricidade. No que diz respeito ao luto, por exemplo, é possível lançar mão de compreensão da Psicanálise sobre melancolia, fantasia, objeto libidinal/de amor, imagem inconsciente do corpo, corpo, gozo e angústia. A parceria de interface entre Psicanálise e Psicomotricidade pode ser cada vez mais frutífera.

Notas

[1] Porém, sem deixar de ter em conta a diferença oportuna sinalizada em "Psicoanálisis para psicomotricista: una orientación somática para la educación y la clínica" (RIBAS, 2019) quanto a atuação e o olhar da Psicanálise e da Psicomotricidade: a intervenção psicomotora procura "fantasmaticar" a pulsão, tendo a possibilidade de se trabalhar com o corpo de inscrição do Real do sujeito. Por outro lado, a Psicanálise foca sua intervenção no corpo simbolizado, pelo qual a palavra fez seu registro,

NÚMERO

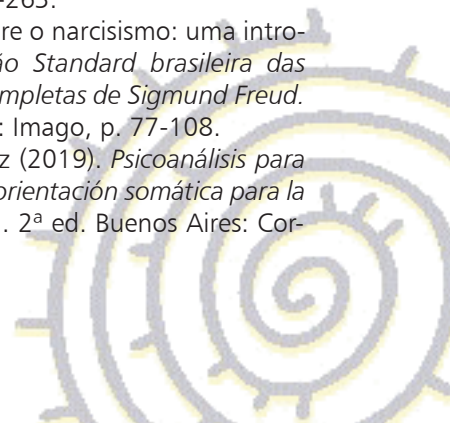
46

2021

portanto, atua na sintomatização do fantasma. Sob nosso prisma, a “parceria” de ambas se faz complementar no que diz respeito à Psicomotricidade ter a possibilidade de atuar onde a palavra já não dá mais conta de circular e se fazer mediadora do tratamento.

REFERÊNCIAS

- ABP [Associação Brasileira de Psicomotricidade] (2020.) ABP. *Código de ética*. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/codigo-de-etica/#:~:text=Este%20C%C3%B3digo%20de%20C%C3%89tica%20C%C3%A9,anexo%20ao%20Projeto%20de%20Lei>. Acesso em: 29 ago 2020.
- Bonfim, F. (2020). Psicanálise e reabilitação física. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 39, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100100&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2020.
- Brasil. Lei nº 13.794, de 03 de janeiro de 2019. Regulamenta a profissão de psicomotricista. Secretaria Geral. Brasília, DF, jan. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13794.htm. Acesso em: 09 mai. 2020.
- Cabral, S. Veloso (2018). A imagem corporal e a marca da doença no corpo da criança. ABP. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/a-imagem-corporal-e-a-marca-da-doenca-no-corpo-da-crianca/>. Acesso em: 07 set. 2020.
- Cabral, S. Veloso (2010). A imagem corporal e a marca da doença no corpo da criança. In: Ferreira, C. A. M.; Heinsius, A. M. *Psicomotricidade na Saúde*. Rio de Janeiro. WAK Editora.
- Costa, E. Morte (2017). Brincar e hospitalização na infância: entre Tanatos e Eros. In: *Corpo transbordante*. Rio de Janeiro: Wak, p. 207-223.
- Dolto, F. (2017). *A imagem do insciente do corpo*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva.
- Dolto, F. y Nasio, J. D. (2008). *A criança do espelho*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, C. A. de Mattos (2020). Agressividade, Educação e Psicomotricidade. ABP, set. 2018. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/agressividade-educacao-e-psicomotricidade/>. Acesso em: 07 set. 2020.
- Ferreira, C. A. de Mattos; Heinsius, A. M. (2009) (orgs). *Psicomotricidade na Saúde*. Rio de Janeiro: Wak editora.
- Filgueiras, E. (2018). A psicomotricidade no trabalho interdisciplinar com a criança portadora de síndrome: por uma mudança de olhar. ABP. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/a-psicomotricidade-no-trabalho-interdisciplinar/>. Acesso em: 07 set. 2020.
- Freud, S. (1996) O mal-estar na civilização [1930]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 67-153.
- Freud, S. (1996). Luto e Melancolia [1917]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, p. 245-263.
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, p. 77-108.
- Ribas, J. Á. Rodríguez (2019). *Psicoanálisis para psicomotricista: una orientación somática para la educación y la clínica*. 2ª ed. Buenos Aires: Corpora.



NÚMERO

46

2021

- Santos, S. L. dos *et al.* (2014) Desempenho da marcha de idosos praticantes de psicomotricidade. *Revista brasileira de enfermagem*, Brasília, v. 67, n. 4, p. 617-622, Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003471672014000400617&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 ago. 2020.
- Silva, L. L. (2019) Corpo e tempo: diálogos entre psicomotricidade e musicoterapia no envelhecimento. ABP. Disponível em: <https://psicomotricidade.com.br/corpo-e-tempo-dialogos-entre-psicomotricidade-e-musicoterapia-no-envelhecimento/>. Acesso em: 07 set. 2020.
- Silvestre, D. (2019) Entre médecine et psychanalyse: lê desier en question. In: Quarto, *Revue de L'École de la Cause Freudienne. Belgique*, n° 59, Bruxelas, mar. 1996. Apud BONFIM, Flavia. *Psicanálise e Reabilitação Física. Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, v. 39, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932019000100100&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2020.
- Soares, F. Alves *et al.* (2012) A contribuição da estimulação psicomotora para o processo de independência do deficiente visual. *Motricidade, Vila Real*, v. 8, n. 4, p. 16-25, dez. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646107X2012000400003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 ago. 2020.



EDUCACIÓN EN PRÁCTICAS CORPORALES DE AUTOCONOCIMIENTO DEL HOMBRE EN LOS PROCESOS COOPERATIVOS DE FAMILIA

EDUCATION IN CORPORAL PRACTICES OF SELF-KNOWLEDGE OF MAN IN THE COOPERATIVE PROCESSES OF FAMILY

Nery Cecilia Molina Restrepo y John Byron Pérez Grajales

DATOS DE LOS AUTORES

Nery Cecilia Molina Restrepo es Magíster en Salud Pública, Facultad de Salud Pública, Universidad de Antioquia. Docente del Instituto Universitario de Educación Física, Universidad de Antioquia, Colombia. Grupo de investigación Estudios en Educación Corporal.

Dirección de contacto: nery.molina@udea.edu.co

John Byron Pérez Grajales es Licenciado en Educación Física, Instituto Universitario de Educación Física, Universidad de Antioquia. Docente de cátedra Universidad de Antioquia.

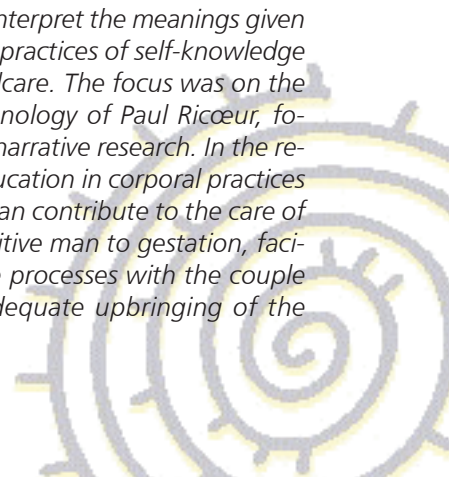
Dirección de contacto: byron-p-1@hotmail.com

RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo interpretar los sentidos que le otorgan los hombres a las prácticas corporales de autoconocimiento, para la puericultura preconcepcional. El enfoque fue desde la fenomenología hermenéutica de Paul Ricœur, siguiendo el método de la investigación narrativa. En los resultados se encontró que la educación en prácticas corporales de autoconocimiento del hombre, contribuye al cuidado de sí, al hacerlo más sensible frente a la gestación, facilitando de tal ma-

ABSTRACT

The research aimed to interpret the meanings given by men to the corporal practices of self-knowledge for preconception childcare. The focus was on the hermeneutic phenomenology of Paul Ricœur, following the method of narrative research. In the results we found how education in corporal practices of self-knowledge of man contribute to the care of self; To be a more sensitive man to gestation, facilitating the cooperative processes with the couple and to promote an adequate upbringing of the



NÚMERO

46

2021

nera los procesos cooperativos con la pareja y al favorecer una adecuada crianza de los hijos e hijas. Se sugiere crear una estrategia educativa para la comunidad universitaria desde las prácticas corporales de autoconocimiento, como modelo para la sociedad.

PALABRAS CLAVES: Educación, autoconocimiento, gestación, parto, crianza, masculinidades.

sons and daughters. It is suggested to create an educational strategy for the university community from the bodily practices of self-knowledge, as a model for society.

KEYWORDS: Education, self-knowledge, pregnancy, humanizing delivery, child rearing, masculinities.

INTRODUCCIÓN

Debido a las situaciones de inequidad de género, los programas de educación en salud han puesto mayor énfasis en las mujeres, excluyendo en algunos casos la coparticipación de los hombres en los procesos de gestación, parto y crianza, lo que ha impedido que las mujeres, con los nuevos cambios socio culturales, realmente puedan tener un mayor bienestar, ya que se continúa perpetuando estereotipos socioculturales.

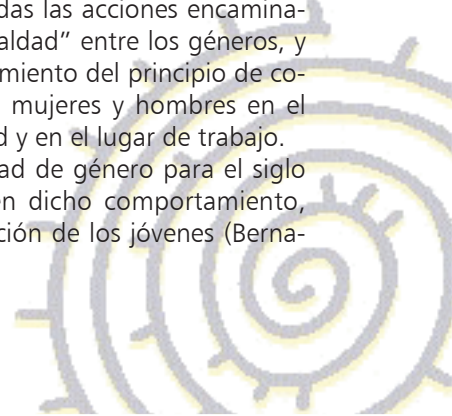
El artículo es producto de la investigación denominada *"Las prácticas corporales de autoconocimiento en la promoción de la salud para la puericultura pre-concepcional"*, con el cual se buscó conocer la experiencia de dos hombres que realizan prácticas corporales, y que participaron de forma activa en los procesos de preconcepción, gestación, parto y crianza.

El objetivo de la investigación fue interpretar los sentidos y significados que le otorgan los hombres a las prácticas corporales de autoconocimiento en los procesos de preconcepción, gestación, parto y crianza, en el logro de la equidad de género, lo que requiere no sólo el empoderamiento y la autono-

mía de las mujeres, sino también cambios en los patrones de comportamiento de los hombres en los ámbitos público y privado.

Según Aguayo & Sadler (2011), algunas iniciativas con respecto al desarrollo de programas y políticas que incluyan acciones hacia los hombres en la lucha por la equidad de género, se originan en las conferencias internacionales, además de los diversos procesos de reflexión y malestar entre varones, lo que ha ido generando iniciativas de trabajo hacia otros sectores y grupos etarios. Hay pues iniciativas para la participación de los hombres en relación con la salud reproductiva y la no violencia de género, pero no se concretan en realidad.

La declaración de Beijing (Naciones Unidas, 1995), pretende "alentar a los hombres para que participen plenamente en todas las acciones encaminadas a garantizar la igualdad" entre los géneros, y abogar por el establecimiento del principio de corresponsabilidad entre mujeres y hombres en el hogar, en la comunidad y en el lugar de trabajo. Las políticas de igualdad de género para el siglo XXI, hacen hincapié en dicho comportamiento, mediado por la educación de los jóvenes (Berna-



NÚMERO

46

2021

dette, 2000), cuya finalidad, es que se convierta en un referente para mejorar los programas de salud sexual y reproductiva, con verdadero efecto en las familias y las nuevas generaciones.

La solución a algunos problemas de nuestra civilización, como tendencias destructivas, miedo, y violencia, "...es crear una nueva generación de seres humanos que no sean programados en el dolor y el sufrimiento, que estén libres de culpa y vergüenza desde el principio y sean libres de vivir según la ley del sentido común de la simple compasión a los demás, que es el estado natural de ser humano" Tonetti (2009).

Siguiendo a Tonetti (2011), el nacimiento *consciente* se inicia con una concepción *consciente*, que, a su vez, es el resultado del amor *consciente*. Un acercamiento a la procreación *consciente*, empieza por resolver los problemas personales con el nacimiento. Solo después de profundizar en las propias experiencias y reinterpretación de la propia vida, se puede direccionar a los hijos a un mundo de amor y seguridad.

Moreno (2016) menciona, entre otros puntos pendientes que den un mejor entendimiento de los hombres y su masculinidad, la "recuperación del cuidado de sí y del derecho a la educación en salud para los varones en todos los campos; menos medicalización, más educación y promoción del vivir bien y del mejor estar a partir del cuerpo como algo propio" (p.274).

En efecto, el artículo muestra cómo las prácticas corporales de autoconocimiento realizadas por los hombres, facilitan los procesos cooperativos con la pareja y la crianza de los hijos, constituyéndose en material educativo de gran valor para sensibilizar a los estudiantes hombres universitarios y, además, da pautas para crear y ofrecer una cátedra a la co-

munidad universitaria que responda a una formación integral.

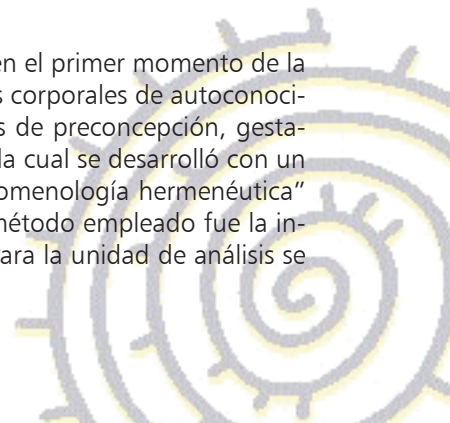
A la vez, se espera que contribuya a la solución de problemáticas inherentes al alto número de embarazos adolescentes, embarazos no deseados, poca participación y preparación de los hombres en los procesos de concepción, gestación, parto y crianza de los hijos e hijas, en procura de relaciones más armoniosas y equitativas con sus compañeras.

Los resultados de un primer momento de la investigación se presentan en tres apartados, a saber:

El primero hace referencia a cómo las prácticas corporales contribuyen al cuidado de sí, permitiendo la auto-reflexión, el auto-control y la auto-transformación, base fundamental para la relación de pareja y el cuidado de los hijos, como decir, si alguien es capaz de cuidar de sí, estará capacitado para cuidar a otros y su entorno. En esencia, saber vivir bien. El segundo aparte se refiere a cómo la sensibilidad del hombre frente a la gestación, facilita los procesos cooperativos con la pareja; cómo la ternura que inspira una mujer en dicho estado, o un recién nacido, puede hacer surgir la esencia más pura de ser humano. En el tercer aparte se expresa cómo la experiencia de los padres en la vida, traza un camino para la crianza de los hijos e hijas, siendo de vital importancia la educación integral de los padres.

METODOLOGÍA

El escrito está basado en el primer momento de la investigación "Prácticas corporales de autoconocimiento en los procesos de preconcepción, gestación, parto y crianza", la cual se desarrolló con un enfoque desde la "fenomenología hermenéutica" de Ricoeur (2001). El método empleado fue la investigación narrativa. Para la unidad de análisis se



NÚMERO

46

2021

contó con los sentidos y significados que le otorgan los hombres a las prácticas corporales de autoconocimiento en los procesos de preconcepción, gestación, parto y crianza.

Las fuentes primarias de información fueron dos hombres de la ciudad de Medellín-Colombia, con experiencia desde las prácticas corporales de autoconocimiento, y que además fueron copartícipes en los procesos de preconcepción, gestación, parto y crianza con sus compañeras: Samuel y Diego son los nombres asignados para preservar la confidencialidad. Como estrategia de recolección se empleó el relato de vida, como técnica la entrevista en profundidad (Bolívar, Domingo & Fernández, 2001), el instrumento de recolección fue la guía de entrevista y para la construcción del dato se usó el análisis categórico de la estructura.

Los dos participantes contaron con el consentimiento informado, por escrito, para la vinculación en el proyecto; además, verificaron el relato construido, el cual aprobaron, ya que representaba la experiencia compartida a los investigadores.

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

Las prácticas corporales en el cuidado de sí

Samuel es un hombre con buen recorrido en algunas prácticas corporales como el yoga, el teatro, la danza, el Tai Chi y otras disciplinas deportivas de contacto como el karate y el boxeo. Además, cuenta con formación en comunicación, psicología y medicina tradicional china, sabiduría que le ha permitido conocer la anatomía de un cuerpo vivo, descubriendo que "...somos cuerpo, mente y espíritu...". Agrega que, cuando empezó a conocer la energía, y a comprender cómo ésta influye en el cuerpo, buscó aprender de temáticas que tratan acerca de la fuerza de la mente, y por ello estudió

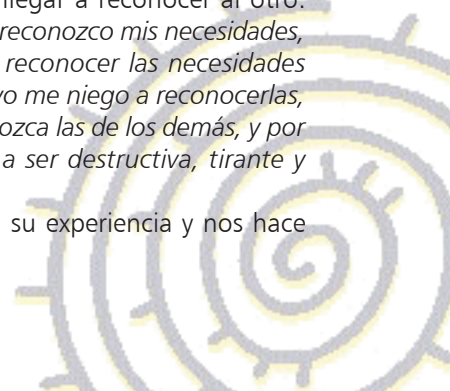
neurolingüística y coach, maravillado con dichos conocimientos.

Diego es médico cirujano, pero también ejerce desde las medicinas complementarias, lo cual requiere determinado conocimiento corporal para poder entrar en "armonía con el otro"; fue así como, paralelo a la formación académica, recibió clases de yoga, que le permitieron aprender técnicas de relajación y respiración consciente. Ya entusiasmado, con tres compañeros de la carrera incursionó en otras disciplinas similares al yoga, donde se concebía el cuerpo en relación con las emociones, y así se trascendía la Educación Física clásica.

Diego también se formó en expresión corporal y stretching, lo que combinó con las anteriores prácticas, y así creó una técnica única que aplicó cuando era monitor en PROSA (PROSA es un Programa para la Salud Psicofísica de la Universidad de Antioquia).

Actualmente realiza una mezcla entre yoga, carrera libre, trote, y técnicas de manos, como la auto-sanación, a la que agrega movimientos con las manos, tomados de diferentes culturas. Diego considera que estas prácticas corporales de autoconocimiento son significativas para él, en relación con la procreación, el nacimiento y la crianza. Y es que, en las prácticas de auto-observación, el individuo se ve a sí mismo, se mete en sí mismo, se da cuenta de lo que es, y puede llegar a reconocer al otro. Según Diego, *"Cuando reconozco mis necesidades, más fácilmente puedo reconocer las necesidades de los demás; cuando yo me niego a reconocerlas, es muy difícil que reconozca las de los demás, y por lo tanto la relación va a ser destructiva, tirante y exigente"*.

Samuel nos recrea con su experiencia y nos hace



NÚMERO

46

2021

ver lo importante que es el cuidado de sí para poder cuidar a otros. En sus conferencias busca que las personas se amen para poder amar, y por ello aborda temas sobre la auto-estima, el auto-conocimiento, el auto-concepto, la auto-motivación, la autovaloración, y recomienda el plan de autoconquista. Comenta que las prácticas corporales de autoconocimiento le han servido para el auto-control, porque se considera una persona muy temperamental: "cuando yo digo no, es no, y cuando yo digo sí, es sí... entonces, para mí el tema del auto-control es un asunto complejo".

Realizar estas prácticas corporales que requieren paciencia, seguridad, confianza, le permitieron a Samuel desarrollar el control de emociones, de impulsos y pensamientos, pero el tema del autocontrol alcanza otros ámbitos, como, por ejemplo, el social y el político. Cuando ingresó a la universidad, tuvo que empezar a expresar diferentes formas de control, las que necesariamente contribuyeron a su transformación como individuo y la de su vida familiar.

El deporte le permitió a Samuel llevar a cabo un proceso de cambio, en el sentido de que afrontó el triunfo y la derrota, y darse cuenta que, en realidad, "no era el ombligo del mundo, que cada quien hace su destino". Dice que, en la vida, en los diferentes proyectos que se emprende, al igual que en el deporte, se tiene en la mente ganar, pero siempre está latente la posibilidad de perder, y la aceptación de esta simple realidad va forjando el carácter, determinando lo que se es, y así se puede transformar la visión propia del mundo y los seres que lo habitan.

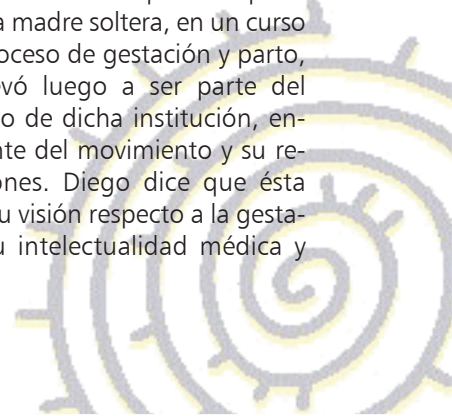
Lo anterior hace entrar en consciencia sobre las posibilidades que se tienen, de acuerdo a las propias capacidades y limitaciones, lo que lleva a reflexio-

nar sobre qué, por qué y para qué hacer, y en dicho hacer, fortalecer el autoconocimiento que lleva a una verdadera transcendencia a otro nivel de vida. Es, sin duda, el resurgimiento de la relación yo-cuerpo, según Castañeda & Gómez (2011), porque involucra al sujeto en su propia experiencia de vida, con su individual y particular forma de significar, y dar sentido a lo que le pasa, lo que va delineando el derrotero a seguir en cuanto al cuidado de sí, e impulsa a tomar las decisiones adecuadas en cuanto a los otros y al mundo. Surge, entonces, la idea de un hombre capaz de formarse y transformarse a través del cuidado y el conocimiento de sí, parte fundamental de la lucha por una identidad auto creativa del sujeto, en aras de poder construir condiciones más dignas y más humanas.

LA SENSIBILIDAD DEL HOMBRE FRENTE A LA GESTACIÓN

Diego narra cómo su experiencia corporal ha influido en el trabajo cooperativo con la pareja. Lo primero que menciona es que le ha permitido transcender el rol socio-cultural del machismo que tienen los hombres en nuestra sociedad, y lo segundo, comprender los cambios de la gestación con el enfoque científico, le ayudó a cambiar de paradigma para aproximarse a su pareja con respeto, ternura y compasión.

Nada gratuito, si se tiene en cuenta que acompañó a su hermana, quien era madre soltera, en un curso preparatorio para el proceso de gestación y parto, experiencia que lo llevó luego a ser parte del equipo interdisciplinario de dicha institución, encargado del componente del movimiento y su relación con las emociones. Diego dice que ésta experiencia le cambió su visión respecto a la gestación, porque desde su intelectualidad médica y



NÚMERO

46

2021

científica, pudo comprender que los cambios en la gestación tienen soporte, que no es simple cantalata, caprichos, antojos o vainas de las mujeres.

Aprendió a prepararse para no reaccionar con irritabilidad desde lo preconcebido, perjudicando el desarrollo normal o natural de la gestación, que por cierto tiene implicaciones de las memorias prenatales del ser humano. Según Diego, durante éste proceso el bebé está grabando, y el cuerpo recuerda a nivel celular todas esas experiencias.

Comenta que, en las terapias con adultos, se ha dado cuenta que muchas enfermedades están asociadas con miedos, tristezas y rabias profundas, sentimientos y emociones que van dejando huella en el bebé, y que luego dichas enfermedades se pueden manifestar de manera inconsciente cuando adulto, frente a situaciones que le provoquen tristeza, miedo o rabia.

Samuel comenta, sobre las condiciones y prácticas que vivió durante la procreación y el nacimiento de su hijo, Daniel, identificándose como un hombre sensible frente a este proceso, dado que fue un proyecto de pareja. La esposa de Samuel, María, tenía *muchas ganas* de ser mamá y era muy consciente de la gestación, durante la cual no le dieron mareos, vómitos, ni antojos, que, en cambio, su esposo sí experimentó.

En este sentido, Wynne (2001) y Storey *et al.* (2000), refieren que las concentraciones de hormonas como la prolactina, el cortisol y la oxitocina, estimulan en el hombre una mayor respuesta emocional a los estímulos infantiles y a los procesos de crianza, de tal manera que se presentan los síntomas de la *couvade*, referidos por Ganapathy (2014), al evaluar a 123 hombres acompañantes de sus esposas gestantes de bajo riesgo, entre las semanas 36 y 40 de la gestación.

Adicionalmente, Samuel también tuvo la oportunidad de vivenciar y acompañar a su esposa durante el parto, gracias al vínculo con el médico encargado del procedimiento, y entonces estuvo ahí sentado al lado de su esposa, tomado de su mano, y tan pronto nació el bebé tuvo la oportunidad de establecer contacto y expresarle todo su amor.

Narra que tener el niño en sus brazos le despertó una extraña sensación y sentimiento de fragilidad, primero, más luego recordó la conexión que siempre había mantenido con él cuando estaba en el útero, pues éste se desplazaba según se ubicara Samuel en el espacio con relación a su esposa, y además ya lo había visto en sueños. Cabe mencionar que durante la gestación acostumbraba a tocar la guitarra e improvisar canciones antes de acostarse, de tal manera que se creó un vínculo muy estrecho entre ambos.

Otra forma en donde se ve el trabajo cooperativo entre Samuel y su esposa, es al momento de alimentar al bebé con la leche materna por medio del tetero, porque ella tiene pezón plano y no era posible alimentarlo directamente. Luego, durante la noche, hacían turnos para darle la leche, e incluso aprendió a cambiarle el pañal, a limpiarlo, a bañarlo y a realizar otras actividades que nunca imaginó.

Desde su experiencia, Diego propone que en los programas dirigidos a la gestación y el parto se diseñen espacios para la preparación de los hombres sin la pareja: "...se necesita tiempo aparte para el masculino y tiempo aparte para lo femenino. En eso las mujeres nos llevan mucha ventaja; ellas se reúnen más, hablan de sus cosas y tocan sus cuerpos". Aduce que cuando el hombre tiene espacios propios, tanto en la formación, como en la práctica

NÚMERO

46

2021

para mejorar su masculino y su femenino como individuo, contribuye a mejorar la relación de pareja. Según Redshaw & Henderson (2013), "...cuando hubo grupos específicos de prenatales enfocados en las necesidades de los hombres, hubo beneficios en términos de reducción del estrés, incrementando la habilidad para enfrentar y mejorar las relaciones con su pareja".

También Roberts (2016) plantea, desde su experiencia clínica, cómo el período perinatal es un momento de profunda vulnerabilidad para la mayoría de los padres, y por ello es importante crear una conexión con los hombres de manera respetuosa y colaborativa, donde se sientan involucrados para lograr buena salud mental, ya que la presencia paterna se correlaciona con la salud del niño y la familia. Baquedano & Serrano (2016) plantean que conocer, sentir y pensar la gestación, es una forma de involucrar al hombre en el proceso, porque también deben ser educados al respecto.

En relación con la formación y el trabajo cooperativo con la pareja, Samuel expresa que cada uno tiene su propio proyecto de vida, porque no por convivir con otro se deja de ser individuo. Pero, lógicamente, hay puntos de encuentro; por ejemplo, en el proyecto de vida de Samuel está el trabajo independiente, que le permite libertad en sus horarios y, por lo tanto, ocuparse de otros menesteres. En el proyecto de vida de su esposa está trabajar medio tiempo, para poder cuidar el niño, y que no esté rotando de mano en mano, y poco tiempo compartido con papá y mamá.

Desde el punto de vista económico, Samuel y su esposa se distribuyen los gastos, de tal manera que se beneficia tanto la convivencia en pareja, como la crianza del hijo. Otra forma de cooperativismo entre ellos, es el apoyo desde lo académico al mo-

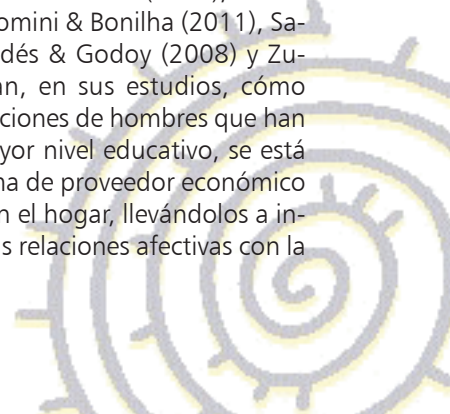
mento de presentar proyectos o preparar conferencias, siendo el ideal que cada uno logre desarrollar satisfactoriamente su proyecto de vida.

Diego, en lo tocante a la cooperación con la pareja, se vio muy comprometido y fue muy consciente desde los mismos procesos de concepción, gestación y parto, respecto a lo cual manifiesta:

El hecho de haber un vínculo afectivo con la pareja, un compromiso físico, un contacto, hablar con la bebé antes de que nazca, asumir responsabilidades de acompañamiento con la esposa en tareas domésticas, para que no se sobrecargue, ya es cooperar. Por ejemplo, nosotros necesitamos prepararnos en el cambio de pañales, en limpiarlos, en acompañar la lactancia natural y favorecerla, y en el caso que no sea posible, volvernos diestros con los teteros.

Todo eso afirma el amor en la pareja, quita la sobrecarga que tiene la mujer, desmitifica roles y, a bien, mejora el acompañamiento y la comunicación con los hijos. Esa figura del padre tradicional está *mandada a recoger*, no basta con el aporte económico, sino que las expresiones de cariño por parte de los padres han ido reemplazando la dureza de una marcada idiosincrasia machista.

Autores como Alexandre & Martins (2009), Barker & Aguayo (2011), Perdomini & Bonilha (2011), Salazar *et al.* (2015), Valdés & Godoy (2008) y Zuluaga (2015), muestran, en sus estudios, cómo entre las nuevas generaciones de hombres que han tenido acceso a un mayor nivel educativo, se está cambiando el paradigma de proveedor económico como su principal rol en el hogar, llevándolos a involucrarse más desde las relaciones afectivas con la



NÚMERO

46

2021

familia, y de una manera, aunque lenta, se está dando un cambio en las relaciones de género.

Es el trabajo mancomunado el único capaz de lograr la paridad en los distintos niveles del Ser, el Estar y el Hacer, este último referido a oportunidades y retribuciones (salarios) acordes a las condiciones de ser humanos, antes que a las lógicas diferenciaciones naturales que físicamente caracterizan a hombres y mujeres.

Tanto Samuel como Diego no querían tener hijos, pero en la actualidad disfrutan el hecho de ser padres. Diego dice: "...yo siento que ha sido el mayor regalo, no sabía lo que me estaba perdiendo...". Samuel, por su parte, afirma: "La paternidad me transformó, cambió mi forma de pensar y de ver el mundo", y esto hace que sea más cuidadoso con su vida y en cuanto a la toma de decisiones, ya que éstas inciden en el bienestar de su esposa e hijo.

Diego plantea que en esta época un hombre debe prepararse, o saber sobre los procesos de preconcepción, gestación, parto y crianza desde etapas muy tempranas en donde el adolescente se pregunta: ¿Realmente quiero ser padre? y ¿Qué significa ser padre? El problema es que tanto las dos preguntas, como sus respuestas, regularmente no se hacen *a priori*, es decir, no conducen a la causa, como fue el caso de Samuel y su esposa, sino *a posteriori*, y pueden resultar luego de la acción, como efecto a una situación de por sí *muy embarazosa*, y a consecuencia, según cifras del Departamento Nacional de Estadística (DANE),

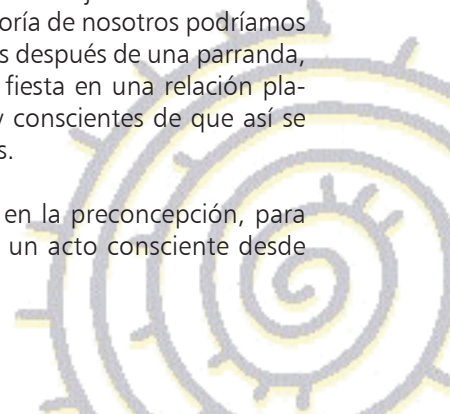
Entre el 20% y el 45% de adolescentes dejan de asistir a la escuela como consecuencia de la paternidad o maternidad, perpetuando los círculos de pobreza, limitando oportunidades de desarrollo personal, económico y

social, generando hogares inestables y parejas sin suficiente autonomía e independencia económica para asumir esta responsabilidad (Caracol Radio, 2016).

Además, se debe tener en cuenta que entre más corta es la edad de los implicados, y el subsecuente abandono de su formación académica a cualquier nivel, refuerza la resultante en el citado estudio, en cuanto hay una relación inversa entre la gestación adolescente y los niveles de riqueza. Dicho de otra forma, aumenta la pobreza. Pero no es un asunto sólo de adolescentes, ni expresamente relacionado con los niveles de educación, que pueden aminorar el impacto, claro está, sino del mismo instinto sexual consignado en los códigos genéticos, tal como lo señala Diego:

Desde una concepción energética del ser humano, donde somos una especie de ser vibrante que además tiene memorias, información, y esa información no inicia en el momento en que el niño nace, entra a la escuela o al preescolar, sino que está ahí desde antes y entonces, eso me sorprendió y me sigue resurgiendo la pregunta: ¿En qué estabas pensando y cómo estabas emocionalmente, dónde estabas en el momento en que concebiste a tus hijos? Eso es tan importante; la mayoría de nosotros podríamos estar hasta ebrios después de una parranda, después de una fiesta en una relación placentera, no muy conscientes de que así se buscan los bebés.

Diego sugiere trabajar en la preconcepción, para que la concepción sea un acto consciente desde



NÚMERO

46

2021

Ser hombre. Tal preconcepción para él, mirada desde otro punto de vista, viene a ser la planeación y planificación cargada de bondad y felicidad, porque cree que es un trabajo a largo plazo que genera una coherencia mayor en los núcleos familiares, sobre todo en el sentido del amor. Lo demás viene por añadidura: si un ser es concebido, gestado y nacido en esas circunstancias, lo más seguro es que va a tener padres más comprometidos con la crianza, lo que puede tener un impacto muy grande a nivel social, a mediano y largo plazo, ya que a corto plazo habría que esperar evaluar esas generaciones futuras; por lo pronto, en Colombia hay muchas familias sin padres.

Según el DANE, en 2015 la jefatura femenina sin cónyuge se presentó en el 78,4% de los hogares del total nacional (DANE, 2017). Y el 36,2% de éstas tenía hijos menores de 18 años. Para 2011, las personas que pertenecen a un hogar cuya jefa es una mujer, presentaron mayores niveles de pobreza monetaria y pobreza extrema que los hogares donde el jefe de hogar es hombre. Martin (2012) encontró que los hijos de madres solteras tienen menos probabilidades de ser altamente educados, que los niños que crecen con ambos padres biológicos.

Según Diego, lo anterior se refiere a madres cabeza de familia, solteras, abandonadas, o aún en parejas casadas, pues el abandono tiene diversos rostros y matices. Puede ser "por falta de una buena preparación, y precisamente por eso es que buscamos papás en la política del Estado, como decir, quien nos mande, perpetuando una especie de autoritarismo inscrito en el inconsciente colectivo".

LA EXPERIENCIA DE LOS PADRES PARA LA CRIANZA DE LOS HIJOS E HIJAS

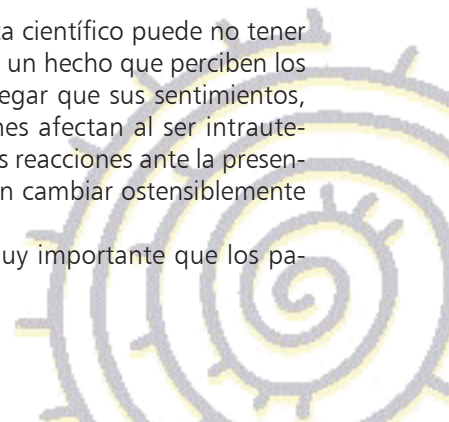
En la narración de Samuel y Diego se puede observar la responsabilidad y compromiso para con sus hijos, desde la preconcepción hasta la crianza, todo ello mediado por el nivel educativo, tanto de ellos como de sus parejas. Además, el acercamiento a prácticas corporales les permitió formarse como seres humanos, desde un enfoque integral que conlleva aspectos emocionales, mentales, físicos y espirituales.

El nivel educativo, el conocimiento de sí, un buen entendimiento con su pareja, les permitió tener un acercamiento a sus hijos, aún desde antes de concebirlos, pues de manera intuitiva ya se tenía la percepción de que alguien vendría. Diego dice al respecto:

...como pareja estábamos muy bien y aplicamos, o sea, de una vez lo intuíamos, desde la preconcepción hubo mucho gozo, alegría, de alguna manera ya habíamos hablado de eso, de que por ahí había como una almita buscando aterrizar. Había tenido sueños con una bebé, alguien que iba a encarnar en un cuerpo femenino, así que para mí fue de profunda alegría la noticia de la gestación...

Desde un punto de vista científico puede no tener explicación, pero como un hecho que perciben los padres, no se puede negar que sus sentimientos, sensaciones y emociones afectan al ser intrauterino. Tanto así como sus reacciones ante la presencia de su padre, pueden cambiar ostensiblemente la relación de pareja.

En consecuencia, es muy importante que los pa-



NÚMERO

46

2021

dres tomen consciencia de su comportamiento durante la gestación, tal como se puede inferir de la siguiente afirmación de Diego: "...me doy cuenta que mi estado anímico no solo afecta a mi esposa, sino también a la bebé, y entonces empiezo a tener más consciencia de mis estados anímicos y más control de mis reacciones".

Otro aspecto vinculante del padre con sus hijos, es el estar presente y activo durante el proceso de parto y parto, como ocurrió con Samuel y Diego. Lo ideal es que el acompañamiento al hijo empiece lo más tempranamente posible, como se ha mencionado, aún antes de la concepción. Según Dellmann (2004) y Redshaw & Henderson (2013), la presencia del padre en el parto no solo reduce la ansiedad, la percepción del dolor, la tasa de depresión postparto, sino que posibilita una mayor satisfacción de la madre con la experiencia del nacimiento y mejores resultados en los hijos.

De acuerdo con Bäckström & Wahn (2011), Hildingsson *et al.* (2011) y Redshaw & Henderson (2013), si la pareja recibe soporte profesional de manera continua, el hombre tiene más probabilidad de tomar un rol activo, sintiéndose empoderado en lugar de inútil, aumenta la satisfacción y brinda un mayor acompañamiento en el cuidado de los niños en la primera infancia.

De acuerdo con Dellmann (2004) y Redshaw & Henderson (2013), después del parto se reportó que los hombres encuentran que la experiencia de apoyo a sus parejas en el nacimiento, fue mucho mejor de lo que ellos esperaban; estuvieron con menos estrés, miedo, más entusiasmados y orgullosos.

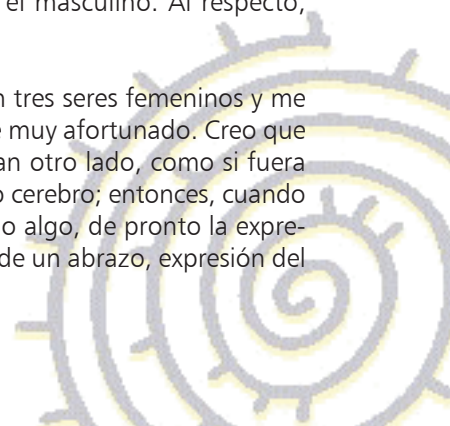
Por último, la relación del padre con los hijos durante la crianza se ve favorecida por los anteriores comportamientos. Pero se debe tener en cuenta

que la experiencia con el hijo, en realidad no es la misma que la experiencia con una hija, y por razones obvias; las diferencias no son solo físicas, sino que, desde la sensibilidad, las emociones y los pensamientos, se facilita más el acercamiento de la hija a la madre, mientras el masculino se siente más afín y ciertamente cómplice del padre.

Luego, la relación de Samuel con su hijo Daniel es como la de los mejores amigos, lo ideal, los mejores compinches: "Daniel es el que sabe casi todos mis secretos". No en balde, cuando le preguntan ¿Cuál es su mejor amigo?, sin titubear dice que es su hijo Daniel; de igual modo, cuando a Daniel lo interrogaron para ingresar a primero de primaria, acerca de su juguete favorito, simplemente dijo que era su papá, y agregó: "mi juguete favorito es mi papá. Porque es que todos los juguetes se me dañan y se me pierden, pero con mi papá puedo jugar cuando yo quiera".

Hay que resaltar que Daniel siempre está acompañado por uno de sus padres, lo que permite que su educación sea más consistente, y por ello sus progenitores siempre están enterados de las tareas, de lo que a él le gusta y las decisiones disciplinarias que toman sus profesores. La experiencia de Diego con sus dos hijas, lógicamente es distinta a la de Samuel, miradas más desde el punto de vista del equilibrio que lo femenino puede representar, y ciertamente beneficiar el masculino. Al respecto, manifiesta:

...yo conviví con tres seres femeninos y me siento realmente muy afortunado. Creo que ellas me muestran otro lado, como si fuera un cerebro y otro cerebro; entonces, cuando uno está diciendo algo, de pronto la expresión de ternura, de un abrazo, expresión del



NÚMERO

46

2021

llanto o una queja, tumba todas las teorías. Ahí uno comprende algo y nos enseña las vulnerabilidades de lo masculino, la necesidad del acompañamiento, el cariño, y obviamente el asombro y el mantener el entusiasmo frente a lo bello.

Es ver como lo que parece débil moldea lo que parece fuerte, y a la vez cómo interactúan en mutua protección buscada la concordia y la respectiva armonía en procura del progreso familiar, a pesar de las dificultades que se presentan en todo hogar. Esto lo ha llevado a admirar la inteligencia y la fortaleza del femenino en circunstancias, disciplinas y compromisos en los que el masculino se siente muchas veces flojo, mientras el femenino asume dichos retos con verdadera responsabilidad y compromiso. Matiza Diego: “por lo menos tienen una sensibilidad mayor frente a la justicia social, a la equidad, y muchos otros aspectos que uno podría agradecer de la presencia femenina”.

Samuel educa a su hijo Daniel desde la confianza, la seguridad, el disfrute, el empoderamiento frente a sus tareas o metas y la disciplina, y le transmite el gusto que él mismo sentía en su juventud con las prácticas corporales y artísticas como el baile, el teatro, el canto, el juego, la música, el deporte, a través de sus mutuas vivencias.

A Daniel el trabajo con el cuerpo no lo atemoriza, tampoco el abrazar, besar y, en forma general, demostrar afecto es algo que hace parte de su cotidianidad. Por ejemplo, a la hora de practicar Karate, le explicó que no es pelea sino competencia, lo que implica respeto por el otro. Derivado de esto Daniel demuestra autocontrol, valor a su propio cuerpo y al de los otros. Además de Karate, a los siete años Daniel estaba aprendiendo o desa-

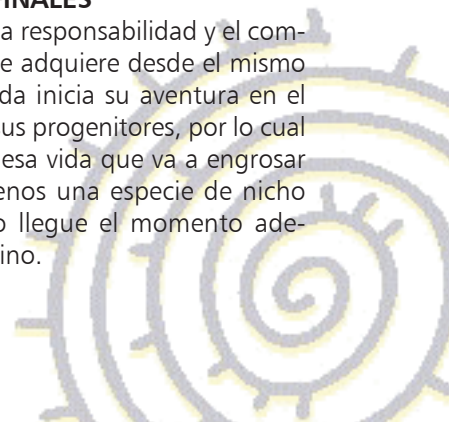
rollando habilidades en natación, música, prelectura e inglés.

Lo anterior es resultado del entusiasmo y compromiso de los padres en la formación de la corporeidad de su hijo, dándole a entender que las limitaciones las pone uno mismo, porque el resto del mundo está abierto para lo que se quiera alcanzar. En efecto, a Daniel se le ha inculcado ser feliz, pues la felicidad no depende de los demás, sino de la decisión que se tome, pensamiento que en realidad se empezó a construir desde antes de la gestación.

La cooperación de los padres es vital para dicha formación, pero hay que sobrepasar los lineamientos del sistema patriarcal que rigen nuestra cultura y que se perciben transversales a todos los sectores, y, por cierto, el sector salud no es una excepción. Realmente, algunas entidades del sistema de salud colombiano realizan charlas técnicas y bien intencionadas, pero falta más contacto, más naturalidad, donde la pareja o la familia sean los protagonistas, por lo que es necesario incentivar la participación en un proyecto que sea para toda la vida. Pero ocurre que, de alguna manera, se está dañando nuestra especie, cuando no se brindan condiciones más humanas desde procesos naturales como la preconcepción, la gestación y el nacimiento.

CONSIDERACIONES FINALES

Hay que entender que la responsabilidad y el compromiso con los hijos se adquiere desde el mismo momento en que la vida inicia su aventura en el corazón y la mente de sus progenitores, por lo cual es tan importante que esa vida que va a engrosar la familia, tenga al menos una especie de nicho planeado para cuando llegue el momento adecuado de Ser- intrauterino.



NÚMERO

46

2021

La educación de los hombres es fundamental, pero si además se le integra una formación en prácticas corporales de autoconocimiento, que lo fortalezcan como ser humano, puede tomar una mayor consciencia con respecto a su comportamiento con la pareja. Al estar presente y activo en los diferentes procesos que se dan en torno al nacimiento, crea un vínculo más estrecho con los hijos, de tal manera que se permita educarlos desde el amor, la seguridad y la confianza.

Luego es necesario estimular desde las instituciones educativas y de salud, programas en los que se incentive la participación de los hombres en los procesos que se dan en torno al nacimiento, para lograr padres más comprometidos con la crianza. Igualmente, se debe brindar a nivel institucional condiciones más humanas, incluyendo las adecuaciones pertinentes a las locaciones físicas, la formación del personal, la inclusión de prácticas donde las familias sean las protagonistas, y se cuente con un respaldo legal, de tal manera que se construya una nueva generación nacida desde el amor.

BIBLIOGRAFÍA

- Aguayo, F., & Sadler, M. (2011). El papel de los hombres en la equidad de género: ¿Qué masculinidades estamos construyendo en las políticas públicas en Chile? En: F. Aguayo & M. Sadler (eds.): *Masculinidades y políticas públicas: involucrando hombres en la equidad de género* (pp.105-126). Chile: Universidad de Chile - Facultad de Ciencias Sociales - Departamento de Antropología.
- Alexandre, A., & Martins, M. (2009). A vivência do pai em relação ao trabalho de parto e parto. *Cogitare Enfermagem*, 14(2), 324-331.
- Bäckström, C., & Wahn, E. (2011). Support during labour: first-time fathers' descriptions of requested and received support during the birth of their child. *Midwifery*, 27(1), 67-73.
- Baquedano, V., & Serrano, D. (2016). Experiencia de los hombres durante el embarazo de su esposa y nacimiento de su hijo(a). *Revista Científica de la Escuela Universitaria de las Ciencias de la Salud*, 1(2), 17-24.
- Barker, G., & Aguayo, F. (2012). *Masculinidades y políticas de equidad de género: reflexiones a partir de la encuesta IMAGES y una revisión de políticas en Brasil, Chile y México*. Río de Janeiro: Promundo.
- Bernadette, S. (2000). *Mujer 2000: igualdad de género, desarrollo y paz en el siglo veintiuno o Beijing+5*. Nueva York: Naciones Unidas.
- Bolívar, A., Domingo, J. & Fernández, M. (2001). *La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla.
- Caracol Radio. (2016). *En Colombia 1 de cada 5 madres es adolescente*: DANE. Disponible En: http://caracol.com.co/radio/2016/05/08/nacional/1462733539_091340.html
- Castañeda, G., & Gómez, S. (2011). Hacia una perspectiva hermenéutica crítica de la Educación corporal: Foucault y el cuidado de sí. En C. García (ed): *Hermenéutica de la educación corporal* (pp.73-86). Medellín: Funámbulos Editores.
- DANE Departamento Administrativo Nacional de Estadística (2017). Encuesta nacional de calidad de vida. *Boletín Técnico*, 16 de marzo.
- Dellmann, T. (2004). "The best moment of my life": a literature review of fathers' experience of childbirth. *Australian Midwifery*, 17(3), 20-26.
- Ganapathy, T. (2014). Couvade syndrome among 1st time expectant fathers. *Muller Journal of Medical Sciences and Research*, 5(1), 43-47.

NÚMERO

46

2021

- Hildingsson, I., Cederlöf, L., & Widén, S. (2011). Fathers' birth experience in relation to midwifery care. *Women and Birth*, 24(3), 129-136.
- Martin, M. (2012). Family structure and the intergenerational transmission of educational advantage. *Social Science Research*, 41(1), 33-47.
- Moreno, S. (2016). Varones y masculinidades en clave feminista: trascendiendo invisibilidades, ausencias y omisiones. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 22, 249-277.
- Naciones Unidas (1995). *Declaración y plataforma de acción de Beijing IV Conferencia mundial sobre las mujeres*. Beijing: Naciones Unidas.
- Perdomini, F., & Bonilha, A. (2011). A participação do pai como acompanhante da mulher no parto. *Texto & Contexto Enfermagem*, 20(3), 245-252.
- Redshaw, M., & Henderson, J. (2013). Fathers' engagement in pregnancy and childbirth: evidence from a national survey. *BMC Pregnancy and Childbirth*, 13(1), 70.
- Ricoeur, P. (2001). *Del texto a la acción: ensayos de hermenéutica II*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Roberts, M. (2016). There from the start: Men and pregnancy. *Australian Family Physician*, 45(8), 548-551.
- Salazar, J., Martínez, B., & Montenegro J. (2015). Construcción de la masculinidad a partir de la experiencia paterna. *Cultura Científica*, 13(13), 80-87.
- Storey, A., Walsh, C., Quinton, R., & Wynne, K. (2000). Hormonal correlates of paternal responsiveness in new and expectant fathers. *Evolution and Human Behavior*, 21(2), 79-95.
- Tonetti, E. (2009). *Un camino hacia liberarnos de las adicciones*. Disponible en: http://www.birt-hintobeing.com/procreacion_consciente
- Tonetti, E. (2011). *Conscious birth. Birth into being*. Disponible en: <http://birthintobeing.com/index.php/articles/conscious-birth/conscious-birth-27>
- Universidad de la Sabana (2014). *Colombia, el país con más madres solteras del mundo y donde la gente menos se casa, dice estudio*. Disponible en: https://www.unisabana.edu.co/en/menu-superior-1/prensa/noticias/detalle-de-noticias/?tx_news_pi1%5Bnews%5D=8346&tx_news_pi1%5Bcontroller%5D=News&tx_news_pi1%5Baction%5D=detail&cHash=423ce4bf0fafa0ffa55a9637ad3b74a0
- Valdés, X., & Godoy, C. (2008). El lugar del padre: rupturas y herencias. Representaciones de la paternidad en grupos altos, medios y populares chilenos. *Estudios Avanzados*, 6(9), 79-112.
- Wynne, K. (2001). Hormonal changes in mammalian fathers. *Hormones and Behavior*, 40(2), 139-145.
- Zuluaga, B. (2015). Padres y madres frente a los retos de la modernidad. *Revista Trabajo Social*, 1, 149-168.



EL TALLER DE GRAFOMOTRICIDAD COMO DISPOSITIVO TERAPÉUTICO EN PSICOMOTRICIDAD INFANTIL

THE WORKSHOP OF GRAFOMETRICITY AS A THERAPEUTIC DEVICE IN CHILD PSYCHOMOTRICITY

Ingrid Henig y Gabriela Paolillo

DATOS DE LAS AUTORAS

Ingrid Henig es Maestra, Licenciada en Psicomotricidad, Magister en Teoría y Clínica Psicoanalítica. Es Ex docente de la Lic. en Psicomotricidad UDELAR y en Psicomotricidad UCU. Fue también Ex Coordinadora y docente del Diploma en Terapia Psicomotriz Infantil, UCU.

Dirección de contacto: iheniga@gmail.com

Gabriela Paolillo es Licenciada en Psicomotricidad. Ex. docente de la Lic. en Psicomotricidad UDELAR. Docente en Lic. en Psicomotricidad UCU y en el Diploma en Terapia Psicomotriz Infantil, UCU.

Dirección de contacto: gabypao66@gmail.com

RESUMEN

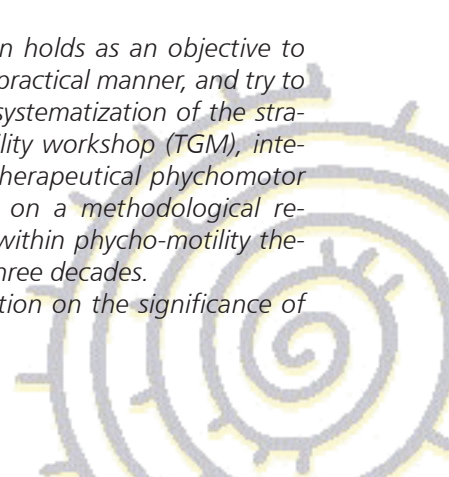
Esta producción escrita tiene como objetivo fundamentar a nivel teórico-práctico e intentar avanzar en la sistematización de la estrategia del *Taller de grafomotricidad* (TGM), integrada al abordaje psicomotriz terapéutico. Se trata de un recurso metodológico ampliamente difundido entre los Psicomotricistas de nuestro medio, desde hace más de tres décadas.

Se comienza reflexionando sobre la significación

ABSTRACT

This written production holds as an objective to base, in a theoretical - practical manner, and try to move forward on the systematization of the strategy of the Grafomotricity workshop (TGM), integrated alongside the therapeutical psychomotor approach. It is based on a methodological resource, widely shared within psycho-motility therapists for more than three decades.

It begins on the reflection on the significance of



NÚMERO

46

2021

del nombre de la estrategia y su origen en la historia de la disciplina en el Uruguay. Posteriormente, nos detenemos a reflexionar en la significación del acto manual y gráfico en la experiencia corporal del sujeto y las incidencias del contexto en el que él está inmerso.

En siguientes apartados se plantean los objetivos generales, el encuadre, la metodología y algunos ejes centrales del trabajo en el TGM como estrategia terapéutica con la población infantil.

Afianzar el enfoque del abordaje desde una concepción global y no parcializada del sujeto apela constantemente a la coherencia del Psicomotricista en su pensar-hacer-decir profesional.

PALABRAS CLAVES: grafomotricidad, taller, manos, dispositivo, expresión, juego, experiencia, trabajo, acompañamiento, grupo, técnicas.

the name of the strategy and its origins in the discipline's history in Uruguay.

We continue to study on the meaning that manual and graphic acts have on the subject's corporal experience, as well as its effects, tied to the context where it stands.

The following parts present the general objectives, the focus, the methodology and the TGM's central working standards, as a therapeutic strategy for infant population.

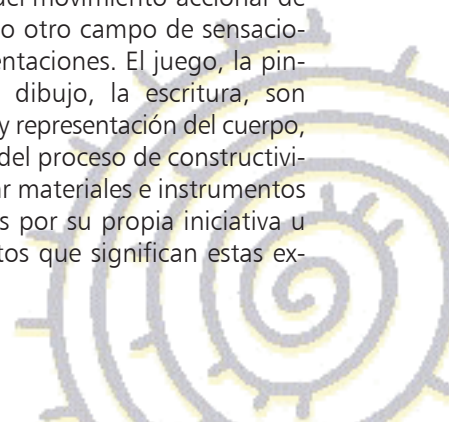
To enforce this approach to the subject from a global perspective and not from a fragmented one demands the constant presence of the psychomotility therapist, as well as his or hers professional thinking - doing - saying.

KEYWORDS: grafomotricity, workshop, hands, device, expression, game, experience, work, accompaniment, group, techniques.

INTRODUCCIÓN

La Práctica Psicomotriz Terapéutica va dirigida a niña/os y niñas que presentan un padecimiento o malestar en su funcionamiento/relacionamiento psicomotriz. Un objetivo general es favorecer la apropiación corporal de la niña/o en relación con el espacio, el tiempo, los objetos y las personas. Las características del encuadre de la práctica Psicomotriz, así como el acompañamiento e intervención del Terapeuta en Psicomotricidad, ofrecen un escenario privilegiado para la experiencia corporal transformadora.

El hacer creativo del niño/a se despliega en una dimensión diferente cuando el movimiento corporal global se detiene y se organiza la postura, para dar paso al protagonismo del movimiento-accionar de las manos, posibilitando otro campo de sensaciones, vivencias y representaciones. El juego, la pintura, el modelado, el dibujo, la escritura, son espacios de experiencia y representación del cuerpo, por ende, facilitadores del proceso de constructividad corporal. Manipular materiales e instrumentos diversos con sus manos por su propia iniciativa u ofrecidos por pares o adultos que significan estas ex-



NÚMERO

46

2021

perencias, promueven que la niña/o se afirme en sus competencias humanas, así como en lo singular de cada uno.

Las actividades manuales y gráficas han disminuido su presencia en la cotidianidad actual de los niña/os. La diversidad de la oferta tecnológica ha ido conquistando tiempos y espacios, ofreciendo a niña/os determinada gama de experiencias en desmedro de otras. La escritura digital reemplazó en parte a la manuscrita. Sin embargo, en muchos espacios de educación formal, se sigue exigiendo calidad y velocidad, sin tener en cuenta que para alcanzarlas, se requiere un proceso de apropiación corporal a nivel relacional e instrumental que ya no es el mismo en los niña/os de hoy.

La escritura manuscrita es una conquista humana como medio de comunicación, independiente de las máquinas, es un legado que el hombre debería proteger, motivando a los niños y niñas a apropiarse, disfrutar de ella y transmitirla a futuras generaciones. Sin embargo, muchos/as de ellas/ellos padecen y rechazan este aprendizaje.

Niños y niñas con experiencias limitadas en el espacio gráfico y de la construcción, teñidas de frustración y resistencias, encuentran en el ámbito del Taller de grafomotricidad (TGM) un acompañamiento "corporizante" (Calmels 2009,104) del terapeuta en Psicomotricidad.

DESARROLLO NOMINACIÓN Y ORIGEN

¿Por qué "taller"?

En la búsqueda del origen y significado de la palabra se encuentra que proviene del francés "atelier" y se vincula con una acepción: "*Lugar en que se trabaja una obra de manos*". (RAE 2014)

Comúnmente se designa como "taller" a un *espacio donde se realiza un trabajo de creación, manual o artesano*, como el taller de un pintor o un alfarero, un taller de costura o de elaboración de alimentos. La *utilización de instrumentos a nivel manual* (aptitud distintiva del hombre) es otra característica del ámbito del taller y ellos dependerán de la actividad que allí se realice.

También hay otras acepciones del término *taller* en el lenguaje común, como la que nombra una *dinámica de trabajo* caracterizada por la participación activa de varias personas que comparten experiencias, vivencias, saberes teóricos y prácticos, cuya culminación es un saber grupal, la creación de algo nuevo y propio.

De esta presentación del espacio y dinámica de un *taller* en general, destacamos los siguientes elementos:

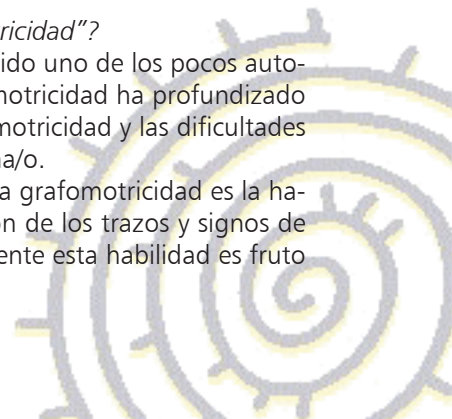
- Experiencia corporal con protagonismo de las manos
- Utilización de diversos materiales e instrumentos
- La expresión y creación
- La interacción y comunicación

Todos ellos son componentes fundamentales de la experiencia corporal en el taller de grafomotricidad como ámbito terapéutico en Psicomotricidad Infantil.

¿Por qué "de grafomotricidad"?

P. Berruezo (2002) ha sido uno de los pocos autores que desde la Psicomotricidad ha profundizado en el tema de la grafomotricidad y las dificultades de la escritura en la niña/o.

"Si consideramos que la grafomotricidad es la habilidad para la ejecución de los trazos y signos de la escritura, evidentemente esta habilidad es fruto



NÚMERO

46

2021

de un desarrollo psicomotor que supone la consecución de los niveles de coordinación neuromotriz y perceptivo-motriz que posibilitan la realización de las praxias manuales (praxias finas). Pero también es consecuencia de un aprendizaje perceptivo-motor que sería el proceso de adquisición de las destrezas que hacen posible la escritura manual. Por otro lado, la ejecución gráfica es consecuencia de un desarrollo psicolingüístico que hace posible, a partir de una capacidad simbólica determinada, la generación de significantes sobre los que establecer relaciones de significado y asociar los signos a las unidades de articulación.” (Berrueto, 2002, 91)

En esta cita quedan expuestos aspectos funcionales fundamentales en el acto grafomotor, los cuales vamos a desarrollar más adelante.

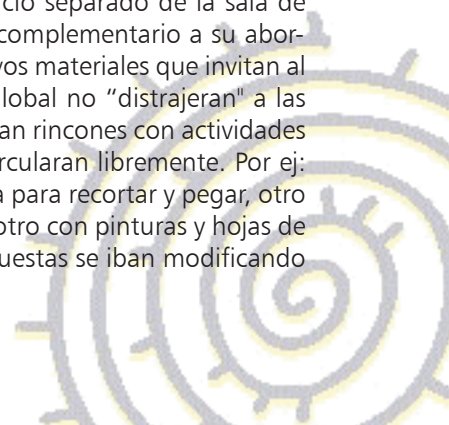
Cuando ampliamos la concepción de grafismo más allá de las grafías incluyendo al dibujo figurativo y no figurativo, números y figuras geométricas, la grafomotricidad pasa a designar un conjunto de competencias psicomotoras que se ponen en juego durante la *realización del gesto gráfico*.

Teniendo como principal objetivo favorecer la evolución del gesto gráfico, se creó un dispositivo facilitador para el desarrollo de actitudes y aspectos funcionales que están subyacentes y asociados a la realización del acto gráfico. Lo cierto es que el taller, desde su inicio rebasa el campo grafomotor para habilitar, favorecer un enorme campo de encuentro del niño/a con sus posibilidades y dificultades en el “hacer con las manos” y en relación con otras personas (pares y/o terapeuta en Psicomotricidad).

Origen del taller de grafomotricidad como espacio terapéutico

Como estudiantes de la generación 1985 de la Licenciatura de Psicomotricidad de la UDELAR, las autoras de este trabajo recuerdan que en el año 1986, cursando la práctica de Terapia Psicomotriz en la sala de psicomotricidad del entonces Departamento de Neuropediatría del Hospital de Clínicas, se enteran de que un nuevo espacio de trabajo con los niños/os, llamado “Taller de grafomotricidad”, comienza a funcionar en el llamado “solárium” ubicado a pleno sol por sus paredes vidriadas en la parte trasera de dicha sala.

La Psicomotricista Cristina de León, acompañada por un grupo de colegas, fue una de las responsables de la iniciativa. Consultada recientemente, ella transmite que en aquella época era el auge de la técnica de Aucouturier, y sagrado el “respeto del deseo del niño/a”. Pero las bases teóricas eran aún muy confusas. Algunas niñas/os mejoraban su escritura sin haber tocado nunca un lápiz. “Era como mágico”. Pero otras niñas/os no evolucionaban de la misma manera. Eran las niñas/os que tenían dificultades a nivel instrumental, lo que hizo pensar que posiblemente requerían un abordaje más específico de los aspectos funcionales subyacentes a la escritura. Procurando la coherencia con la concepción de la práctica aucouturiana, surgió la idea de determinar un espacio separado de la sala de psicomotricidad, pero complementario a su abordaje, donde sus atractivos materiales que invitan al movimiento corporal global no “distrajaran” a las niñas/os. Allí se disponían rincones con actividades para que los niños/os circularan libremente. Por ej: uno con papeles y tijera para recortar y pegar, otro con masa de modelar, otro con pinturas y hojas de gran tamaño. Las propuestas se iban modificando



NÚMERO

46

2021

sesión tras sesión. La respuesta de las niñas/os no fue positiva, la mayoría no sabía qué hacer y la situación les provocaba ansiedad. Es así como se inicia un proceso de búsqueda, de ajuste a los intereses y necesidades de las niñas/os, así como del acompañamiento del Psicomotricista en este nuevo encuadre.

Es el mismo motivo el que lleva a las autoras de este trabajo a crear un espacio similar en el área de la Práctica Psicomotriz Educativa en el año 2000 (Revista iberoamericana de psicomotricidad, número 2) en el Jardín Enriqueta Compte y Riqué donde se llevaban a cabo prácticas con preescolares de la materia Educación Psicomotriz, correspondiente a la Licenciatura de Psicomotricidad de la UDELAR. La observación y acompañamiento de los niña/os utilizando el dispositivo de la sala de psicomotricidad, no era suficiente para conocer y favorecer el funcionamiento psicomotor de los niña/os durante el acto gráfico y otras actividades gnosopráxicas.

Otro antecedente más actual es el representado por el ciclo de talleres de formación, organizado por este equipo de docentes, en un espacio privado de Formación para Psicomotricistas, (se realizaron 7 talleres de alrededor de 20 estudiantes y egresados, cada uno, durante los años 2015 y 2016), tomando en cuenta inquietudes recibidas sobre la formación del psicomotricista para el abordaje terapéutico en esta área del desarrollo y aprendizaje infantil.

CUANDO EL MOVIMIENTO GLOBAL DEL CUERPO SE SUSPENDE

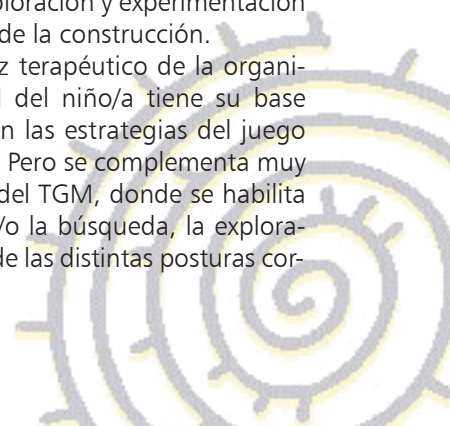
Necesidad de reorganización tónico-postural

La niña/o debe reorganizarse a nivel tónico-postural para mantener una postura estable, tanto de pie como sedente.

En el TGM se posibilita el paso al protagonismo del movimiento-accionar de las manos que exploran, posibilitando diferentes sensaciones, vivencias y representaciones. La coordinación bimanual supone una fina sinergia en el movimiento de ambas manos (una especializada en la función de iniciativa y otra en la de soporte), se sostiene en una *organización tónico-postural* y se potencia con la participación de la visión. Da Fonseca (2005) marca la coordinación del triángulo postura-visión mano como base de la praxia fina. "La precisión, velocidad y coordinación recíproca de las manos no están desconectados de la organización postural...". (Da Fonseca 2005,271)

Dicha coordinación motriz implica un gran desafío para muchas niñas/os, con importantes dificultades, inestabilidades, hábitos posturales inadecuados. Para otros, con historia de fracaso escolar, la inestabilidad postural es una forma de mostrar la resistencia; rechazan la postura sedente pues la asocian con lo escolar. En todos los casos se acarrea una limitación de la exploración y experimentación en el espacio gráfico y de la construcción.

El abordaje psicomotriz terapéutico de la organización tónico-postural del niño/a tiene su base principal, indudable, en las estrategias del juego corporal y la relajación. Pero se complementa muy bien con la propuesta del TGM, donde se habilita y promueve en la niña/o la búsqueda, la exploración y concientización de las distintas posturas cor-



NÚMERO

46

2021

porales, la representación espacial de las partes del cuerpo, integradas en un todo. Y se re-presenta la postura más funcional para la escritura.

La pertinencia y oportunidad de la propuesta del TGM será pensada para cada niña/o. El psicomotricista observa la disponibilidad del niño/a para acompañarlo en ese proceso de involucramiento y reorganización del cuerpo para acercarse a otro campo de experiencias: las experiencias a nivel manual y gráfico. Será habilitada por la contención afectiva, el acompañamiento y tecnicidad del Psicomotricista, la oferta de espacios y objetos, mediadores de dicha experiencia.

El papel preponderante de las manos en la constructividad corporal

El hacer y crear con las manos, la manipulación de instrumentos, la realización gráfica, representan capacidades y habilidades distintivas del ser humano. Estas posibilidades del hombre se han potenciado a través de los tiempos. "La mano, considerada la unidad motora más compleja del mundo animal, es en gran medida la arquitecta de la civilización y naturalmente la arquitecta de la inteligencia en la niña/o y en el hombre." (Da Fonseca, 2005,256).

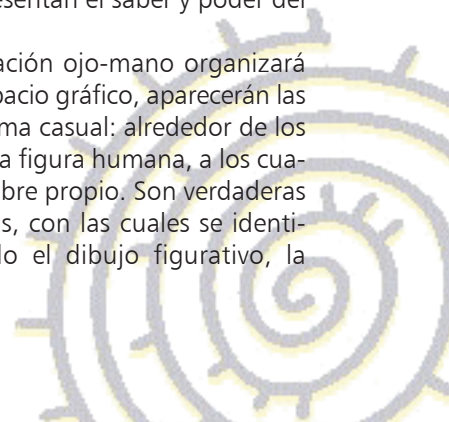
La apropiación y dominio de las manos depende de factores constitucionales y especialmente de la posibilidad de explorar y experimentar del niño/a. En cada experiencia, significada por el lenguaje de sus referentes afectivos, se construye y reconstruye un bagaje dinámico de representaciones que son materia prima del esquema y la imagen corporal. Dichos populares como: "manos de manteca" adjudicado a un desempeño torpe, "manos de seda" a una manipulación sutil. Junto con otros como "mano pesada", "mano larga", constituyen ejem-

plos de cómo al funcionamiento manual se integran representaciones culturales.

Al inicio de la vida las manos del otro tienen un papel relevante: sostienen, erogenizan el cuerpo, marcan los límites, lo mueven, etc. Posteriormente, las manos del niño/a son exploradas por sí mismo a través de todos los sentidos: exploración visual, táctil, gustativa. Y es así que comienzan a apropiarse como instrumento de acción-transformación sobre sí mismo y sobre el entorno. Serán más o menos habilitadas como una parte del cuerpo del niño/a privilegiada para la exploración ("qué rica está la mano", "sácate la mano de la boca chanchito", "me rasguñaste, malo").

Posteriormente la niña/o experimenta una sensación de omnipotencia al llegar hacia las cosas por sus propios medios: toca lo que puede tocar y lo que está prohibido tocar. La exploración a nivel manual se amplía. El adulto presenta los objetos, y con ellos el mundo; sostiene estos aprendizajes, da el tiempo necesario, habilita la exploración, de garantías de seguridad y las frustraciones también van estructurando, organizando la acción del niño/a. La niña/o se interesa tempranamente por dejar huellas, en ocasiones en lugares poco aceptados por los adultos, por ejemplo, huellas de la mano sucias de comida en la mesa, en la pared. Pronto identifica los instrumentos gráficos como instrumentos que representan el saber y poder del adulto.

El acceso a la coordinación ojo-mano organizará este recorrido por el espacio gráfico, aparecerán las primeras figuras en forma casual: alrededor de los tres años el esbozo de la figura humana, a los cuatro la escritura del nombre propio. Son verdaderas producciones subjetivas, con las cuales se identifica. Luego de logrado el dibujo figurativo, la



NÚMERO

46

2021

niña/o sigue desarrollando producciones no figurativas, muchas veces desvalorizadas por el adulto, preocupado por la casita, el pasto y las flores, quien no reconoce en estos intentos la intensa exploración que hace la niña/o del espacio gráfico. Las manos se tornarán cada vez más hábiles pero los desafíos son progresivos: se diversifican los instrumentos. En el ámbito educativo se ofrecen instrumentos gráficos, manuales (por ejemplo: tijeras, punzones, pinceles), computadora. Cada uno requiere una prensión y una manipulación particulares. También se modifican y restringen los espacios: del espacio total al espacio parcial, al espacio de la construcción y el gran desafío: el espacio gráfico. Sería interesante reflexionar acerca de la apropiación del espacio virtual por parte del niño/a en este proceso.

Se requiere que la familia acompañe este proceso de aprendizaje y autonomía, que el cuerpo del niño/a vaya independizándose del cuerpo del adulto como cuerpo auxiliar. Cuántas veces nos hemos sorprendido cuando detrás de una niña/o que no puede involucrarse en una tarea más organizada, no puede organizarse en el espacio y los materiales, se frustra y desiste frente al primer intento fracasado, hay adultos que resuelven todo por él. El cuerpo del niño/a y en especial las manos están ubicados en el lugar del no poder, no saber. Dependiendo de la institución educativa y la propuesta pedagógica en los primeros años de la escolaridad (6-7 años) suele presentarse el aprendizaje de la letra en cursiva. Amada por la niña/o como la letra de los grandes, odiada por aquellas niñas/os que se ven enfrentados a la gran frustración de una forma no lograda o sumamente costosa, que desafía al máximo la capacidad de frustración.

En muchas niñas/os que nos consultan, el cuerpo del adulto sigue estando demasiado presente como cuerpo auxiliar o en otros casos ausente. En ambos casos se obstaculiza el proceso de autonomía. Es interesante indagar estos aspectos en la historia del niño/a y favorecer transformaciones en los contextos vitales

En el TGM se propician experiencias significativas con sus manos, una exploración multisensorial que relanza la búsqueda del niño/a por nuevas sensaciones y vivencias, lo afirman en sus posibilidades creativas y transformadoras.

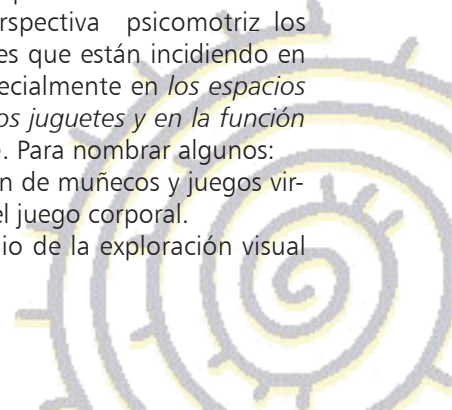
INCIDENCIA DE LOS FACTORES SOCIO CULTURALES Y PEGAGÓGICOS EN LA GRAFOMOTRICIDAD DEL NIÑO/A

Incidencia de los factores socio-culturales

El psicomotricista debe ser consciente de la restricción de la experiencia corporal y corporal-manual del niño/a en la época actual. Son cada vez más los objetos o imágenes de los objetos para mirar, que aquellos para oler, tocar, gustar, sacudir, golpear, armar y desarmar. Los instrumentos manuales y gráficos pierden atractivo frente a la abundante y variada oferta de sofisticados juguetes pero dan un lugar limitado a la exploración, iniciativa y creatividad.

Calmels (2013), en un capítulo dedicado a La Niñez analiza desde una perspectiva psicomotriz los cambios socio-culturales que están incidiendo en la vida del niño/a, especialmente en *los espacios disponibles, el juego, los juguetes y en la función corporizante del adulto*. Para nombrar algunos:

- Gran difusión de muñecos y juegos virtuales, en desmedro del juego corporal.
- El predominio de la exploración visual



NÚMERO

46

2021

sobre las demás modalidades sensoriales, quedando la niña/o en un rol de espectador intensivo.

- Oferta excesiva de juguetes estructurados que limitan los procesos creativos y cuyo funcionamiento aparece como mágico.

- La pérdida del juego con productos de la naturaleza y desechos y así crear algo nuevo.

- Retaceo de la presencia y acompañamiento del adulto que habilita, sostiene y contiene la experiencia del niño/a.

Plantea una modificación en la corporeidad: esa mano ha perdido cualidades humanas conquistadas en miles de años.

Incidencia de los factores pedagógicos

Cuando se consulta por un niño/a con dificultades en la grafomotricidad, el Terapeuta en Psicomotricidad investiga sobre:

- *La experiencia corporal, manual y gráfica del niño/a en su desarrollo*, en los aspectos cuantitativos y cualitativos de su desarrollo psicomotor contextualizado en el ámbito familiar.

- *En la etapa de Educación Inicial*, ¿se favoreció el desarrollo de aspectos actitudinales y funcionales subyacentes al aprendizaje de la escritura? ¿Se respetaron los tiempos de ese desarrollo?

- *La enseñanza sistemática en el trazado de la escritura en letra cursiva*: ¿Se dio? ¿Cuándo y cómo? Actualmente es frecuente encontrar posturas pedagógicas muy disímiles: la precocidad en la enseñanza, la desvalorización de los aspectos grafomotores (no importa la letra), sobrevaloración, la sobreexigencia o rechazo a la enseñanza de la cursiva. La letra cursiva de algunas niñas/os evidencia estrategias que fueron adoptando y automati-

zando a partir del ensayo y error, en ausencia de la enseñanza sistemática.

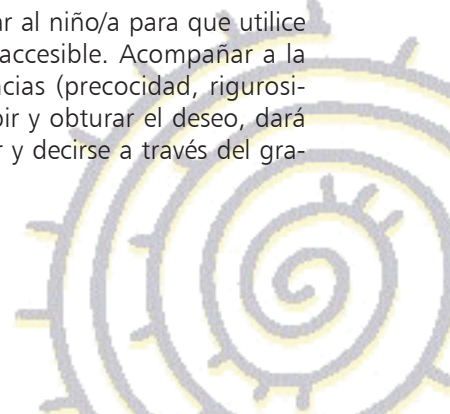
- *La adecuación de exigencias pedagógicas a las posibilidades del niño/a*. ¿Se contemplan sus dificultades en el logro de la calidad o la velocidad?

- *¿Cómo respondieron los padres?*

La Psicomotricista y maestra Cristina de León (2010) identifica las siguientes *fallas pedagógicas* en la enseñanza de la escritura:

- Instrucción rígida e inflexible
- Descuido del diagnóstico del grafismo, como método de identificación de las dificultades.
- Deficiente orientación del proceso de adquisición de destrezas motoras.
- Orientación inadecuada al cambiar de la letra "script" a la letra cursiva.
- Objetivos demasiado ambiciosos.
- Incapacidad para enseñar a los zurdos la correcta posición del papel y los movimientos más idóneos
- Posturas pedagógicas que sostienen que exigir la realización de formas correctas, inhibe el deseo de escribir como medio de expresión. (p 86-87)

Es importante tener en cuenta que para algunos niños/as con dificultades severas en su equipamiento neuromotor, o que fueron afectados por distintas interferencias en el proceso de enseñanza-aprendizaje, la propuesta de la letra cursiva representa un obstáculo insalvable e inconveniente. Lo que importa es habilitar al niño/a para que utilice la letra que le resulte accesible. Acompañar a la niña/o sin sobreexigencias (precocidad, rigurosidad) que puedan inhibir y obturar el deseo, dará lugar al placer de decir y decirse a través del grafismo.



NÚMERO

46

2021

PROBLEMÁTICAS PSICOMOTORAS SUBYACENTES A LAS DIFICULTADES EN LA GRAFOMOTRICIDAD

La experiencia en el área de la Clínica Psicomotriz Infantil pone en evidencia que las dificultades en la grafomotricidad y específicamente en la escritura o en la iniciación de su aprendizaje es uno de los motivos más frecuentes en el área. Es la "punta del iceberg" en la problemática corporal del niño/a. A través del proceso diagnóstico. *En la base de las dificultades grafomotoras podemos encontrar:*

- Alteraciones tónicas o tónico-emocionales
- Dificultades gnósopráxicas (somato-espaciales, visuo-espaciales, témporo-espaciales, praxia constructiva, praxias de utilización de objetos, etc.).
- Dificultades en el proceso de lateralización
- Dificultades de la coordinación motriz
- Inestabilidades, inhibiciones psicomotoras

Estas problemáticas corporales pueden coexistir, y dependiendo de la entidad conducir a un rechazo hacia las actividades grafomotoras, como resultado de la indisponibilidad corporal, escasa capacidad de frustración, baja autoestima, dependencia del adulto.

"Sumadas a sus dificultades perceptuales, práxicas o figurativas, se añade en la mayoría de estos niños y niñas, marcas de una historia escolar teñida de fracasos y exigencias que desmotivan el contacto placentero con las experiencias gráficas." (Calmels 2013, 42)

El Psicomotricista tiene el desafío de explorar e identificar cuáles son los aspectos relacionales y funcionales que están en la base de las dificultades grafomotoras. Despejar completamente unos y otros no es tarea fácil, más bien imposible, dado

que su intrincamiento es la esencia del funcionamiento psicomotor del niño/a.

EL TALLER DE GRAFOMOTRICIDAD COMO DISPOSITIVO DE LA INTERVENCIÓN EN TERAPIA PSICOMOTRIZ INFANTIL (TPI)

La palabra dispositivo proviene etimológicamente del latín "dispositus", participio pasivo de "disponere", disponer. RAE (2019). Algunas de las acepciones citadas:

- Que dispone
- Organización para acometer una acción

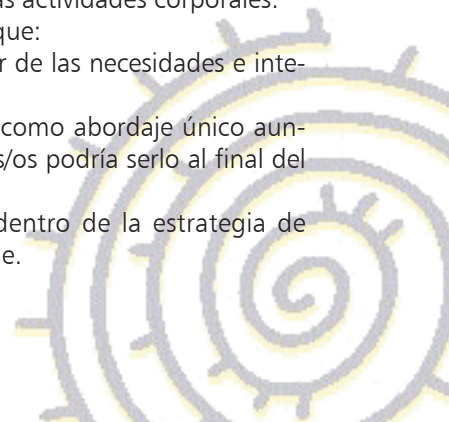
El contexto del taller de grafomotricidad, brinda una organización témporo-espacial, una oferta de objetos y un acompañamiento específico del Psicomotricista, que favorece el abordaje de aspectos relacionados con la grafomotricidad y la praxia manual.

La experiencia clínica muestra la conveniencia para muchas niñas/os de que el espacio del TGM esté separado del espacio de la sala de psicomotricidad; esta discontinuidad dispone a la niña/o a un involucramiento corporal diferente. Para otras niñas/os, será necesario que el TGM sea un espacio parcial, incluido en el de la sala de psicomotricidad.

Para algún s será una propuesta al tiempo de iniciado el tratamiento. Para otro será único al comienzo pues rechaza las actividades corporales.

Lo más importante es que:

- Será pensado a partir de las necesidades e intereses de cada niña/o.
- No lo consideramos como abordaje único aunque para algunos niñas/os podría serlo al final del proceso terapéutico.
- El abordaje global dentro de la estrategia de rodeo, es imprescindible.



NÚMERO

46

2021

Enfoque de la Intervención Psicomotriz Terapéutica en el TGM

Se requiere evocar aunque sea brevemente algunas referencias conceptuales claves, a partir de las cuales pensamos el abordaje del TGM como dispositivo terapéutico.

El cómo ser global, concepción en la que ha insistido el profesor B. Aucouturier y ha sido tomado por muchos autores, entre ellos, Rodríguez Rivas (2013). Sería incongruente pretender el abordaje de algunas dimensiones de la persona del niño/a como ser de desarrollo, ignorando otros. Este último autor también señala la afinidad de esta concepción global con la concepción sistémica de Da Fonseca (2005), quien plantea que los factores psicomotores tienen una relación jerárquica y se apoyan unos en otros.

La niña/o como sujeto en construcción, único, irrepetible, con un equipamiento biológico puesto en relación con un entorno. Es fruto de una historia relacional e inmerso en un contexto vital determinado. A la singularidad del niño/a se corresponde la *singularidad de la intervención psicomotriz* como plantea C. Sykuler (2005)

Concepción del síntoma psicomotor

En base a autores como Bergés (1997), Calmels, (2003), Levin, (1991) González (2009), consideramos al síntoma o trastorno psicomotor como un estilo particular de funcionamiento psicomotor y funcionalidad psicomotora, marcados por el padecimiento, conlleva un malestar del sujeto para relacionarse y/o hacer con su cuerpo. Nos alejamos así de una concepción de la terapia como reparadora de un déficit.

Si bien su naturaleza es relacional, (se construye en la relación con otro semejante significativo), pue-

den estar incidiendo factores del orden somático que es muy importante identificar para aproximarse a la situación particular del niño/a y su familia.

Concepción de Terapia Psicomotriz: La entendemos como un acompañamiento estructurante hacia la apropiación, el reposicionamiento corporal del niño/a por parte del terapeuta en Psicomotricidad, Adherimos a un *enfoque de rodeo al síntoma* implícito en el texto de Ajuriaguerra (2000) en el cual plantea que nuestro objetivo se reduce a modificar la figura como síntoma, pero especialmente el fondo que lo hace posible

Rodríguez Rivas (2014) analiza la estrategia de rodeo "Nunca atacemos muy directa y rápidamente un propósito o un problema, ya que: o nos perderemos muchos aspectos que también influyen o lo que es peor, por no haber ido a la raíz, probablemente quedará enquistado y cronificado." La estrategia de rodeo se fundamenta en el abordaje corporal global, a través del juego corporal y las propuestas de distensión motriz o relajación. "Cuando una niña/o presenta dificultades en su grafismo, el abordaje terapéutico debe abrir un espacio para contemplar el cuerpo" (Calmels, 1998,94).

No obstante, avanzando en la estrategia de rodeo, hacia el reposicionamiento del niño/a en cuanto a su desenvolvimiento manual y gráfico, consideramos que en un determinado momento es importante (a partir de la escucha empática, teniendo en cuenta el proceso, necesidades e intereses del niño/a) que el terapeuta despliegue su iniciativa y creatividad al proponer desafíos ajustados y coherentes al Proyecto Terapéutico.

Es una interesante contribución de Serrabona (2017) cuando plantea una Psicomotricidad terapéutica de

integración. “Una psicomotricidad de integración, donde se integren elementos psicomotrices válidos para nuestra praxis” (p.25). Este enfoque teórico-práctico es muy útil asimismo para pensar el abordaje utilizando otras estrategias como el juego corporal, instancia en la que es fundamental la actividad espontánea del niño/a, pero el psicomotricista también propone desafíos.

Ajuriaguerra (1984) propone métodos preparatorios en su plan de reeducación de la escritura: Propuestas de actividades próximas a la escritura que le llevarán a una mayor facilidad en la ejecución de las letras. Si bien este material corresponde a otra época, y necesitan ser contextualizadas a la actualidad de los procesos de enseñanza aprendizaje y a la situación de cada niña/o, las contribuciones de Ajuriaguerra continúan siendo inspiradoras.

Objetivos generales del TGM como dispositivo terapéutico

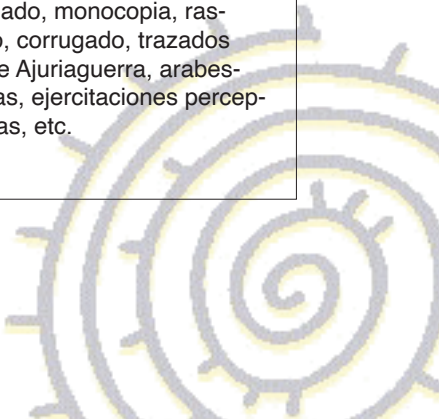
Algunos que se desprenden de la experiencia clínica:

- Facilitación de experiencias corporales que favorezcan la exploración y apropiación del cuerpo en el espacio de la construcción y el espacio gráfico.
- Reposicionamiento del niño/a hacia la afirmación en sus posibilidades corporales, reconocimiento de lo propio y singular, favoreciendo la autonomía.
- Promoción del desarrollo de aspectos instrumentales “saber hacer con su cuerpo”, en un marco de contención afectiva.
- Descubrimiento de nuevos estilos de funcionamientos y funcionalidades psicomotoras, como estrategias para avanzar en procesos de aprendizaje, autonomía y socialización.

Los objetivos particulares corresponden a la contextualización de estos objetivos o la creación de otros, en función de las necesidades, posibilidades e intereses del niño/a.

Materiales, instrumentos, actividades y técnicas

<i>Materiales</i>	<i>Instrumentos</i>	<i>Actividades, técnicas</i>
Papeles de diferentes texturas (cartulina, de calco, glace, afiche, celofán, crepé, de lija) , pinturas, tintas, acuarelas, juegos didácticos, masa de modelar, cerámica, barro, papel centimetrado, papel carbónico, enduido, etc.	Pinceles, lápices, crayones, marcadores, pasteles, punzones, tijeras, instrumentos de geometría, estiletes, etc.	Modelado, pintura con pincel, dibujo, escritura, esfumado, recortado, origami, esgrafiado, monocopia, rasgado, trozado, corrugado, trazados deslizantes de Ajuriaguerra, arabescos, guirnaldas, ejercitaciones perceptivas y práxicas, etc.



NÚMERO

46

2021

Cuando se seleccionan varias actividades para el taller, es conveniente que el psicomotricista tenga en cuenta la necesidad de alternar las siguientes características:

- Nivel y aspecto atencional: ejemplo: una actividad de más alta exigencia en cuanto a una atención sostenida, con otra en la que la niña/o puede autorregular su atención
- Nivel de interacción: ejemplo: una actividad colectiva con otra individual
- Nivel de autonomía: ejemplo: una actividad que requiere proximidad del psicomotricista, con otra que posibilita la distancia.
- Nivel de exigencia: Ejemplo: una actividad que implique un alto desafío a la niña/o, con otra que sea muy distendida y lúdica.
- Nivel de exigencia a nivel gráfico y manual: ejemplo una actividad gráfica con otra que no implique el nivel gráfico sino sólo a nivel manual más global o meramente perceptivo.

El lugar de las técnicas

Las técnicas son todos aquellos procedimientos y recursos que el profesional ha ido incorporando durante las instancias de grado, cursos y talleres paralelos, muchas veces ligados a las habilidades e intereses que cada cual desarrolla en forma individual buscando seguir la formación (técnicas grafo-plásticas del área de las artes plásticas, yoga, técnicas de narración y relajación, Pilates).

Durante el abordaje en TPI estas técnicas podrán ser una herramienta oportuna que favorezca el proceso con esa niña/o, pero de modo alguno se pondrán por delante de lo esencial en ese proceso que es la propia niña/o y sus posibilidades. "Lo que hará a nuestra posición clínica es la posibilidad de ofrecer la propuesta en función de lo que surge

en el proceso de trabajo conjunto con esa niña/o en singular." (Huguett, 2008)

Podríamos pensar también estas técnicas o "saberes" como formas de mediación; Marc Rodríguez (1999), plantea la hipótesis de considerar la mediación como un proceso terapéutico singular que se apoya en la materialidad del mediador y la participación activa del terapeuta.

"Que el mediador sea un objeto concreto (agua, tierra, pasta de modelar) o sea una técnica particular (un cuento, música, piscina) la necesidad de introducir en la relación un tercero mediador nos ha llevado a interrogarnos acerca de la mediación en tanto proceso terapéutico... Si la mediación constituye un dispositivo preestablecido, dispositivo material, técnica, de espacio, de tiempo, la verdadera esencia de la mediación es según nuestra opinión, inmaterial, forma parte de los procesos que apuntan al despliegue de la actividad representativa" (p.12)

Aspectos funcionales, vivenciales y actitudinales en la participación del niño/a

Aspectos funcionales

Durante la instancia diagnóstica, el psicomotricista procura aproximarse al estilo de funcionamiento psicomotor del niño/a, se exploran las diferentes funciones psicomotoras, reconociendo sus fortalezas y vulnerabilidades.

Interesa captar el *funcionamiento Psicomotor* (la puesta en juego de las funciones psicomotoras en la relación con el otro, como referente afectivo) y la funcionalidad psicomotora (cómo ese funciona-

NÚMERO

46

2021

miento psicomotor es significado por el entorno familiar/social, si es “funcional” a los efectos de una integración activa y creativa). (Henig I, Huguet M.J. 2017)

Posteriormente al proceso diagnóstico, si la niña/o requiere una intervención terapéutica, el profesional elabora un Proyecto Terapéutico, singular para cada uno, y dinámico a medida que transcurre su proceso. Se establecen objetivos y estrategias.

La estrategia del TGM resulta beneficiosa y atractiva para las niñas/os que presentan disfuncionamientos psicomotores: fuerza de la mano, coordinación bimanual, coordinación óculo-manual, desligamiento digital, praxia constructiva, dominios cognitivos como la atención visual, funciones ejecutivas etc.; y además ofrece a todos las niñas/os, la oportunidad de inagotables experiencias corporales en el plano grafomotor y constructivo.

Aspectos vivenciales

La observación-contemplación de la gestualidad, actitudes y acciones de las niñas/os, así como la escucha de sus expresiones verbales, permite afirmar que la instancia del TGM es una rica fuente de vivencias individuales y grupales. En un proceso terapéutico hacia la afirmación del niño/a, algunas de ellas son:

- Libertad de imaginación, expresión y creación
- Experimentación, descubrimiento, sorpresa (vivencia de placer sensorio-motriz, movilización tónico-emocional).
- Experiencia de autoría
- Comodidad corporal (regulación tónico-postural)
- Fluidez, armonía, distensión del movimiento
- Autoestima: “yo puedo”
- Autonomía: “yo puedo solo”

- Mostrarse a otros desde una perspectiva de valoración de sus posibilidades
- Exploración multisensorial
- Gusto y búsqueda de lo estético

Varios de estos aspectos están implícitos en el texto de Ajuriaguerra (1984): “Pretendemos pues, ante todo, relajar a la niña/o, darle confianza, devolverle el gusto por las formas” (p.15)

Aspectos actitudinales

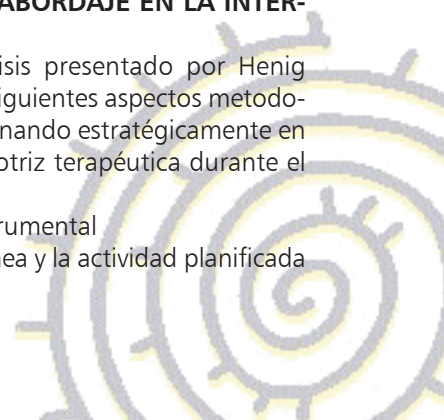
Negativa, resistencia, evasión, oposición, dependencia, escasa exploración y pronta frustración, son actitudes que frecuentemente observamos en las niñas/os, en la etapa del proceso diagnóstico. Durante el proceso terapéutico, se favorece el surgimiento y empoderamiento de las siguientes:

- Iniciativa
- creatividad
- perseverancia
- organización
- cuidado de su cuerpo y el del otro , de los materiales e instrumentos
- esfuerzo
- autorregulación
- autonomía

METODOLOGÍA DEL ABORDAJE EN LA INTERVENCIÓN EN EL TGM

Se profundiza el análisis presentado por Henig (2017), a partir de los siguientes aspectos metodológicos que se van alternando estratégicamente en la intervención psicomotriz terapéutica durante el TGM.

- Lo expresivo y lo instrumental
- La actividad espontánea y la actividad planificada



NÚMERO

46

2021

- El juego y el trabajo
- Abordaje individual, grupal o combinado

Lo expresivo y lo instrumental

Entendemos que en sus grafismos, en su particular forma de “hacer con las manos”, en su estilo de organización, cada niña/o despliega lo propio y único dándole un “sello”. Nuestro rol es reconocer esa singularidad, acompañar e intervenir con aquella niña/o que por alguna razón tiene obturado o inhibido este proceso de decirse con libertad. Lo expresan a través del rechazo, la estereotipia, la búsqueda de modelos externos.

Otro interesante aporte teórico es el de Levin (2010) donde se refiere a experiencias subjetivantes que constituyen un acontecimiento en la vida del niño/a, construyen cuerpo y quedan inscriptas en la plasticidad simbólica.

La experiencia creativa ubica a la niña/o en la posición de autor, lo moviliza tónico-emocionalmente, libera la imaginación, lo lanza a la exploración, poniendo en juego las funciones psicomotoras. Muchas de las actividades privilegiadas por su potencial expresivo, como el dibujo, la pintura, el modelado, las construcciones, involucran ampliamente los aspectos instrumentales.

Pero es importante aclarar que el Psicomotricista cuenta con una gama de recursos materiales y técnicos; a través de propuestas pensadas para esa niña/o o niño se favorece especialmente la puesta en juego, el investimento y el desarrollo de aspectos funcionales, instrumentales ya mencionados como subyacentes a la grafomotricidad.

Interesa cómo la niña/o recibe y transforma esa propuesta, dando lugar a la experimentación y la sorpresa tanto de él como del psicomotricista. Al trabajar con niña/os con importantes dificultades

instrumentales, se trata de acompañarlos muy próximamente, haciendo “entre dos” y luego propiciando la autonomía.

La posición teórico-práctica que hemos ido construyendo para fundamentar el trabajo en el taller, es de atención e intervención hacia los aspectos relacionales y funcionales, siendo conscientes que es imposible separarlos. Aunque la balanza puede inclinarse levemente hacia uno o hacia otro en algún momento de la actividad o de una actividad a otra, siempre hay lugar para lo expresivo por más instrumental que sea la propuesta, si no, no sería una experiencia significativa para la niña/o.

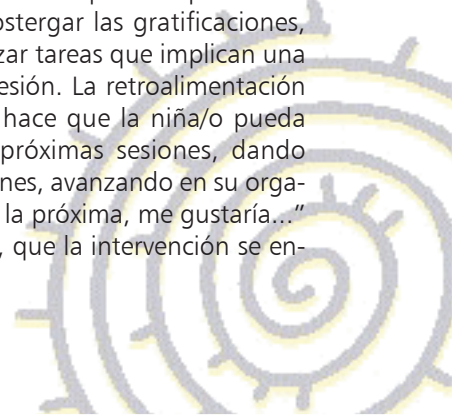
Entonces es cuando nos proponemos pensar otra alternancia en el abordaje del TGM:

La actividad espontánea y la actividad planificada

Como decíamos, el Psicomotricista está siempre atento a la iniciativa del niño/a y favorece su creatividad. Eso sucede tanto en el contexto de la instancia de juego corporal, como en el taller de grafomotricidad.

Sabemos que el juego corporal es disparador de imágenes mentales que pueden plasmarse espontáneamente en el taller. O la niña/o planifica en la sala para el taller, anuncia, anticipa lo que quiere hacer.

La niña/o escolar que no padece trastornos del desarrollo, que no está invadido por una problemática afectiva, puede postergar las gratificaciones, puede planificar y realizar tareas que implican una secuencia sesión tras sesión. La retroalimentación acción-representación hace que la niña/o pueda proyectarse hacia las próximas sesiones, dando continuidad a sus acciones, avanzando en su organización temporal. “En la próxima, me gustaría...” Es importante destacar, que la intervención se en-



NÚMERO

46

2021

marca en un proyecto terapéutico, que orienta al psicomotricista, con objetivos “flotantes”. Se apunta a una mejora en la calidad de vida del niño/a. Hay aspectos relacionales e instrumentales que están haciendo obstáculo en su contexto cotidiano. Y el Psicomotricista cuenta con recursos que pone al servicio durante el encuentro, en forma espontánea o planificada con anterioridad (M. J. Huguet, 2008). El proyecto terapéutico organiza el pensamiento y el hacer del Psicomotricista, desplegado en los 4 ejes de la intervención psicomotriz terapéutica (IPT): IPT directa con la niña/o, IPT con el contexto familiar, IPT con el contexto educativo e IPT a nivel interdisciplinario (con otros profesionales de la salud) (Henig I. 2017). Para que el proyecto terapéutico sea un organizador y no una barrera que se interponga en la escucha empática del profesional hacia la niña/o no debería ser *racionalizado excesivamente* (Bergés, 1991), sino reformulado continuamente *al recibir* a la niña/o, sesión a sesión, momento a momento.

El Psicomotricista toma en cuenta los intereses manifestados por la niña/o, piensa acerca de sus necesidades. A partir de la escucha empática, apela a sus propios recursos de la formación que son transformados creativamente para esa niña/o en particular.

El juego y el trabajo

En la estrategia de juego corporal queda claro, que la niña/o despliega en la sala de PM variedad de recursos lúdicos, contando con abundantes espacios y materiales para su desarrollo.

Winnicott (1986) ubica al juego en la zona o espacio transicional entre la niña/o y su madre (otro), zona intermedia de la experiencia lúdica y más adelante en las artes, la religión, la vida imaginaria, la labor científica creadora y el trabajo.

Según los registros clínicos de colegas, antes de conocer la propuesta y el dispositivo de Aucouturier, lo que sucedía era, que el abordaje, aunque fuera reeducativo, tenía mejores resultados cuanto más afianzada estaba la relación con el psicomotricista, entonces lo que acontece en ese espacio transicional sería la clave de los progresos en una terapia. Por otro lado, A. Freud (1991) en su trabajo sobre las líneas del desarrollo infantil describe una de ellas definiéndola como: “Del cuerpo hacia los juguetes y desde el juego hacia el trabajo”. Plantea que la capacidad lúdica se convierte en capacidad de trabajo cuando se adquieren facultades complementarias como:

- a) el control, la inhibición o modificación de los impulsos para utilizar determinados materiales de manera agresiva o destructiva (sin arrojarlos, desbaratarlos, revolverlos, acumularlos) y emplearlos en forma positiva y constructiva, construir, planificar, aprender, y –en la vida en comunidad- compartir.
- b) Llevar a cabo planes preconcebidos con una mínima atención a la ausencia de placer inmediato, las frustraciones que pudieran surgir, etc., y el mayor interés por el placer en el desenlace final.
- c) Lograr, no solo la transición desde el placer instintivo primitivo, hacia el placer sublimado, junto con un alto grado de neutralización de la energía empleada, sino también la transición desde el principio del placer hacia el principio de la realidad, una evolución que es esencial para desempeñar con éxito el trabajo durante el estado de latencia, en la adolescencia y en la madurez. (p.69) Freud, Anna, 1979 (p. 69)

NÚMERO

46

2021

Abordaje individual, grupal o combinado

En una primera instancia y a partir del proyecto terapéutico de cada niña/o/a se define la modalidad de trabajo individual, grupal o combinada.

Si la modalidad es individual, es muy frecuente que el psicomotricista se involucre activamente en las propuestas, haciendo CON la niña/o, aunque favoreciendo progresivamente el proceso de autonomía. Se trata de acompañar a la niña/o regulando la distancia que éste necesita, siempre brindando contención y seguridad.

Si la modalidad de la intervención es grupal, la niña/o que se ha apropiado del encuadre del TGM conoce que está habilitado un espacio-tiempo personal. De acuerdo a su disponibilidad e interés, él puede apartarse cuando así lo desea, por más que se den invitaciones, provocaciones, que favorezcan la actividad colectiva. El Terapeuta en Psicomotricidad respeta los tiempos, los intereses del niño/a, su proceso de socialización, y sus resistencias a enfrentarse a las dificultades.

Entonces, en el taller, en una misma sesión puede haber un momento de actividad grupal y puede haber momentos de hacer individual. Eso se irá concretando como se señalaba, a partir de la iniciativa del niño/a o del Psicomotricista. Dependerá de procesos individuales y grupales y principalmente de los objetivos de tratamiento de cada niña/o.

Cuando se dan actividades individuales en contexto grupal, el Psicomotricista podrá ir atendiendo las necesidades individuales. El resto de las niñas/os se encuentran con sus posibilidades de *"estar a solas en presencia de alguien"* (Winnicott, 1998), base para desarrollar la capacidad de abordar una tarea en forma autónoma y relajada. El autor lo considera un signo de madurez emocional. "La capaci-

dad para estar solo se basa en la experiencia de estar solo en presencia de alguien, y de que si esta experiencia es insuficiente, la capacidad para estar solo no puede desarrollarse." (p.42)

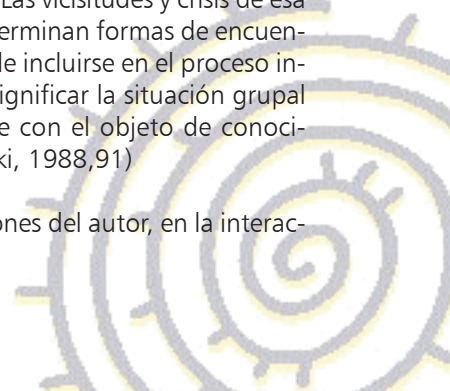
Durante la instancia grupal, el Psicomotricista interviene activamente moderando el proceso y la conflictividad que naturalmente puede surgir.

¿Qué interés tiene el trabajo en grupo para las niñas/os en tratamiento psicomotriz?

Ana P. de Quiroga (1998) cita a Pichon Riviere que caracteriza al grupo como "conjunto restringido de personas ligadas por constantes de tiempo y espacio y articuladas por su mutua representación interna, que se proponen en forma explícita o implícita una tarea que constituye su finalidad." p.110 La autora analiza la función del grupo como *sostén y continencia*, lo grupal como espacio favorecedor de la constitución subjetiva. "Sujeto y grupo guardan entre sí una relación de doble y recíproca institución. El grupo es instituyente del sujeto, a la vez que dialécticamente éste es, desde su praxis, desde su hacer totalizante, instituyente del grupo."(p.90) Por otra parte, Vygotski (1988), destaca cómo *el grupo fortalece los procesos de desarrollo y aprendizaje*.

En el ámbito grupal se reproduce la cotidianidad. Esto es, la forma inmediata en que experimentamos las relaciones fundantes del orden social. Las vicisitudes y crisis de esa cotidianidad determinan formas de encuentro con el otro, de incluirse en el proceso interaccional, de significar la situación grupal y de relacionarse con el objeto de conocimiento. (Vygotski, 1988,91)

Siguiendo las teorizaciones del autor, en la interac-



NÚMERO

46

2021

ción con el Terapeuta o con niñas/os más hábiles en determinado funcionamiento, la niña/o se ubica en su "zona de desarrollo proximal" y puede fortalecer esos "capullos del desarrollo" (1988,135), lograr un mejor desenvolvimiento.

Es interesante pensar el rol del Psicomotricista en la contención del grupo, favoreciendo la interacción de sus integrantes, el reconocimiento de cada niña/o desde sus fortalezas y como sujeto único y diferente; asimismo el apoyo a la dinámica de grupo en momentos de conflicto, crisis y resolución.

A su vez, entre los participantes se va dando una retroalimentación, los lugares se van intercambiando, alternando quien enseña, quien aprende. Ausubel (1976) aporta acerca de las tendencias evolutivas en las relaciones con los pares a lo largo de la etapa preescolar y escolar, y sobre la *influencia motivadora y socializadora* de la conformación de grupos por parte del niño/a. "Mediante la interacción con sus pares, aprenden la base funcional y recíproca de las reglas y obligaciones, la forma de desempeñar roles diferenciados y la manera de subordinar los propios intereses a los objetivos del conjunto." (p.89)

ACOMPANIAMIENTO DEL TERAPEUTA EN PSICOMOTRICIDAD

A lo largo del presente trabajo, se han ido integrando reflexiones acerca del acompañamiento del Psicomotricista en la instancia del TGM. En este apartado, se agrega una síntesis esquemática de las principales actitudes y acciones del terapeuta dirigidas al niño/a:

Observación y mirada específicas:

El profesional atiende y analiza (en forma inme-

diata y diferida) el discurso verbal y no verbal del niño/a en relación a su cuerpo: cómo está, cómo es, cómo hace con su cuerpo.

Esta actitud de observación y escucha permite captar los indicios de iniciativa, interés, resistencia, frustración, oposición, de manera de orientar la ayuda terapéutica.

Reconocimiento y contención afectiva:

El Psicomotricista:

- Favorece en la niña/o su reposicionamiento como sujeto en construcción y singular.
- Reconoce la expresión-creación del niño/a y devuelve una imagen valorizada de sí mismo.
- Sostiene a la niña/o cuando se enfrenta a sus dificultades, alentando el proceso de exploración y descubrimiento de estrategias que permitan una mayor gratificación y funcionalidad corporal en la tarea.

Acompañamiento con una distancia corporal apropiada

La distancia corporal es singular con cada niña/o, cada grupo, a lo largo de la sesión y a través de su proceso; Desde hacer CON la niña/o, JUNTO AL NIÑO/A o ser mero TESTIGO de su ser-hacer-decir corporal, favoreciendo su autonomía.

Oferta de un entorno estructurante y facilitador

El espacio del TGM recibe a la niña/o si es adecuado en sus dimensiones y cualidades (en la calidad, cantidad y oportunidad de los objetos, en la suficiencia del tiempo para sus procesos).

A través del lenguaje verbal, el Psicomotricista contiene, provoca, introduce frustraciones, ayuda a la niña/o a tomar consciencia de sus acciones, a planificar y organizar la actividad.

NÚMERO

46

2021

El abordaje terapéutico enfatiza el valor de las experiencias placenteras compartidas que provocan una intensa movilización tónico-emocional y de la vida imaginaria del niño/a. “El niño con la ayuda del psicomotricista podrá sentir el placer de la creación y el placer de pensar en acción y progresivamente el placer de anticipar sus acciones y transformaciones antes de realizarlas...” (B. Aucouturier, 2004, p 264)

Las frustraciones son parte del proceso del descubrimiento-transformación del niño/a de sus posibilidades y limitaciones, sus avances hacia la socialización y la autonomía.

“Muchos niños y niñas que llegan a la consulta en psicomotricidad han generado un rechazo por la actividad gráfica. Nuestra primera tarea, entonces, es posibilitar un encuentro distinto, favorecer una nueva relación con los instrumentos y la producción gráfica, lograr transformar el soporte de la hoja en un espacio de juego y al instrumento en un productor de figuras” (Calmeis, 2013,52)

La continuidad de la intervención entre la instancia de sala de psicomotricidad y taller de grafomotricidad, está dada por la coherencia del posicionamiento del psicomotricista con respecto al niño/a.

REFLEXIONES FINALES

Consideramos al taller de grafomotricidad como un espacio-tiempo brindado a la niña/o para habilitar y resignificar la experiencia corporal plena en actividades manuales y grafoplásticas. El dibujo, la escritura, la pintura, el modelado, la actividad manual creativa en general, ponen en juego la muldi-

mensionalidad del cuerpo: cuerpo de las sensaciones y vivencias, cuerpo cognitivo, reservorio de emociones, cuerpo imaginario y simbólico.

En nuestra propia experiencia en el área de la Clínica Infantil persiste el hecho de que las dificultades grafomotrices continúan figurando como uno de los primeros motivos de derivación a consulta psicomotriz. Las concebimos como “la punta de un iceberg”; interpelan al Psicomotricista en sus competencias para realizar un abordaje diagnóstico y luego terapéutico, considerando la complejidad del proceso de constructividad corporal del niño/a, en relación a un entorno familiar, escolar y socio-cultural.

Al aproximarnos a la historia corporal de las niñas/os que consultan en Clínica Psicomotriz, muy frecuentemente captamos que sus oportunidades de exploración, conocimiento, expresión y creación corporal han sido retaceadas u obstaculizadas. El funcionamiento psicomotor del niño/a está sesgado por el rechazo, la oposición, resistencia y frustración.

Desde el surgimiento de este dispositivo en el área terapéutica, el enfoque y metodología - la presentación del espacio y materiales, el acompañamiento y posicionamiento del psicomotricista - han ido transformándose. Dicho recorrido responde a factores que tienen que ver con la historia de la disciplina en nuestro medio, así como a cambios en el contexto socio-cultural y a las tendencias pedagógicas. La práctica cotidiana de las praxias manuales por parte del niño/a ha ido variando sustancialmente; también la enseñanza y la exigencia escolar en el trazado de las letras.

Más allá del proceso disciplinar en nuestro medio, cada Psicomotricista, por su formación, experiencia y estilo profesional, reconstruye cotidianamente

NÚMERO

46

2021

esta estrategia de trabajo con cada niña/o en particular, de acuerdo a su edad, intereses, necesidades y proceso terapéutico.

Actualmente, más allá de la problemática psicomotora del niño/a, concebimos a la propuesta del TGM como una estrategia promotora de corporeidad: Más claramente dicho, no es considerada como una estrategia específica, exclusiva para niñas/os con dificultades grafomotoras. Constituye un escenario privilegiado para niñas/os que han padecido vicisitudes en la exploración y afirmación en las posibilidades del propio cuerpo, en relación al espacio, los objetos y al separarse del cuerpo del otro.

Durante el TGM se le facilitan a la niña/o actividades corporales con el protagonismo de las manos; lo que no es posible sin una actitud de disponibilidad y organización corporal global. De ahí que se hace importante la integración de esta estrategia con otras como el juego corporal, la relajación psicomotriz y otras. La continuidad en el tiempo, la alternancia en la oferta de los espacios, se desprenden del proyecto terapéutico con cada niña/o.

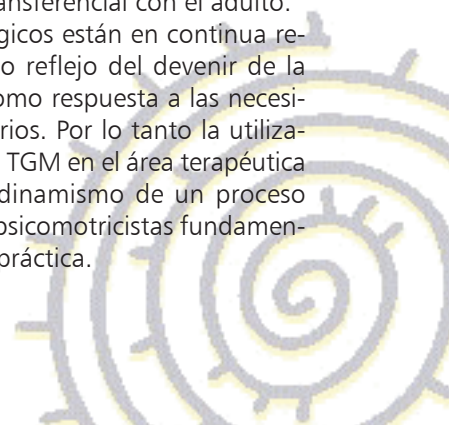
Además de la disponibilidad corporal y el gusto por las actividades gráficas y manuales, en el TGM se promueve la puesta en juego y el desarrollo de todas las funciones que están en su base: la regulación tónica y el equilibrio que están en la base de la organización tónico-postural, la organización de la lateralidad, la estructuración témporo-espacial, la noción de cuerpo (gnosias), las praxias (global y fina) y la coordinación global y manual.

El mayor desafío para la puesta en juego de todos estos aspectos psicomotores es la “gnosopraxia de la escritura” (Ajuriaguerra 1984). Si bien los procesos cognitivos, comunicacionales y lingüísticos son protagonistas en la construcción de la lengua escrita por la niña/o, la mayoría de los/las maestras

perciben la necesidad de favorecer el desarrollo de los aspectos instrumentales de la escritura, de modo que luego no constituyan un obstáculo hacia la meta: que la niña/o se constituya como sujeto lector y escritor, que se apropie del sistema de la escritura como vía de comunicación, socialización y cultura. Se rescata el valor de la escritura manuscrita como experiencia corporal. Más allá de la creciente digitalización de la actividad, se trata de preservar esa conquista del hombre, con independencia de las maquinarias.

El Psicomotricista en una actitud de escucha y disponibilidad, reconoce la singularidad de cada niña/o, su necesidad de expresarse y afirmarse en lo propio, y lo sostiene al enfrentarse a sus dificultades. La mirada y el reconocimiento del profesional apunta especialmente a acompañar a la niña/o durante la experiencia corporal, más que en el logro de una producción final. Aunque ésta es también importante, pues la obra ubica a la niña/o en el lugar de autor-creador, lo sorprende, transforma y reposiciona subjetivamente.

Escuchar lo que la niña/o dice mientras hace es esencial, pues se relaciona con la forma en que está significando y re-significando esa experiencia. El intercambio verbal y no verbal entre la niña/o y el psicomotricista revela el proceso de transformación terapéutica, el reposicionamiento corporal del niño/a en la relación transferencial con el adulto. Los recursos metodológicos están en continua revisión, evolución, como reflejo del devenir de la práctica disciplinar y como respuesta a las necesidades de sus destinatarios. Por lo tanto la utilización de la estrategia del TGM en el área terapéutica infantil está sujeta al dinamismo de un proceso continuo en el que los psicomotricistas fundamentan y reconstruyen su práctica.



NÚMERO

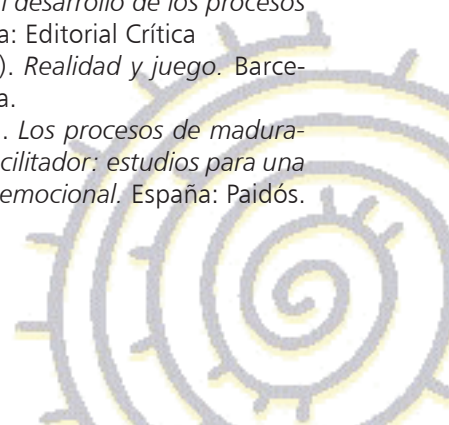
46

2021

Trabajo presentado en el 2do. Congreso Mundial de Psicomotricidad, organizado por la Licenciatura en Psicomotricidad UDELAR, Montevideo 15 al 17 de noviembre, año 2018.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aucouturier, B. (2004). *Los fantasmas de acción y la práctica Psicomotriz*. Barcelona: Colección Biblioteca Infantil. Grao
- Ausubel, D.P (1976). *Psicología Educativa. Una perspectiva cognitiva*. Mexico: Ed. Trillas
- Bergés, J. (1991). Texto: "El cuerpo de la neurofisiología al Psicoanálisis" Cuadernos de Psicomotricidad y Educación Especial.
- Bergés J. (1997). Desgrabación del seminario "Síntoma psicomotor y lenguaje"
- Berruezo, P. (2002). La grafomotricidad: el movimiento de la escritura. *Revista iberoamericana y técnicas corporales*. N°6.
- Calmels, D. (1998). *El cuerpo en la escritura*. Buenos Aires: D&B editores
- Calmels, D. (2003). *Qué es la Psicomotricidad Los trastornos psicomotores y la práctica psicomotriz*. Buenos Aires: Grupo Editorial Lumen
- Calmels, D. (2009). *Infancias del cuerpo*. Buenos Aires: Puerto creativo
- Calmels, D. y Lesgueberis, M. (2013). *Juegos en el papel*. Buenos Aires: Ediciones Puerto Creativo
- Calmels, D. (2013). *Fugas*. Buenos Aires: Ediciones Puerto Creativo
- Da Fonseca, V. (2005). *Manual de observación psicomotora*. Inde Publicaciones
- De León, C. (2010). *Las alteraciones psicomotrices*. Montevideo: Tradinco
- De León, C. (2016). Entrevista de las autoras.
- De Ajuriaguerra, J. (1984). *La escritura del niño* – volumen I y II. Barcelona: Ed. Laia
- De Ajuriaguerra, J. (2000). *Tratado de Psiquiatría Infantil*. Barcelona: Ed. Masson.
- González, L. (2009). *Pensar lo psicomotor*. Buenos Aires. Eduntref
- Henig, I. y Huguet M. (2017). *Psicomotricidad. Aportes a la disciplina*. Menéndez A. y López A. (comp.) Montevideo: Magro Editores
- Henig, I. y Paolillo, G. (2001). Talleres de educación del gesto gráfico. Una experiencia en la unidad de educación infantil Enriqueta Compte y Rique. *Revista iberoamericana de psicomotricidad y técnicas corporales No. 2*.
- Huguet, M. J. (2008). Debilidad y torpeza motriz Trabajo presentado en jornadas del CEDIIAP.
- Rodríguez, J. (2013). *La práctica psicomotriz y el tratamiento psíquico*. Ediciones Octaedro.
- Rodríguez, J. (2014). A propósito de la Estrategia de rodeo. *Entre líneas: revista especializada en psicomotricidad*, ISSN 1575-0841, N°. 33, 2014, págs. 21-23).
- Rodriguez, M. (1999). "La médiation: un processus thérapeutique". *L'Information psychiatrique*. Vol. 75, No 8 Traducción De León, C.
- Serrabona, J. (2017). *Abordaje psicomotriz de las dificultades de desarrollo*. Editorial Horsori.
- Sykuler C. (2005). *Revista Aportes N°1*. Del Instituto universitario CEDIIAP. Montevideo, Prensa Médica Latinoamericana
- Vygotski, L. (1988). *El desarrollo de los procesos superiores*. Barcelona: Editorial Crítica
- Winnicott, D. (1986). *Realidad y juego*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Winnicott, D. (1998). *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador: estudios para una teoría del desarrollo emocional*. España: Paidós.



¿MANDALAS RECURSO PSICOMOTOR? CONTRIBUCIONES EN LA FORMACIÓN CORPORAL PERSONAL DEL PSICOMOTRICISTA

MANDALAS PSYCHOMOTOR RESOURCE? CONTRIBUTIONS IN THE PERSONAL BODY TRAINING OF THE PSYCHOMOTRICIAN

María Virginia Rovere, Luciana Ruth Espamer y Magalí Constanza D'Eramo

DATOS DE LAS AUTORAS

María Virginia Rovere es Licenciada en Educación Física y Licenciada en Psicomotricidad. Docente Ayudante de Primera en Actividad Física y Sociedad (Licenciatura en Educación Física), Sociología de la Educación, Taller de habilidades motrices y Seminario taller de habilidades motrices (Profesorado en Educación Física) Facultad Ciencias Humanas, Universidad Nacional de Río Cuarto.

Dirección de contacto: vir-rovere@hotmail.com

Luciana Ruth Espamer es Licenciada en Psicomotricidad (2018). Psicomotricista del Centro de Salud Municipal de la Ciudad de Río Cuarto. Integrante del Equipo Interdisciplinario AUNAR.

Dirección de contacto: luespamer@gmail.com

Magalí Constanza D'Eramo es Licenciada en Psicomotricidad y Acompañante Terapéutico. Psicomotricista en el Equipo de Orientación Escolar del Centro Educativo Gral. Ignacio H. Fotheringham de la Ciudad de Río Cuarto. Socia fundadora de Encuentro, un Espacio Educativo.

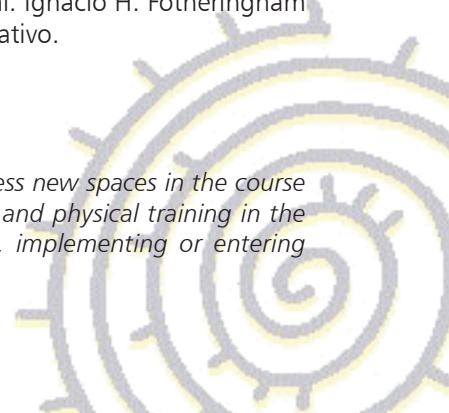
Dirección de contacto: cotyderamo@hotmail.com

RESUMEN

Surge la necesidad de abordar nuevos espacios en el recorrido de formación teórica, práctica y corporal en la disciplina, investigando, implementando o incur-

ABSTRACT

The need arises to address new spaces in the course of theoretical, practical and physical training in the discipline, investigating, implementing or entering



NÚMERO

46

2021

sionando nuevas técnicas. Para ello, es necesario volver a mirar y repensar, encontrar perspectivas que enriquezcan nuestro abordaje psicomotor, sin perder especificidad.

Se encuentra en el mandala diferentes beneficios que invitan a reflexionar si puede ser incorporada a la práctica profesional de la Psicomotricidad. Pero, antes es necesario conseguir que la técnica se vuelva recurso para el psicomotricista, por lo que primero debe ser atravesado por su cuerpo. Para ello, se recrea la técnica del mandala desde una mirada corporal facilitando la corporeidad del psicomotricista. Buscando responder ¿puede el mandala ser considerado como un recurso en la formación corporal personal del psicomotricista? Con esta investigación, se pretende identificar los conocimientos previos que posee el psicomotricista en relación a mandalas, para identificar las representaciones o información que tienen acerca del mismo, reconocer si a través de la vivencia corporal del mandala, el psicomotricista puede facilitar la revisión de los sistemas de aptitudes y competencias en el ejercicio de su rol y reconocer el lugar que ocupa su propio cuerpo en la profesión y en las manifestaciones emocionales personales del momento.

Para dar respuestas a estos interrogantes, se implementa un taller vivencial a un grupo de profesionales psicomotricistas (cohorte 2015 y 2016), que cursan la Licenciatura en Psicomotricidad en la UPC, extensión áulica Río Cuarto, 2016. Para luego, integrar en un proceso de investigación, contenidos teóricos con la articulación de un taller de modalidad vivencial, en el que se consideran las experiencias, manifestaciones emocionales y relatos de los protagonistas, para identificar la vivencia corporal del mandala como recurso en la formación corporal personal del psicomotricista.

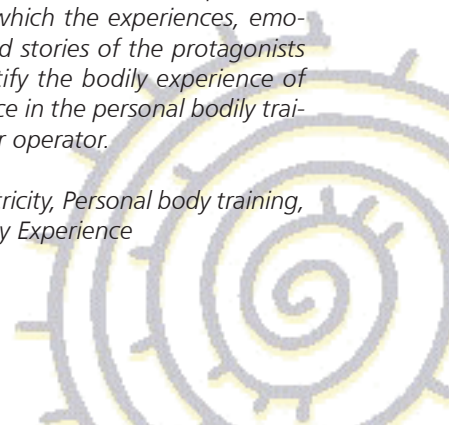
PALABRAS CLAVE: Psicomotricidad, Formación corporal personal, Recurso, Mandala, Vivencia Corporal.

new techniques. For this, it is necessary to look again and rethink, find perspectives that enrich our psychomotor approach, without losing specificity.

There are different benefits in the mandala that invite us to reflect on whether it can be incorporated into the professional practice of Psychomotor skills. But, first, it is necessary to make the technique become a resource for the psychomotor, so it must first be traversed by his body. To do this, the mandala technique is recreated from a bodily gaze, facilitating the physicality of the psychomotor. Seeking to answer, can the mandala be considered as a resource in the personal bodily training of the psychomotor operator? With this research, it is intended to identify the previous knowledge that the psychomotorist has in relation to mandalas, to identify the representations or information they have about it, to recognize if through the bodily experience of the mandala, the psychomotorist can facilitate the review of the systems of aptitudes and competences in the exercise of their role and recognize the place that their own body occupies in the profession and in the personal emotional manifestations of the moment.

To give answers to these questions, an experiential workshop is implemented for a group of psychomotor professionals (cohort 2015 and 2016), who are studying the Bachelor's Degree in Psychomotor skills at the UPC, Río Cuarto classroom extension, 2016. To then integrate them into a process of research, theoretical contents with the articulation of an experiential modality workshop, in which the experiences, emotional manifestations and stories of the protagonists are considered, to identify the bodily experience of the mandala as a resource in the personal bodily training of the psychomotor operator.

KEYWORDS: Psychomotricity, Personal body training, Resource, Mandala, Body Experience



NÚMERO

46

2021

INTRODUCCIÓN

"A mi entender, esta vuelta a "la técnica" abrió un nuevo camino, una nueva perspectiva, lo que permite hoy preguntarse por la incorporación de nuevos recursos técnicos que enriquezcan el abordaje psicomotor manteniendo y aun reforzando lo obtenido hasta este momento. Ampliar los recursos sin perder la especificidad, admitir nuevos aportes interdisciplinarios, que permitan seguir creciendo en práctica y teoría, resulta todo un desafío." (Papandrea, A. 2003. p. 39)

Comienza la búsqueda y los interrogantes acerca de qué es el mandala, cuál es su significado, qué se conoce, cuál es su aplicación, sus beneficios y su posible relación con la Psicomotricidad y objeto de estudio de esta disciplina.

En este recorrido, se halló que los mandalas existen desde hace miles de años en distintas culturas del mundo, poseen una historia particular y correspondiente a su contexto. Actualmente llama la atención su trascendencia y permanencia en el tiempo, por lo que se tiene la necesidad de profundizar e incursionar en él.

Por todo esto, se cuestiona entonces qué tendrá este 'círculo', dibujo complejo, generalmente circular, que moviliza y movilizó a tantas personas a tomar contacto con él, a su centro, a su iluminación, a su creación; y que hacen que hoy del lado occidental no sólo se use para colorear, sino que se aplique en diferentes contextos, desde lo pedagógico en las escuelas, tratamientos psicoterapéuticos, hasta en tratamientos oncológicos.

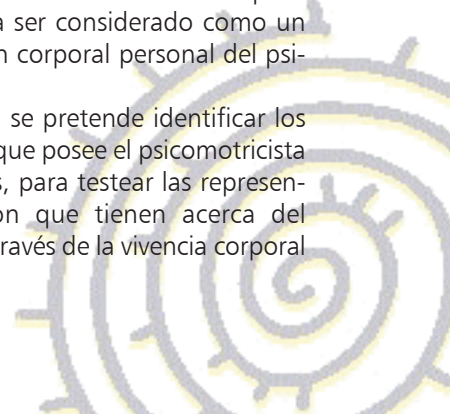
En este momento es importante destacar como antecedente, el protagonismo del psiquiatra suizo Carl Gustav Jung (1875-1961) quien utilizó los mandalas como recurso terapéutico y los definió como: *"la expresión psicológica de la totalidad del*

ser". El origen de todo mandala es su centro, sitio en el que reside la esencia de uno mismo, y en el que se ordenan los elementos de la psiquis y del espacio que nos rodea. Jung empleó los mandalas en las terapias con el objetivo de alcanzar la búsqueda de individualidad en los seres humanos, expresando que ellos *"representan la totalidad de la mente, abarcando tanto el consciente como el inconsciente"*. (Jung, C. G. 1970. p.73)

Se encuentra en el mandala diferentes beneficios en relación al desarrollo de la creatividad, como medio de autoconocimiento, facilita la atención, la observación y relajación, ayuda a recobrar el equilibrio interno y a expandir la toma de conciencia. Estos beneficios invitan a reflexionar si la técnica del mandala puede ser incorporada a la práctica profesional, ya que estos se comparten con los de la psicomotricidad. Pero, no debemos adelantarnos tanto, ya que existe un paso previo, conseguir que la técnica se vuelva recurso para el psicomotricista, por lo que primero debe ser atravesado por su cuerpo.

Alejandra Papandrea expresa *"lo obvio hay que volver a mirarlo, a repensarlo, y entonces puede ser que surja algo diferente o desconocido"* (Papandrea, A. 2003. p. 39). Y es aquí en donde surge la propuesta innovadora, se recrea la técnica del mandala desde una mirada corporal facilitando la corporeidad del psicomotricista. Buscando responder ¿puede el mandala ser considerado como un recurso en la formación corporal personal del psicomotricista?

Con esta investigación, se pretende identificar los conocimientos previos que posee el psicomotricista en relación a mandalas, para testear las representaciones o información que tienen acerca del mismo. Reconocer si a través de la vivencia corporal



NÚMERO

46

2021

del mandala, el psicomotricista puede facilitar la revisión de los sistemas de aptitudes y competencias en el ejercicio de su rol. Reconocer el lugar que ocupa su cuerpo en su profesión, personalidad y manifestaciones emocionales personales del momento.

Es de suma importancia para el psicomotricista la instancia de formación corporal, ya que las técnicas, resultan beneficiosas en la medida que hayan sido experimentadas con el propio cuerpo, dándose el permiso de jugar con ellas, lo que implica liberarse de lo dogmático, en tanto uso literal de lo técnico. Es como lo explica Alejandra Papandrea, las técnicas *"...se vuelven recurso para la práctica psicomotriz únicamente si la atravesamos por nuestro cuerpo y según sus efectos en cada uno"*. (Papandrea, A. 2003. p. 39)

Resulta importante aclarar que la formación personal corporal no es una instancia terapéutica para el psicomotricista, sino que tiene que ver con una instancia de conocimiento, en la cual el recorrido en relación a los aprendizajes técnicos, parte de la experiencia corporal de cada psicomotricista atravesando su cuerpo, dejando huellas y registrando las manifestaciones corporales vividas al llevar adelante la actividad. Alejandra Papandrea expone que *"cuando el cuerpo se mueve se conmueve, cuando el tono se modifica la emoción resuena, cuando las palabras surgen de la vivencia toca al cuerpo."* (Papandrea A. 2003. p. 36)

En relación al aspecto práctico, el desafío se plasma a través de la implementación de un taller vivencial a un grupo de profesionales psicomotricista (cohortes 2015 y 2016), que se encuentran cursando la Licenciatura en Psicomotricidad en la Universidad Provincial de Córdoba, extensión áulica Río Cuarto, durante el segundo cuatrimestre del año 2016.

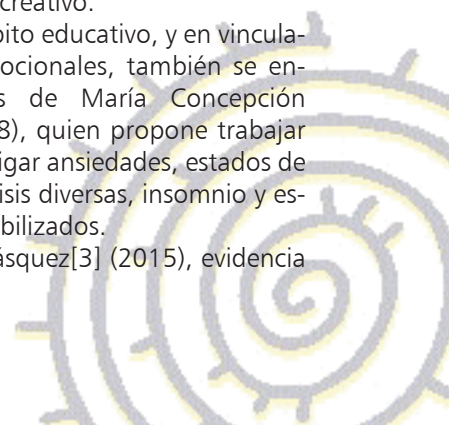
Luego de haber analizado distintos puntos de vista, concepciones previas que los psicomotricistas tienen sobre mandalas, y la puesta en práctica de la experiencia, pudimos establecer que el mandala vivenciado corporalmente podría ser un recurso para la formación corporal y personal del psicomotricista.

ANTECEDENTES TEÓRICOS

A partir de la búsqueda de información relacionada con el empleo del mandala surge, el descubrimiento de diversas investigaciones y usos, dentro de los cuales se encuentran aportes en el ámbito educativo, terapéutico y de la salud. A considerar, en el ámbito educativo, el realizado por distintas maestras y psicopedagogas[1] de Bustillo del Páramo (León) España, proponen y fundamentan los mandalas como instrumento educativo. Observando beneficios en el ámbito cognoscitivo, en el ámbito afectivo y social y en el ámbito psicomotor. Las autoras concluyen que la introducción de los mandalas en la escuela deberá hacerse no sólo desde el área de educación plástica, sino como forma de expresión entroncada en todo el Currículo oficial de la Educación Primaria. Los mandalas ayudarán a la formación de la inteligencia, del razonamiento, del control y dominio del cuerpo, todo ello desde un prisma de predominio del pensamiento divergente o creativo.

Continuando en el ámbito educativo, y en vinculación con aspectos emocionales, también se encuentran los aportes de María Concepción Martínez Cruz[2] (2008), quien propone trabajar con mandalas para mitigar ansiedades, estados de desorganización por crisis diversas, insomnio y estados anímicos desestabilizados.

Aida Janneth Cortés Vásquez[3] (2015), evidencia



NÚMERO

46

2021

que el desarrollo de la lúdica a través de la aplicación de colores y el estímulo auditivo con los *sol-feggios*[4]; contribuyen al desarrollo de la sensibilidad e intencionalmente al desarrollo de la lúdica como un instrumento metodológico o estrategia cuya finalidad es la de reducir los niveles de estrés con sus síntomas. Durante la evaluación que se hace a través de la exposición y socialización de los mandalas, cada estudiante verbalmente expresa los sentimientos y sensaciones que le produjo tanto la música aplicada como el coloreado de los mandalas. Cuyo fin sea tanto el desarrollo de su inteligencia emocional, como la intención de producir estados de relajación y concentración que les ayude a reducir los síntomas del estrés para mejorar su salud y calidad de vida.

Por otra parte, los autores Emerson David y Cardona Pérez[5] (2017), dan cuenta de la práctica pedagógica realizada en la institución educativa distrital (IED) María Cano, con los estudiantes del grado 102 en la jornada tarde, con el objetivo de fortalecer la motricidad fina, la creatividad y las habilidades sociales mediante el trabajo con mandalas utilizando diferentes técnicas artísticas.

Otro aporte relacionado al ámbito educativo es el que presentan Baculima Bacuilima, Janeth, Abril Tapia, Daniela Estefanía y Coronel Heredia, Karen Viviana[6] (2017). El objetivo del estudio fue elaborar y describir la influencia de dos programas de intervención: los talleres de terapias alternativas y la psicoeducación, para la reducción de los niveles de ansiedad ante los exámenes en estudiantes de la Unidad Educativa Luisa de Jesús Cordero. El instrumento que se utilizó para evaluar los niveles de ansiedad fue la escala de ansiedad manifiesta de Reynolds y Richmond 2012, la misma que se aplicó antes y después de las intervenciones con manda-

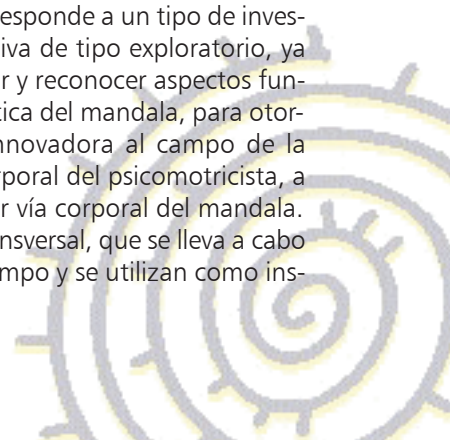
las. También se realizó una entrevista para corroborar la información proporcionada en la escala. Se observó que las dos intervenciones disminuyeron significativamente los síntomas de ansiedad donde un 90,9% de las estudiantes indican ausencia de ansiedad y el 9,1% restante muestran ansiedad leve.

Así mismo los mandalas (arteterapia) son empleados en el ámbito de la salud como terapia alternativa en los trabajos de Marta Quiroga G, Carmen Mallea P., Sandra Acevedo A.[7] (2018). Se ponen en evidencia la importancia de los beneficios de algunas terapias complementarias en los pacientes oncológicos. Estas actividades, también llamadas terapias complementarias, se pueden realizar en forma grupal o individual.

Por otra parte, Gabriela Araujo y Gisella N. Gabelán (2010), pretenden dar una posibilidad de acción terapéutica y educativa uniendo la psicomotricidad con la arteterapia, ya que estas permiten que las manos, el cuerpo, el alma y la mente puedan jugar, cantar, danzar, dibujar, pintar y bordar. Y sacan del aburrimiento a la mente, para abrir la fuente de la creatividad humana para explorar con libertad, la flexibilidad de los límites de la mente, el cuerpo y el movimiento.

DIMENSIONES METODOLÓGICAS

El presente estudio corresponde a un tipo de investigación cuali-cuantitativa de tipo exploratorio, ya que pretende identificar y reconocer aspectos fundamentales de la temática del mandala, para otorgar una perspectiva innovadora al campo de la formación personal corporal del psicomotricista, a través de la vivencia por vía corporal del mandala. Es una investigación transversal, que se lleva a cabo en un momento del tiempo y se utilizan como ins-



NÚMERO

46

2021

trumento para la recolección de datos encuestas semi-estructuradas que combinan preguntas abiertas y cerradas, y un taller vivencial destinados a una población que corresponde a un grupo de profesionales psicomotricistas que cursan la Licenciatura en la Universidad Provincial de Córdoba, extensión áulica Río Cuarto, durante el año 2016. Siendo la muestra 9 (nueve) voluntarios de sexo femenino, que asisten en el mes de noviembre de 2016 al “Espacio Biocéntrico Manantial” ubicado en la calle Manuel Puebla 1174 de la Ciudad de Río Cuarto. La investigación busca dar respuesta a la siguiente pregunta, ¿el mandala puede ser considerado como un recurso en la formación corporal personal del psicomotricista? A partir de objetivos que pretenden, identificar la vivencia corporal del mandala como recurso en la formación corporal personal del psicomotricista; Identificar los conocimientos que posee el psicomotricista en relación a mandala; reconocer si el mandala puede ser vivenciado corporalmente; identificar si los psicomotricistas, en la vivencia corporal del mandala, reconocen los sistemas de actitudes y competencias que hacen al ejercicio de su rol profesional; reconocer si el mandala vivenciado corporalmente puede ser un recurso para la formación corporal personal del psicomotricista.

ANÁLISIS DE DATOS

Para realizar el análisis de los datos, se recupera la información de encuestas inicial y final, la reflexión oral de cada uno de los participantes durante la instancia de cierre y producciones escritas de los momentos de pausa, que transcurrieron durante la vivencia del taller.

Durante el taller corporal de mandala, se brindan tres instancias de pausa, que permitieron registrar

lo vivenciado en cada momento, lo que se movilizó y lo que surgió.

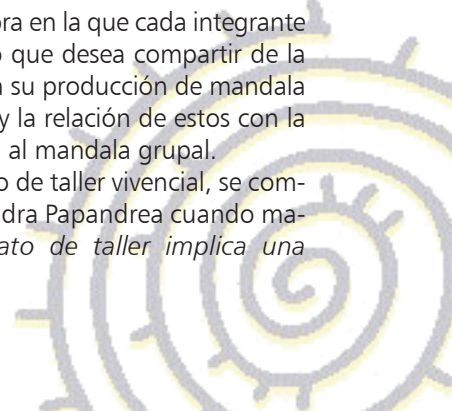
En estos registros las participantes pudieron expresar a través de palabras, dibujos, garabatos, líneas y rayas. Comprendemos que el descubrimiento de este espacio de autoobservación, en el que para la mayoría fue su primera experiencia, tiene que ver con el poder-querer mirar, escucharse, con el detenerse, con el encontrar, con el tomar contacto con uno mismo y poder registrar las ideas dejando que fluyan en la escritura.

Cabe destacar algunos registros escritos sucedidos durante el trabajo corporal: sensaciones en los pies fríos y tibieza - centrarse en sí mismo - me encuentro con el otro suave, sutil - yo me dejo llevar - movimiento - inestabilidad - descanso - pausa - relajación - sensación de bienestar - el cuerpo - mente y espíritu en plenitud - desconcierto - rigidez - límites - reencuentro.

Por todo ello, se considera que la pausa es una herramienta necesaria dentro del trabajo corporal, porque habilita el surgimiento de situaciones nuevas o desconocidas que ocurren durante la vivencia, permitiendo su reflexión, incluso después del cierre del taller. Un integrante manifiesta la necesidad de compartir con otros compañeros, la instancia de la pausa durante los talleres vivenciales.

Se realizará un análisis de la transcripción de la reflexión final del taller vivencial de mandala. Se realiza una pregunta disparadora en la que cada integrante expresa con palabras lo que desea compartir de la vivencia. El total alude a su producción de mandala personal y profesional, y la relación de estos con la vivencia y la integración al mandala grupal.

Al considerar el Formato de taller vivencial, se comparte la idea con Alejandra Papandrea cuando manifiesta que *“el formato de taller implica una*



NÚMERO

46

2021

propuesta donde se va construyendo una producción conjunta entre los coordinadores y los participantes, implica también algo de lo artesanal, de aquello que se hace con el cuerpo y en particular con las manos". (Papandrea, A. 2009. p. 5). El mismo, creado y propuesto por las autoras de esta investigación, en el cual la técnica del mandala se sugiere como vivencia corporal y no sólo como una técnica plástica, visual o grafomotora, lo que resulta ser actualmente conocido en relación a la temática, ya que para la formación del psicomotricista es necesario un atravesamiento corporal del mismo para que se vuelva recurso.

Fue pensado como un recurso para la formación personal del psicomotricista, en relación a los diferentes momentos, a la modalidad en el abordaje y las actividades planteadas vinculándose con su justificación.

Los objetivos que guían el taller, se refieren a la posibilidad de vivenciar el mandala como recurso para la formación corporal personal del psicomotricista, pudiendo identificar representaciones, sensaciones, emociones, pensamientos que surgen en la vivencia del taller de mandala corporal, para vincular los aspectos identificados de éste, con los sistemas de actitudes y competencias del psicomotricista.

El taller fue destinado a 10 estudiantes psicomotricistas de la UPC (2016), llevado a cabo en un espacio llamado Manantial Espacio Biocéntrico, con dirección en Manuel Puebla 1174, de la ciudad de Río Cuarto.

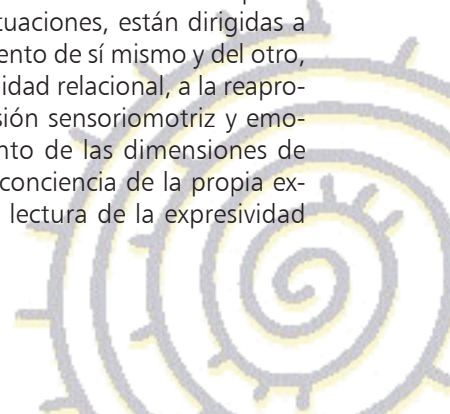
En relación a los recursos materiales, Manantial cuenta con un salón amplio con piso de madera flotante, pared vidriada con orientación a patio de luz con plantas, lo que permite entrada de iluminación natural, lugar protegido de ruidos. Ambiente climatizado, música, mantas y almoha-

dones, sahumeros y esencias, fueron algunos de los elementos propicios para el desarrollo del taller. Además, se utilizaron materiales como lienzo de 6x6 circular, 50 canicas, 10 pinceles, témperas de diferentes colores (roja-violeta-blanco-amarillo-naranja-verde-azul), fibras y lápices, círculos de papel de dos tamaños.

Para llevar adelante el mismo, fue necesario contar con recursos humanos para cumplir el rol de coordinador, observador y ayudantes técnicos con la función de fotógrafo, camarógrafo, sonidista y asistente de coordinador.

Papandrea, A. (2009) sostiene que cuando proponemos un trabajo corporal grupal siempre es importante conformar un equipo que dé lugar a la complementariedad de roles y funciones. Esta modalidad de trabajo permite que mientras un psicomotricista coordina la actividad, el otro observe o bien participe de la misma contribuyendo al desarrollo de la tarea. (p. 5)

En líneas generales dentro de la dinámica del taller, se identifican dos tiempos, el de la vivencia y el de la verbalización-representación, con una duración total de 140 minutos. Cada uno de los momentos, son guiados por un coordinador, durante el trabajo corporal, en el cual se proponen situaciones no verbales individuales de pareja, de pequeño grupo o de grupo total, para que los participantes vivencien de acuerdo a sus posibilidades el mandala corporal. La creación de estas situaciones, están dirigidas a la escucha, al conocimiento de sí mismo y del otro, a identificar el tipo y calidad relacional, a la reapropiación de una dimensión sensoriomotriz y emocional, al descubrimiento de las dimensiones de espacio y tiempo, a la conciencia de la propia expresividad motriz, a la lectura de la expresividad motriz del otro.



NÚMERO

46

2021

Así como se propone momentos de trabajo corporal, también hay otros, en los que, a través de la palabra, se da lugar a la narración que representa vivencias, historia, tonicidad afectivo- emocional, en el que se van descubriendo que las experiencias pueden ser compartidas o no, con los que integran el grupo de trabajo.

A continuación, se presenta el análisis de las respuestas escritas recuperadas de la encuesta final de las participantes al taller corporal de mandala.

Durante el taller vivencial ¿identificaste elementos que te permitieron realizar una introspección en relación a tu rol como psicomotricista? movimiento, emociones, disponibilidad corporal, relajación, iniciativa y manifestaciones corporales y la identificación de la propia persona ajena a un otro.

A partir de la creación de Mandala ¿pudiste realizar una revisión sobre los sistemas de actitudes y competencias en relación a tu rol como psicomotricista?

Los encuestados manifiestan que pudieron reconocer, observar y visualizar sus actitudes personales y profesionales, en relación a sus competencias empáticas, su disponibilidad corporal tanto al momento de recibir de un otro, u ofrecer a un compañero. Todos abiertos a la escucha de sí mismos y de los otros, en un clima de distensión, y calidez. Además, manifiestan que estas actividades nutren las instancias creativas de cada uno, y posibilita dejar registro escrito de lo ocurrido y trabajado en el encuentro.

A partir de la creación de mandalas en conjunto ¿qué aspectos se descubrieron en relación a tu rol como psicomotricista? Manifiestan haber descubierto a través de la creación de mandala en conjunto, es decir en cooperación con el grupo total, aspectos que se vinculan con la ley segurizante, el

respeto y demarcación de límites ante las manifestaciones y propuestas de sus compañeros. Asimismo, la disponibilidad corporal se identifica ante la presencia de los otros compañeros, y a su vez, ante la toma de contacto con los materiales que se disponían para trabajar, el agrado/desagrado, estuvieron presentes. La empatía tónica, condición para estar en apertura a la posibilidad de dar y recibir, a la posibilidad de mirar y ser mirado, tanto en condiciones individuales como en el grupo total. Por último, un encuestado manifiesta el descubrimiento en la propuesta de trabajo grupal, como instancia para pensar el trabajo interdisciplinario.

¿Pudiste identificar la disponibilidad corporal, ley segurizante, empatía tónica durante las actividades propuestas en el taller? identifica los momentos y explica brevemente cómo. Con respecto a la disponibilidad corporal, se vincula con la entrega y encuentro con el propio cuerpo y con el cuerpo de los compañeros, desde el momento mismo de disponerse para la propuesta de trabajo. Expresando: "Desde el momento mismo que me entregue a la propuesta de trabajo". Las participantes expresan haber vivido un encuentro agradable con la vivencia general del taller, descubriendo al mismo tiempo la toma de conciencia de sensaciones placenteras.

En relación a la ley segurizante, los encuestados manifiestan que la guía del coordinador y frente al contacto y presencia de otros, aun con los ojos cerrados, es donde se pudo identificar este aspecto. Por último, la empatía tónica pudo ser identificada en el trabajo individual, en el trabajo en grupo, a través del contacto, la mirada, la escucha, la apertura a la propuesta.

¿Desea realizar alguna observación? la posibilidad de experimentar aspectos subjetivos no tomados en consideración hasta el momento.

NÚMERO

46

2021

Además, destacan la buena predisposición de todos los participantes para el trabajo vivencial, en un clima de absoluto respeto, confiando en el otro, y brindando su cuerpo al contacto con el compañero en las actividades de intervenciones corporales. Se destaca la importancia de brindar el tiempo y espacio necesario para explorar y concluir las actividades de acuerdo con las necesidades de cada uno, lo cual resultó novedoso, completo y agradeciendo el tiempo por el espacio de reflexión.

Acentúan que durante la actividad de la creación de mandala grupal, es una instancia que habilita la expresión, en la cual una de las personas sugiere en este momento poder pintar con diferentes partes del cuerpo, como pies, manos y dedos.

Algunas de las participantes expresan la importancia de la instancia de pausa, y de poder plasmar por escrito, algunas imágenes y sensaciones, sirviendo como ayuda memoria, para luego, volver sobre ello en el momento de reflexión.

DISCUSIONES

Tomando como punto de partida la instancia de formación personal corporal que los psicomotricistas tenemos como trípode en nuestra profesión, es que concebimos que debemos implicar tiempo y dedicación continua a nuestra formación corporal personal, así también como propiciar instancias de investigación para profundizar y enriquecer nuestro rol y disciplina.

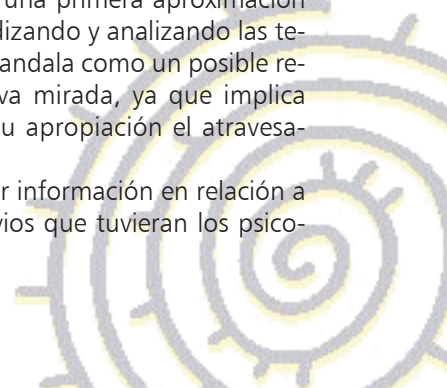
Surge en nosotras la intención de abordar nuevos espacios dentro de la formación personal corporal, implementando, incursionando e investigando sobre nuevas técnicas. Técnicas que deben volverse recurso para los psicomotricistas, y para que esto suceda, es necesario atravesarlo por el propio cuerpo, es decir, sentir, vivenciar e invertir. Para ello,

resulta necesario observar, volver a observar, repensar, reflexionar para encontrar nuevas perspectivas y modalidad que colabore con nuestras futuras intervenciones, así como contribuir en el proceso de constructividad, en un contexto que contribuya y haga repensar la disciplina, sin perder especificidad y posibilite ampliar nuestros recursos.

Es en este momento que nos encontramos interesadas sobre los mandalas, y explorando diversos materiales bibliográficos, descubrimos un amplio campo de información milenaria, que persiste a través del tiempo, hallado en culturas de todo el mundo desde sus orígenes, lo que genera interés y atención en nosotras, observando a su vez, que de alguna u otra forma todas estábamos conectadas con su uso. Pudimos encontrar que el mandala se relaciona con diversas áreas y conceptos, fue entonces que asumimos el deseo de explorar sobre el mismo y encontrar o crear algún modo de conexión entre el mandala y nuestra disciplina.

Para ello, ideamos una propuesta de taller vivencial para brindar respuesta al interrogante que dio origen a nuestra investigación, ¿el mandala puede ser considerado como un recurso en la formación corporal personal del psicomotricista? Debimos identificar si el mandala puede ser vivenciado corporalmente, y si los participantes reconocen los sistemas de actitudes y competencias que hacen al ejercicio de su rol profesional, durante las actividades desarrolladas. Necesitamos una primera aproximación para continuar profundizando y analizando las temáticas referentes al mandala como un posible recurso, desde una nueva mirada, ya que implica necesariamente para su apropiación el atravesamiento corporal.

Fue necesario recolectar información en relación a los conocimientos previos que tuvieran los psico-



NÚMERO

46

2021

motricistas acerca del mandala, para luego vivenciar, identificar y reconocer, si éste puede ser atravesado corporalmente y si a través de esta experiencia los participantes pudieron observar sus sistemas de competencias y aptitudes que hacen al ejercicio de su rol profesional.

Es importante destacar que en esta experiencia de taller corporal personal, los asistentes dan testimonio de haber podido vivenciar corporalmente el mandala y haber sentido total apertura a la escucha de sí mismo y de los otros, iniciativa de su hacer en la intervención, tener la posibilidad de relajación, y autoconocimiento de sus modos de acción profesional, el registro de sensaciones y su vinculación al reconocimiento emocional, la disponibilidad corporal tanto al momento de recibir de otro o al ofrecer de un compañero, sus manifestaciones corporales. Pudieron a la vez, visualizar actitudes personales y profesionales en relación a competencias empáticas, identificaron a las actividades como instancia que nutren la facultad creativa y remarcaron que el mandala fue un medio para plasmar en imágenes aquello vivenciado con el cuerpo. Es decir, que aquellas figuras, imágenes, colores, líneas, trazos y direcciones y sensaciones percibidos, fueron reflejados en aquella producción elaborada en la actividad de cierre del taller.

Con tales reflexiones podemos decir, que, en esta situación, el mandala fue un recurso o medio, que habilitó durante el taller el descubrimiento y reconocimiento del estado corporal y personal del psicomotricista en ese momento.

Resulta interesante remarcar, que las actividades planteadas en el taller no fueron fortuitas, sino que tuvieron todo un estudio de fondo, un orden y organización que dieron un sentido teniendo un fin

y propósito de poder favorecer el reconocimiento del mandala como un recurso corporal.

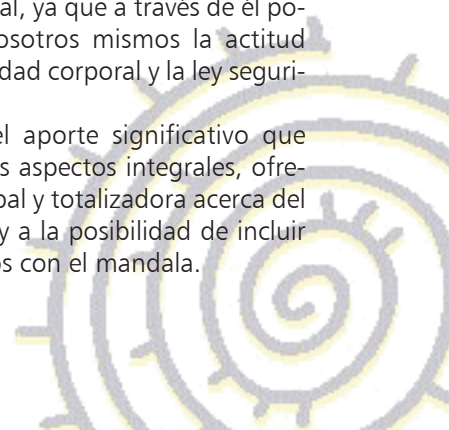
Consideramos significativas las instancias de compartir espacios para debatir y reflexionar sobre nuestra disciplina, para poder incursionar y crear recursos, empleando nuestras actitudes creativas e ideando nuevas dinámicas de trabajo en la formación corporal.

Es nuestra intención dejar constancia, que esta modalidad puede ser considerada una posible alternativa para reflexionar sobre los sistemas de actitudes y competencias dentro de la formación corporal personal del psicomotricista. Sería de gran importancia poder abarcar en esta propuesta a otros colegas que participen, poder escuchar sus opiniones y reflexiones, así como también llevarlo a cabo en diversos contextos dejando constancia de los acontecimientos.

Debemos recordar que nuestra formación implica un proceso, y nunca un producto acabado, que por su parte requiere tiempo, constancia y prudencia; una formación que dura toda la vida, por ende, nada puede ser conclusivo, todo queda a posibles revisiones, para mejorar la calidad tanto de la formación, como las futuras intervenciones dentro del campo del ejercicio profesional.

Nuestra intención es considerar el mandala como un beneficioso recurso para indagar acerca del propio quehacer profesional, ya que a través de él podemos observar en nosotros mismos la actitud empática, la disponibilidad corporal y la ley segurizante.

Además, se destaca el aporte significativo que brinda el mandala a los aspectos integrales, ofreciendo una mirada global y totalizadora acerca del cuerpo de la persona, y a la posibilidad de incluir otras técnicas y recursos con el mandala.



NÚMERO

46

2021

Creemos que el presente trabajo, es el disparador hacia futuras investigaciones, aplicaciones y perspectivas del mandala como recurso en el campo de la intervención psicomotriz, como medio facilitador del proceso de constructividad corporal.

Notas

[1] Ana Belén Montiel Martínez, M^a Rosario Pérez González y Beatriz Rodríguez Benito. 2006.

[2] Los mandalas: esos grandes desconocidos. Temas para la educación, revista para profesionales de la enseñanza, N°3 julio 2009. Federación de enseñanza de CC.OO. de Andalucía. ISSN: 1989-4023. Dep. Leg.: G R 2786 – 2008. Formas de trabajar con los mandalas.

[3] Aida Janneth Cortés Vásquez. Solfeggios y mandalas como estrategias lúdicas para reducir los niveles de estrés en la educación media. Proyecto de grado para optar el título de especialista en pedagogía de la lúdica. Fundación universitaria los libertadores. Facultad de educación virtual y a distancia. Especialización en pedagogía de la lúdica. Bogotá, d.c.2015.

[4] "Solfeggio" (solfeo) es la vocalización de los tonos en una escala de música, compuesta por seis tonos, sonidos originales Ut, Re Mi, Fa, Sol, La. Estas frecuencias, son utilizadas para fines de curación, originalmente cantados con precisión en el contexto de antiguos cantos gregorianos, pero la frecuencia exacta, la técnica y el conocimiento de sus propiedades curativas se perdieron de alguna manera más tarde en la historia de la humanidad. (sonidomedicinal.com.2012).

[5] Universidad Distrital Francisco José de Caldas. Facultad de Ciencias y Educación. Bogotá. 2017. Psicomotricidad y mandalas (una experiencia artística psicomotriz con estudiantes del grado 102 del

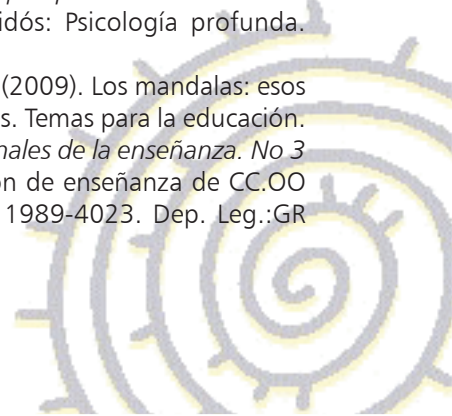
Colegio María Cano IED) Código: 20061188014. Trabajo de grado para optar al título profesional de Licenciado en Educación Básica con Énfasis en Educación Artística.

[6] Universidad del Azuay. Aparece en las colecciones: Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias de la Educación. Estudio descriptivo de la influencia de los talleres de terapias alternativas y psicoeducación para disminuir los síntomas de ansiedad en adolescentes de la "Unidad Educativa Luisa de Jesús Cordero" 2016. <http://dspace.uazuay.edu.ec/handle/datos/6870>
<http://dspace.uazuay.edu.ec/bitstream/datos/6870/1/12833.pdf>.

[7] Terapias complementarias: camino hacia la oncología integrativa. Unidad de Cuidados Integrales Oncológicos. Departamento de Oncología. Clínica Alemana de Santiago, Facultad de Medicina Clínica Alemana, Universidad del Desarrollo, Santiago, Chile. contactocientifico.alemana.cl/ojs/index.php/cq/article/download/291/278/s/ano.20/04/18.

BIBLIOGRAFIA

- Brito, J. R. (2014) *Los tonos solfeggio. Las frecuencias secretas de sonido solfeggio*. Recuperado de: <http://www.sonidomedicinal.com/2012/04/frecuencias-solfeggio.html>.
- Jung, C. G. (1970) *Arquetipos e inconsciente colectivo*. (Editorial Paidós: Psicología profunda. Barcelona)
- Martínez Cruz, M. C. (2009). Los mandalas: esos grandes desconocidos. Temas para la educación. *Revista para profesionales de la enseñanza*. No 3 julio 2009. Federación de enseñanza de CC.OO de Andalucía. ISSN: 1989-4023. Dep. Leg.:GR 2786-2008)



NÚMERO

46

2021

- Montiel Martínez, A. B; Pérez González, M. R; Rodríguez Benito, B. (2006). Recuperado de: <http://comunidad-escolar.pntic.mec.es/796/experi.html>) Año XXIV, número 796. 25 de octubre de 2006.
- Papandrea, A. (2003). «El trabajo corporal en psicomotricidad y sus formatos. Algunas reflexiones. UNTREF». (agosto de 2003- primer escrito. Septiembre de 2005- primera reformulación. Apuntes de materia "taller de introducción a la Psicomotricidad. Lic. En psicomotricidad de la Universidad Tres de Febrero).
- Schnake, A. (1995). *Los diálogos del cuerpo. El enfoque holístico de la enfermedad*. (Cuatro vientos Editorial: Santiago de Chile).
- Yontef, Gary M. (1995). *Proceso y diálogo en Gestalt. Ensayos de terapia gestáltica*. (Editorial cuatro vientos: Santiago de Chile).



PSICOMOTRICIDAD 3.0

PSYCHOMOTRICITY 3.0

Ángel Hernández Fernández

DATOS DEL AUTOR

Ángel Hernández Fernández es Doctor en Psicología y Especialista en Psicomotricidad. Ha sido profesor en la Facultad de Educación y en la Facultad de Medicina de la Universidad de Cantabria (España), así como en la Escuela Universitaria Gimbernat de Logopedia. Ha dirigido cursos de posgrado en Psicomotricidad y es autor de textos sobre psicomotricidad como "Psicomotricidad: Fundamentación teórica y orientaciones prácticas" (2008) y "Guía de actuación y evaluación en psicomotricidad vivenciada" (2015) y "Psicomotricidad constructivista" (2021), junto a otros textos de psicología educativa tales como "Fundamentos de intervención psicopedagógica" (2009) y "Evaluación y diagnóstico psicopedagógico" (2017).
Dirección de contacto: angel.hfbn@gmail.com

RESUMEN

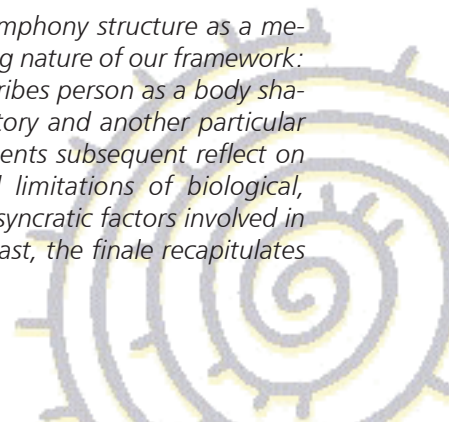
Este artículo plantea un nuevo escenario conceptual para la psicomotricidad basado en el constructivismo como elemento integrador de las distintas aportaciones teórico-prácticas anteriores y como puente con otras disciplinas científicas.

Como metáfora de su voluntad integradora, el artículo adopta una estructura de obra sinfónica: Así, la "obertura" describe a la persona como un cuerpo modelado por una historia colectiva y otra particular. Después le siguen tres "movimientos" que reflexionan sobre los factores biológicos, socioculturales e idiosincráticos que intervienen en la construcción de la identidad y, por último, un "fi-

ABSTRACT

This paper proposes a novel psychomotricity conceptual framework. This framework relies on constructivism to integrate previous theoretical-practical contributions and to build bridges with other scientific disciplines.

The article adopts a symphony structure as a metaphor of the integrating nature of our framework: First, the overture describes person as a body shaped by a collective history and another particular one. The three movements subsequent reflect on the contributions and limitations of biological, socio-cultural, and idiosyncratic factors involved in identity construction. Last, the finale recapitulates



NÚMERO

46
2021

nale" recoge los objetivos de la intervención psicomotriz desde la perspectiva constructivista, sus requerimientos y los modelos de actuación a la hora de diseñar experiencias de apoyo al desarrollo y de negociar significados con el usuario.

PALABRAS CLAVES: Sistemas autoconstructivos, aprendizaje y desarrollo, modelos subjetivos de realidad, Identidad personal, Inteligencia y memoria corporal, Modelos de intervención, Intersubjetividad y negociación de significados.

the objectives of psychomotor intervention from a constructivist perspective, its requirements, and the action models when designing to design experiences for development support, and meaning negotiating with the user.

KEYWORDS: Self-constructive systems, Learning and development, Subjective reality models, Personal identity, Body intelligence and memory, Intervention models, Intersubjectivity and negotiation of meanings.

OBERTURA - Un cuerpo con historia

Si quisiéramos encontrar una base que pudiera sustentar el edificio de la psicomotricidad del siglo XXI, dicha base debiera superar algunas inercias en la explicación del ser humano heredadas de otros tiempos y circunstancias. De esa forma, podría construirse un discurso compatible con el conocimiento científico actual, conocimiento que afecta a nuestra comprensión del desarrollo humano, de los procesos cognitivos y emocionales, de las dinámicas sociales e incluso a nuestra percepción de las cualidades físicas de la realidad.

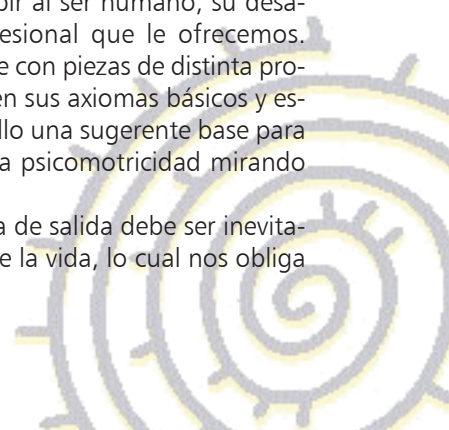
Es posible que haya llegado el momento en el cual quienes trabajamos como agentes de apoyo al desarrollo abandonemos el relato mágico o ideológico y edifiquemos nuestra profesión sobre los nuevos territorios que nos abren las neurociencias y las ciencias sociales fundamentadas en la investigación científica.

En esa línea, el constructivismo representa una me-

tateoría que recorre transversalmente las ciencias básicas como la física (Schrödinger, 2016; Capra, 1998) y la biología (Maturana, 2009; Llinas, 2003; Damasio, 2011) y las ciencias sociales como la psicología (Kelly, 1955; Piaget, 1971, 1977; Vygostki, 1978, 1979; Rogers, 2000; Watzlawick, 2003, 2008), la pedagogía (Ausubel, 1976; Bruner, 1988) o la sociología (Berger y Luckman, 1968; Weber, 2010).

A lo largo de este artículo iremos encajando las distintas aportaciones de estas disciplinas en una nueva forma de concebir al ser humano, su desarrollo y el apoyo profesional que le ofrecemos. Compondremos el puzzle con piezas de distinta procedencia que comparten sus axiomas básicos y esperamos esbozar con ello una sugerente base para integrar el pasado de la psicomotricidad mirando a su futuro.

Para ello, nuestra casilla de salida debe ser inevitablemente las ciencias de la vida, lo cual nos obliga



NÚMERO

46

2021

a bajarnos del pedestal y asumir sin ambages que para la biología, la genética o la ecología simplemente somos una especie de primate homínido, que surgió de la evolución de las especies sustentada en la química del carbono y el ADN.

Todas las especies tienen sus habilidades adaptativas y ciertamente los humanos tenemos una capacidad cognitiva singular que nos permite construir e interpretar la realidad a partir de nuestras experiencias. Disponer de un modelo comprensivo de la realidad potencia la adaptabilidad del ser humano a su entorno físico y social y le sirve de base para su percepción, su memoria, sus expectativas y sus decisiones, que serán las producciones cognitivas con las que construirá su identidad.

Así, puede afirmarse que somos un cuerpo que se desarrolla a partir de un programa genético, pero que vive una realidad que construimos con elementos socioculturales de nuestra comunidad e interpretaciones de nuestras experiencias personales. El relato de cómo integramos cada uno de esos elementos es nuestra historia personal, una historia en permanente reescritura que registramos y manifestamos aún sin ser conscientes de ello.

Los cuerpos de todos los seres vivos estamos configurados como grandes sistemas biológicos autoconstructivos (Maturana, 2009). El concepto de sistema autoconstructivo es nuclear desde la perspectiva constructivista de cualquier disciplina científica y nos permite explicar eficazmente un amplio espectro de fenómenos, desde la circulación atmosférica a la evolución de un agente infeccioso, desde el comportamiento político de los ciudadanos hasta la interfaz de un teléfono de última generación. Del mismo modo, se utilizará en este texto para explicar las distintas facetas del desarrollo del ser humano.

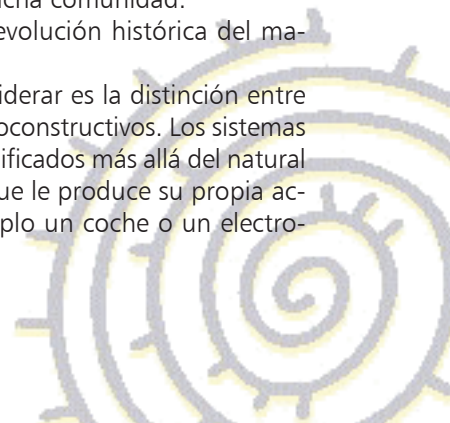
Para adentrarnos en este concepto, tendríamos que establecer en primer lugar qué se entiende por “sistema”. Un sistema se puede definir como una entidad identificable y delimitada que está compuesta por elementos interdependientes.

Los sistemas no se pueden equiparar a la suma de sus elementos y como entidad global, adquieren características y capacidades propias que establecen su forma específica de interactuar con su entorno (Von Bertalanffy, 1976). No obstante, el análisis completo de un sistema sólo es posible si también le contemplamos como elemento del sistema mayor que le engloba y que constituye su entorno.

Un ejemplo de esta anidación de los sistemas lo podemos encontrar en el análisis de la estructura social que hace Bronfenbrenner (1989) en la cual considera los siguientes niveles:

- Microsistema. – Constituido por personas con relaciones directas, como la familia.
- Mesosistema. – Constituido por los distintos microsistemas de una persona que se influyen entre sí; por ejemplo, en un niño serían su familia, su escuela y sus amigos.
- Exosistema. – Sistema que influye indirectamente en la persona, como los servicios sociales, educativos o culturales de una comunidad.
- Macrosistema. – El conjunto de valores y creencias compartidas por dicha comunidad.
- Cronosistema. – La evolución histórica del macrosistema.

Otro aspecto que considerar es la distinción entre sistemas cerrados y autoconstructivos. Los sistemas cerrados no se ven modificados más allá del natural desajuste y deterioro que le produce su propia actividad. Sirvan de ejemplo un coche o un electrodoméstico.



NÚMERO

46
2021

Por otro lado, los sistemas autoconstructivos, como los seres vivos, están configurados formando estructuras de redes modificables, que se abren a su entorno e interactúan con él mediante procesos cíclicos para obtener e integrar recursos que les permiten, no solo mantener la homeostasis, sino también transformarse mejorando sus capacidades adaptativas.

Esta permanente transformación, denominada desarrollo, sigue un patrón genético, pero es modificable en distintos aspectos y medida según la especie de ser vivo que se trate.

Si el entorno es muy estable, los aspectos incluidos en el programa genético suelen ser suficientes para la supervivencia de los individuos durante el tiempo programado genéticamente. Si el entorno es muy cambiante, sólo podrán readaptarse a las nuevas situaciones las especies cuyos individuos dispongan de las apropiadas capacidades de autotransformación a través de procesos de aprendizaje.

No obstante, por muy eficaz que sea su capacidad de autoconstrucción y muy estable que sea el entorno, las posibilidades de supervivencia van reduciéndose progresivamente por el deterioro natural de todo sistema de base orgánica. Después de transcurrido el tiempo previsto genéticamente, el ser vivo va perdiendo capacidad de captación de energía y de regeneración, deteriorándose sus elementos constitutivos que acaban degradándose y convirtiéndose en energía aprovechable para otros seres vivos.

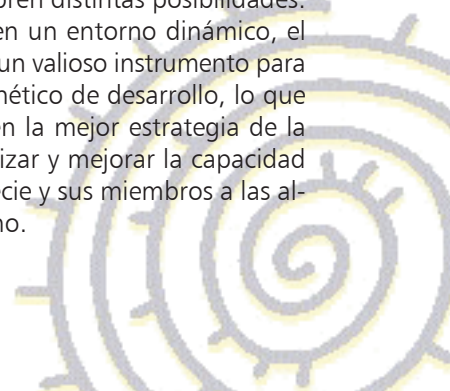
Podríamos pensar en la dinámica de la vida como una pulsación de un sistema con una etapa en la que se desarrolla apropiándose de elementos del entorno, se reproduce y luego inicia otra etapa en la que se deteriora y pierde sus capacidades hasta hacerse inoperativo y colapsar, siendo sustituido en

el entorno por descendientes que gracias a su experiencia resultan mejorados en adaptabilidad sin desequilibrar el ecosistema.

Los seres vivos se desarrollan y degeneran simultáneamente en diferentes aspectos y lo hacen en ciclos de amplitud distinta. Así, por ejemplo, el momento de máxima competencia física de las personas no suele coincidir con el momento de máxima competencia en la comprensión de los hechos sociales. Por ello, en realidad, al pensar sobre la vida de un ser vivo, debemos entenderla como una sinfonía compuesta de múltiples pulsaciones que se pueden encontrar en distintos momentos de su ciclo.

Todas las especies de seres vivos consolidan y transfieren muchas de las características y competencias adquiridas a sus descendientes, las más consolidadas son transferidas por vía genética. Las más novedosas, lo son por vía de aprendizaje social. Luego, cada individuo las concreta y modifica a partir de su propia experiencia dentro de unos límites conforme a la capacidad de su especie para incorporar patrones aprendidos.

El patrón de desarrollo y las capacidades autoconstructivas son específicas de cada especie. Una estrella de mar puede autoconstruir un miembro perdido, un ser humano puede autoconstruir muy diversos intereses vitales. Sus estrategias adaptativas han encontrado diferentes soluciones autoconstructivas que les abren distintas posibilidades. Pero lo cierto es que, en un entorno dinámico, el aprendizaje representa un valioso instrumento para alterar el programa genético de desarrollo, lo que le convierte sin duda en la mejor estrategia de la naturaleza para garantizar y mejorar la capacidad adaptativa de una especie y sus miembros a las alteraciones de su entorno.



NÚMERO

46
2021

Los procesos de desarrollo y aprendizaje definen el marco de la actividad del psicomotricista. Enfocar su actividad profesional desde una perspectiva constructivista le ofrecerá un marco conceptual compartido con las ciencias básicas y las ciencias sociales actuales, alejándose de los encuadres teóricos mentalistas y mecanicistas que tuvieron gran protagonismo en la interpretación psicológica del ser humano en otro tiempo.

Las teorías mentalistas son narrativas que en algunos casos tienen una factura muy rica y estética, pero que intentan obviar que sólo responden a una época y contexto cultural y que difícilmente describirían la realidad de entornos suficientemente alejados en el tiempo, el espacio o la realidad social. Nos aportan mucha luz sobre el universo particular de sus autores, pero no encuentran encaje en la ciencia del siglo XXI y los vertiginosos avances en neurociencia muy probablemente van a conducir a estas teorías a convertirse en pocas décadas en un mero objeto de estudio antropológico.

Mientras tanto, las teorías mecanicistas simplemente son insuficientes para explicar, no sólo al ser humano, sino a cualquier ser vivo.

Casi transcurrido el primer cuarto del siglo XXI, nos encontramos en tiempos para la física cuántica, las matemáticas no lineales y los sistemas inteligentes autoconstructivos. A la psicomotricidad no le conviene quedarse en las rígidas narrativas propias de otras épocas.

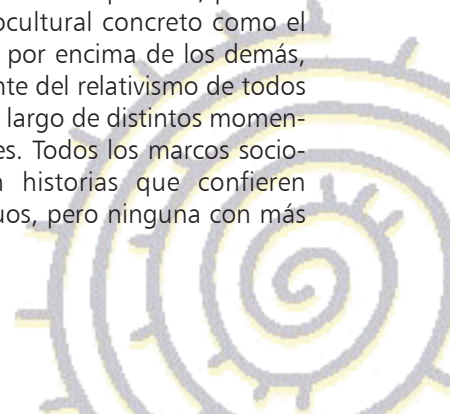
Por su parte, el constructivismo nos permite recoger e integrar los principios básicos de las distintas aportaciones a la práctica psicomotriz a lo largo de su historia, siempre que renunciemos al dogmatismo y estemos dispuestos a respetar las realidades ajenas.

Se trata de un planteamiento que no reconoce

dogmas universales, ni teóricos ni prácticos. No busca dar respuestas a las grandes preguntas, ni recetas garantizadas para resolver todos los problemas, sólo pretende acompañar y apoyar sin ser invasivo a las personas en la búsqueda de un crecimiento armonioso y de su propio bienestar dentro de su universo personal, intentando ayudarle a enriquecerlo, potenciando su autonomía y facilitando que aborde con los mejores recursos los retos a los que se enfrenta. Por ello, el constructivismo subyace a los movimientos contemporáneos en pro de la aceptación de la diversidad en aptitudes, intereses, valores y estilos de vida.

Por la misma razón, también está detrás del replanteamiento de los sistemas educativos actuales, promoviendo la consideración del ritmo individual de aprendizaje, situando al alumno en el centro del proceso de enseñanza y concibiéndole como el protagonista de su propia historia y constructor de su propio conocimiento, entendiendo el papel de los docentes como de respetuosos acompañantes en ese proceso, cuyas labores serían fundamentalmente de andamiaje y no tanto de fuente de sabiduría como antaño.

Esto parecería cuestionar la función del educador como transmisor cultural. En realidad, el constructivismo se interesa y aprecia el acervo de las comunidades culturales, sus valores, creencias y todo lo que aportan al desarrollo de la persona, pero no sitúa a un marco sociocultural concreto como el modelo incuestionable por encima de los demás, ya que es muy consciente del relativismo de todos ellos si se observan a lo largo de distintos momentos históricos y latitudes. Todos los marcos socioculturales representan historias que confieren identidad a los individuos, pero ninguna con más legitimidad que otra.



NÚMERO

46

2021

Debe remarcar que en el ámbito profesional el constructivismo no defiende planteamientos rígidos, pero tampoco el eclecticismo superficial tan frecuente en el profesional deficientemente formado. Muy por el contrario, apuesta por la integración de perspectivas para la mejor comprensión de nuestro objeto de estudio. Integración que exige un conocimiento profundo de las distintas aportaciones teóricas incorporadas y una flexibilidad conceptual que permita encajarlas. Algo complejo, pero que, sin duda, nos hace mejores profesionales.

En los siguientes apartados se reflexionará sobre algunos factores biológicos, socioculturales y psicológicos del desarrollo humano desde una perspectiva constructivista. Eso, nos permitirá formar una urdimbre con las aportaciones de muy distintas disciplinas y percibir al ser humano como un sistema autoconstructivo que se desarrolla como un cuerpo con historia.

En el último apartado, se propondrá un planteamiento constructivista de las intervenciones en psicomotricidad, definiendo objetivos, requerimientos y modelos de actuación.

PRIMER MOVIMIENTO - El factor biológico: Somos un cuerpo.

En el marco de la diversidad biológica, como hemos dicho, el ser humano es una de las especies de primate homínido. Un homínido con exitosas capacidades adaptativas basadas en:

- El aprendizaje como instrumento principal de actualización de su programa genético de desarrollo.
- Un cerebro que procesa con una asombrosa plasticidad nuestras experiencias y reestructura sus redes neuronales en función de ellas.
- Una gran capacidad de elaboración de concep-

tos, constructos y modelos interpretativos de la realidad, que le permiten comprender las relaciones entre los hechos, pronosticar futuras situaciones y actuar propositivamente frente a ellas con más flexibilidad y eficacia que otras especies.

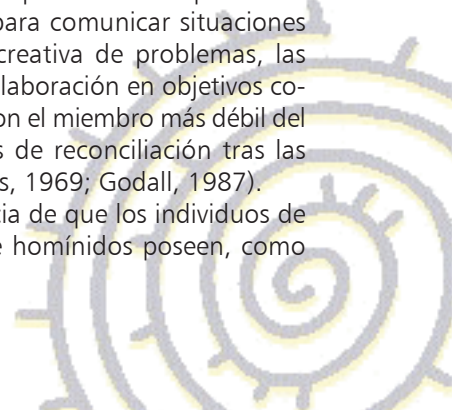
Ciertamente los humanos hemos sido capaces de grandes hazañas, incluida la de reinventarnos a través de bellas narraciones, pero es importante reconocer quién somos y asumir nuestro origen biológico.

La etología ha estudiado a otras especies de nuestro grupo, nuestros primos los chimpancés, los gorilas, los orangutanes y los bonobos y ha dejado constancia de patrones de comportamiento de estos otros homínidos que inevitablemente nos resultan muy familiares.

Estas similitudes entre especies de homínidos son muy evidentes si nos fijamos en los aspectos más fundamentales del comportamiento como son la organización social, el sexo, la crianza de la prole, la territorialidad, la exploración y transformación del entorno, la construcción y uso de herramientas o la agresión y la defensa frente a ella (Bekoff, 2003).

Pero aún más allá, las investigaciones han referenciado sorprendentes similitudes respecto al comportamiento en conductas sociales muy complejas; por ejemplo, la planificación y preparación de acciones incorporando lo aprendido en experiencias previas, la capacidad para comunicar situaciones vividas, la resolución creativa de problemas, las alianzas sociales y la colaboración en objetivos comunes, la solidaridad con el miembro más débil del grupo y las maniobras de reconciliación tras las confrontaciones (Morris, 1969; Godall, 1987).

Más aún, hay constancia de que los individuos de estas otras especies de homínidos poseen, como



NÚMERO

46

2021

nosotros, personalidad propia y conciencia de sí mismos, desarrollan una cultura tribal que transmiten a las nuevas generaciones y tienen una capacidad de abstracción y categorización que les permite comunicarse mediante símbolos e incluso adquirir un vocabulario pictográfico que alcanza los 1000 signos (Patterson y Linden, 1981). También compartimos con ellos el lenguaje no verbal, habiéndose constatado que de forma natural utilizan expresiones como, por ejemplo, extender la mano con la palma hacia arriba para pedir algo o agitar la mano hacia delante y atrás mostrando el dorso para echar a alguien de su lado (De Waal, 2007). La capacidad intelectual de las otras especies de homínidos se ha comparado a la de un niño entre 2 y 4 años y, si hemos tenido oportunidad de relacionarnos con niños de esas edades, recordaremos fielmente cuan humanamente inteligentes son. Por tanto, desde el análisis científico, sólo nos cabe asumir que los humanos somos simplemente una de las especies de primate homínido, si bien, con un excelente desarrollo de algunas capacidades, lo cual nos aporta grandes ventajas adaptativas.

Este desarrollo singular parece estar vinculado a la evolución de algunos procesos corporales como son la bipedestación que liberó la mano para la manipulación de objetos, la propia estructura de mano que facilita la motricidad fina, la capacitación de la faringe para el lenguaje y, en especial, el desarrollo del encéfalo para dar soporte a todas las posibilidades que abrían las otras modificaciones morfológicas mencionadas.

Para reflexionar sobre la mejora de la capacidad de procesamiento cognitivo que surgió a partir de la evolución de nuestro encéfalo, se han empleado constructos como el alma, el espíritu, la psique o la mente. A todos ellos se les ha dado entidad de

objeto y se han elaborado todo tipo de propuestas sobre su origen, funcionamiento y finalidad.

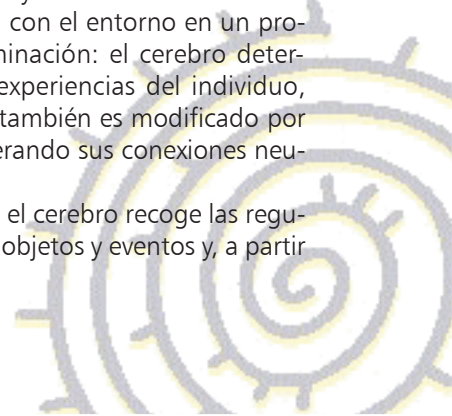
Así, encontramos millones de personas de distintas culturas que, de espaldas a la ciencia, se siguen considerando a sí mismas como un “yo” que habita accidentalmente un cuerpo, del mismo modo que subsisten muchas teorías psicológicas que explican al ser humano sin referencias al cuerpo que somos.

Hoy en día, en el ámbito de las ciencias biológicas, y en la neurociencia en particular, la mente y los otros elementos afines no se entienden como un objeto, sino como un constructo que hace referencia a un proceso de nuestro cerebro que tiene por finalidad contribuir a la gestión del macrosistema corporal que constituye un ser vivo y mediar en su interacción con su entorno (Capra, 1998; Llinas, 2003; Maturana, 2009; Damasio, 2011).

El cerebro abordaría su contribución a la adaptación del ser vivo detectando semejanzas, coherencias y regularidades en un entorno en permanente movimiento y transformación, lo cual le permitiría predecir situaciones y organizar la conducta inteligentemente y así facilitar la homeostasis del individuo con su ecosistema. Homeostasis imprescindible para poder sobrevivir en él (Von Bertalanffy, 1976).

La eficacia del cerebro se sustentaría en ser capaz de reconstruir funcional y físicamente sus redes a partir de su interacción con el entorno en un proceso de mutua determinación: el cerebro determina e interpreta las experiencias del individuo, pero al mismo tiempo también es modificado por dichas experiencias alterando sus conexiones neuronales.

Para ejercer su función, el cerebro recoge las regularidades percibidas en objetos y eventos y, a partir



NÚMERO

46
2021

de ello, elabora conceptos y atribuciones que se articulan en un modelo virtual de realidad que permitirá extrapolaciones a experiencias aún no vividas, dando pie a las conductas propositivas y a la previsión de sus consecuencias.

Hoy en día, las neurociencias estudian desde este enfoque las funciones cognitivas y ejecutivas más complejas, definiéndolas como procesos autoconstructivos de las conexiones en red del cerebro.

Pero, si renunciamos a concebir la mente como un objeto y asumimos considerarla como un proceso del cerebro, corremos el peligro de olvidándonos que somos un cuerpo, un macrosistema autoconstructivo global y no sólo un cerebro.

Debiéramos evitar investigar al cerebro con la misma rigidez con la que antes se imaginaba a la mente: buscando ubicaciones de funciones, reglas estables de acción-reacción, procesos universales que expliquen y pronostiquen cualquier acción humana, olvidando que, si algo es el cerebro, es precisamente un sistema de redes en permanente transformación.

Creemos que la psicomotricidad debe ayudar a evitar que se sustituya de forma simple el antiguo papel mágico de la mente por el nuevo protagonismo del cerebro y para ello pensamos que es muy útil el concepto de inteligencia corporal planteado por Claxton (2016).

Para este autor, el cuerpo globalmente es quien aprende y se adapta a todo tipo de cambios de su entorno; por ejemplo, a cambios de dieta, de clima, de actividad, a lesiones, infecciones, etc. y es capaz de hacerlo con la participación del cerebro o sin ella, consciente la persona de ello o sin serlo. Así sucede en los seres vivos más elementales y también en las especies que somos capaces de interponer mediadores cognitivos.

Nuestras cogniciones depuran muchos procesos adaptativos del macrosistema corporal, pero las acciones adaptativas de los seres vivos existen evolutivamente desde mucho antes de que surgieran especies con un cerebro capaz de generar cogniciones.

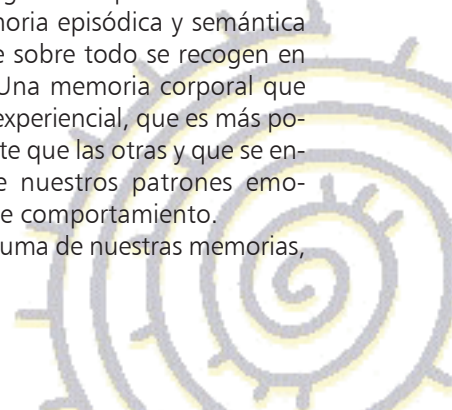
En virtud de ello, Claxton (2016) propone reconceptualizar nuestra concepción de la inteligencia y entenderla como una capacidad corporal de adaptación propia de los seres vivos en tanto que macrosistemas biológicos que interactúan globalmente con su entorno para su supervivencia. Los sistemas nerviosos de distintas especies de seres vivos implementan funciones diversas en esa interacción inteligente, entre las que se incluyen las producciones cognitivas y el aprendizaje.

En definitiva, si el cuerpo es globalmente el sujeto inteligente que procesa, aprende y se transforma, nuestro análisis no debiera centrarse en el cerebro para sustituir a la mente, sino que debiera considerar al cuerpo en su integridad. Exactamente como hace la psicomotricidad.

Esto sitúa a la psicomotricidad, de pleno derecho, como la intervención paradigmática para favorecer el desarrollo, ya que se caracteriza precisamente por ese abordaje corporal globalizado (Hernández, 2015, 2021).

Los psicomotricistas trabajamos ofreciendo experiencias y aprendizajes globales que actúan sobre los registros de la memoria episódica y semántica del individuo, pero que sobre todo se recogen en su memoria corporal. Una memoria corporal que se construye de forma experiencial, que es más potente y menos consciente que las otras y que se encuentra en la base de nuestros patrones emocionales, cognitivos y de comportamiento.

Las personas somos la suma de nuestras memorias,



NÚMERO

46

2021

la que nos dejaron generaciones de antepasados en nuestro código genético, la que recoge la interpretación de la realidad de nuestro nicho sociocultural y la derivada de nuestras experiencias privadas y el significado personal que les hemos atribuido. Somos un cuerpo, pero un cuerpo con historia. Una historia en muchos planos superpuestos que nos construye y nos confiere una identidad propia. Gracias a esa historia, nuestra realidad biológica puede contraprogramarse desde el contexto sociocultural y un monje budista, un integrista cristiano, judío, musulmán o animista generan realidades y conglomerados de significados muy distintos y todos ellos vividos como la única realidad posible. Del mismo modo, el individuo puede conectar con el universo a través del yoga o el reiki, resignificar sus traumas infantiles a través del psicoanálisis o reformular su escala de valores tras una experiencia traumática o una conferencia impactante.

De hecho, es tal nuestra capacidad de “autorreprogramación” que, hoy en día, es desgraciadamente frecuente que alguien destruya su propia salud para ser más popular o maltrate a sus hijos para desahogar sus frustraciones. También antaño sucedía que algunas personas se alistaban en el ejército para morir por su monarca o por un ideal, por mucho que hoy nos pueda sorprender. Así, podemos concluir que el legado genético fundamental del ser humano es paradójicamente su especial capacidad para el aprendizaje y para una autoconstrucción cognitiva que puede sobrepasar improntas genéticas de primer orden.

SEGUNDO MOVIMIENTO. - El factor sociocultural: Heredando una historia colectiva que vivir.

Una parte importante de la historia que construimos y vivimos procede de la cultura en la que

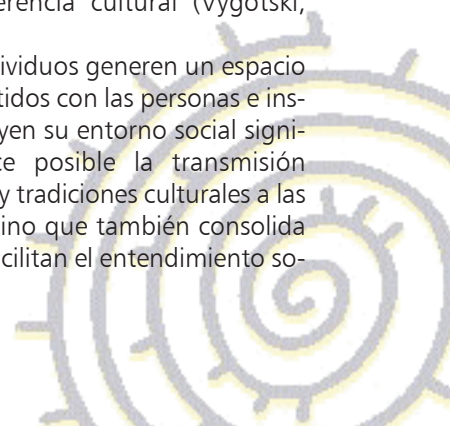
hemos sido socializados y representa unos poderosos lazos que nos unen a nuestra comunidad incluso si renegamos de ella.

Los procesos de socialización promueven entre los miembros de una comunidad una determinada forma de percibirse a sí mismo y al entorno en el que vive y, en la mayoría de las ocasiones, queda tan asumida que la persona la considera una verdad objetiva a la que ha accedido por un proceso de maduración personal sin percibir en él ninguna influencia social.

No obstante, si bien el individuo obtiene en su socialización respuestas convincentes a muchas cuestiones relevantes, dicho proceso está sujeto al contraste con las experiencias individuales de cada persona. Si alguien percibe incongruencias significativas con sus propias experiencias, puede mirar hacia otro lado, buscar justificaciones o desarrollar una actitud crítica y de oposición más o menos abierta al legado cultural de su comunidad.

Pero independientemente del nivel de actitud crítica hacia la propia cultura que desarrolle una persona, la aculturación es siempre un elemento fundamental en el proceso de construcción de su identidad. Su impacto va a ser modulado por la eficacia de los agentes sociales en el establecimiento de una intersubjetividad con el individuo que sirva de cauce a la transferencia cultural (Vygotski, 1978).

El hecho de que los individuos generen un espacio de constructos compartidos con las personas e instituciones que constituyen su entorno social significativo, no sólo hace posible la transmisión conocimientos, valores y tradiciones culturales a las nuevas generaciones, sino que también consolida códigos de conducta facilitan el entendimiento so-



NÚMERO

46
2021

cial. Todo ello, da soporte al desarrollo personal de los miembros de una comunidad y a la viabilidad de la propia comunidad como colectivo.

Un aspecto fundamental de la intersubjetividad gira en torno a si es legítimo aprovecharla para imponer nuestro modelo de realidad sobre el de otra persona. De fondo se haya la confrontación entre el esencialismo de creer que nuestra verdad es la válida y las demás son erróneas y subjetivismo de reconocer y respetar todas las realidades a un mismo nivel.

Hace cincuenta años el marco cultural en el que una persona se había criado explicaba buena parte de su realidad. Nuestra forma de pensar sobre la vida y la muerte, la familia, la comunidad, la religión, la autoridad, el trabajo o la estructura social tenían una fundamentación común con las personas de nuestro entorno. Cuando nos distanciábamos en algún aspecto era por intensas experiencias personales y lo hacíamos con rabia, desilusión o culpabilidad.

Sin embargo, hoy en día, las sociedades humanas están cambiando de una forma tan radical y vertiginosa como nunca lo habían hecho. La economía y la cultura se han globalizado. Además, el conocimiento y la tecnología ha avanzado exponencialmente, permitiendo que estemos hiperconectados y tengamos grandes facilidades para la movilidad física o virtual de personas y productos. Todo ello ha facilitado que tengamos acceso a muy diversos modelos de realidad.

Pero las tecnologías que hoy dominamos pronto quedarán obsoletas y serán sustituidas por nuevos artefactos y servicios que progresivamente irán ocupando más y más de nuestro espacio vital. De hecho, en nuestra vida actual, el aprendizaje, el trabajo y los vínculos sociales se han convertido en

buena medida en virtuales y están en manos de corporaciones mucho más poderosas que los propios estados.

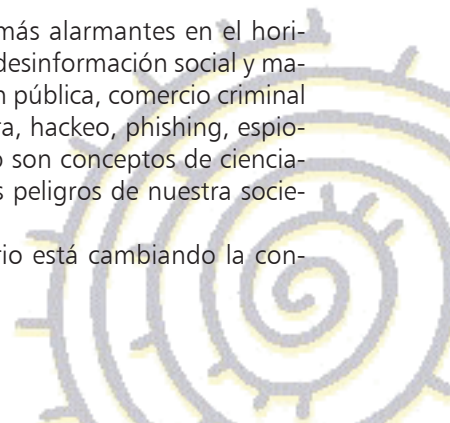
Hoy en día, valoramos a una empresa, un profesional o una posible amistad en función de la calidad de su presencia en redes sociales. Así, compramos o contratamos servicios de todo tipo a través de grandes distribuidores que nos presentan aquellas cosas que saben que nos van a interesar sin que se lo solicitemos gracias a que nuestros datos se han transferido y procesado en servidores a miles de kilómetros para comerciar con ellos.

Somos cada vez más dependientes de estos servicios cuya carrera tecnológica hacia “lo más potente, inmediato, cómodo, pequeño y barato” se financia con nuestro consumo, lo cual hace que el máximo esfuerzo de dichas corporaciones esté orientado a lograr que cedamos nuestras decisiones de consumo a sus algoritmos.

En un futuro muy próximo, las sociedades se gobernarán mediante los big data y pronto la inteligencia artificial organizará buena parte de nuestra vida cotidiana: Coches autónomos, electrodomésticos conectados al internet de las cosas, robótica, impresión 3D de todo tipo de objetos y materiales, incluidos los biológicos, que transferirán partes importantes de nuestras vidas a las empresas tecnológicas y a las de comercialización y distribución de bienes de consumo.

Y aún hay elementos más alarmantes en el horizonte: operaciones de desinformación social y manipulación de la opinión pública, comercio criminal a través de la red oscura, hackeo, phishing, espionaje y guerra digital no son conceptos de ciencia-ficción, sino los nuevos peligros de nuestra sociedad actual.

Este arrollador escenario está cambiando la con-



NÚMERO

46

2021

ducta, el pensamiento y los valores humanos. Cualquiere padre de adolescente puede dar fe de ello. Nuestro gran desafío es si seremos capaces de reinventarnos antes de que este nuevo mundo nos pase por encima y nos convierta en autómatas de nuestros autómatas y que con el engaño de “ofrecernos una mejor experiencia” nos arrastre a confundir nuestro bienestar con el consumo continuado, compulsivo y teledirigido de nuevos artilugios y servicios con el que financiar nuevos artilugios y servicios en un círculo vicioso en el que las personas se convierten en un mero eslabón.

La cuestión es si podemos desprendernos del mundo en el que crecimos y que ya no existe y seguir siendo dueños de nuestra vida mientras deambulamos en las redes de un nuevo mundo.

La revolución social y cultural que avanza junto a la revolución tecnológica quizás conduzca a que el polícromo abanico de creencias, valores y principios de organización social que construyó la Humanidad a lo largo de muchos siglos se desmorone ya que, perdida la magia de considerar sus dogmas como verdades universales e indubitables, han pasado a convertirse solo en otros elementos de consumo.

Un día nos interesa la vieja cultura vikinga y nos olvidamos de que anteriormente tuvimos curiosidad por los aztecas y que quizás mañana nos vuelva la curiosidad sobre el budismo. Todo en función de algún nuevo producto musical o una serie televisiva. Así, las “verdades absolutas” del marco socio-cultural en el que crecimos se convierten en una opción entre otras tantas que consumir.

El concepto de realidad se muestra cada vez más como dependiente del punto de vista escogido por el observador entre múltiples posibilidades como nos anunciaba el siglo pasado Von Foerster (1991),

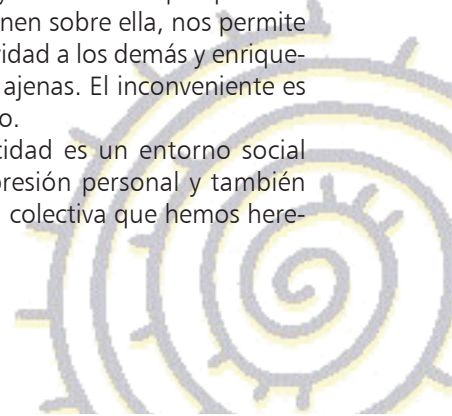
pero está en nuestras manos que ese relativismo se convierta en un consumismo superficial o en una apertura a otras perspectivas como fuente de mejora personal.

Al igual que la física actual mantiene que el tiempo y el espacio son relativos y que nuestra percepción de ambos es una construcción subjetiva, en nuestra nueva aldea global e hiperconectada, los grandes dogmas culturales se tambalean y nuestras opciones posibles ante esta situación no son demasiadas:

- Un rebote dogmático, inflexible y beligerante para proteger alguna de las tradiciones culturales con la que nos identificamos, normalmente porque fue nuestro entorno de socialización.
- Un desapego cultural generalizado, al que algunos denominan posmodernidad, que ha conducido a que algunas personas hayan optado por vivir con total carencia de valores (Hernández, 2016).
- O negarse a vivir en ese vacío que te relega a mera fuerza de trabajo y consumo y promover que cada persona se comprometa con unos valores y una forma de concebir la realidad con los que se identifique (Kholberg, 1982), pero renunciando a considerarlos dogmas universales y cultivando todos nosotros una actitud tolerante y respetuosa hacia las convicciones de los demás.

La ventaja de esta tercera opción es que asumir que la realidad no es una y tiene tantas perspectivas como personas reflexionen sobre ella, nos permite acercarnos con receptividad a los demás y enriquecerlos con las miradas ajenas. El inconveniente es que nos provoca vértigo.

La sala de psicomotricidad es un entorno social único para la libre expresión personal y también para mostrar la historia colectiva que hemos heredado.



NÚMERO

46
2021

Todos los arquetipos culturales introyectados por los participantes se manifiestan abiertamente bajo la coartada del juego. Ser conscientes de ellos y valorar el grado de coherencia que demuestran con los valores declarados por cada individuo nos dibuja un bosquejo fiel de los retos de desarrollo que enfrentan y aquellos en los que el psicomotricista les puede ayudar.

TERCER MOVIMIENTO - El factor psicológico: La identidad autoconstruida.

Desde una perspectiva constructivista, el procesamiento cognitivo de objetos y eventos es la fuente de nuestros pensamientos. Se trata de un proceso que puede utilizar múltiples códigos y establecer relaciones flexibles entre distintos elementos para poder organizar y comprender todos los aspectos y posibilidades de una situación.

Planificar acciones a partir del análisis de las situaciones tiene un gran valor adaptativo, pues evita los inconvenientes de actuar reactivamente y sufrir consecuencias indeseables que pueden ser irreversibles.

La habilidad de manipular cognitivamente lo que vivimos es imprescindible para comprender la versátil inventiva humana y la riqueza de sus producciones culturales, científicas y artísticas.

Cada persona desarrolla su particular teoría sobre la realidad mediante esta recreación cognitiva de sus experiencias personales. Teoría que constituirá un marco subjetivo de interpretación de sus vivencias. En ello, empleará las capacidades y recursos de que disponga para recopilar, procesar y atribuir significado a los datos a su disposición sobre sí mismo y sobre su entorno.

Un importante grupo de dichos recursos provienen del proceso de aculturación de cada individuo en

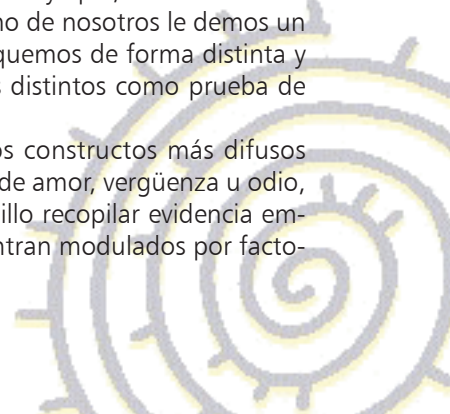
su comunidad y entre ellos se incluyen algunos constructos relativos a las emociones, que han de servirle para dar sentido al impacto que producen las situaciones que viva en su macrosistema corporal y así catalizar las acciones pertinentes en cada caso.

Las teorías tradicionales han atribuido a las emociones naturaleza de objeto, describiéndose sus características y su evolución como si se tratara de estructuras biológicas. No obstante, desde una perspectiva constructivista, las emociones no tienen una entidad neurofisiológica específica y diferenciada (Barret, 2018), por lo que debemos conceptualizarlas como una percepción contextualizada de cómo reaccionamos corporalmente ante una situación. Así, por ejemplo, si se nos acelera el pulso cardíaco y se nos dilatan las pupilas, en función de nuestro conocimiento de la situación en que se produce, hablamos de alegría, miedo o sorpresa.

El proceso es el siguiente: nuestro cuerpo reacciona globalmente ante las situaciones que vivimos conforme al significado que les atribuimos y luego conceptualizamos esa reacción mediante conceptos aprendidos de nuestro contexto cultural, matizados por nuestra experiencia individual previa.

Esto hace que la alegría o la tristeza se haya entendido de muy diversas formas en distintas culturas a lo largo de su historia y que, dentro de una misma cultura, cada uno de nosotros le demos un matiz distinto, lo expliquemos de forma distinta y establezcamos criterios distintos como prueba de su autenticidad.

Más aún, si analizamos constructos más difusos como los sentimientos de amor, vergüenza u odio, nos resultará muy sencillo recopilar evidencia empírica de que se encuentran modulados por facto-



NÚMERO

46

2021

res culturales, históricos y relativos a las experiencias personales de cada individuo.

La importancia de los constructos emocionales radica en que son determinantes en la interpretación subjetiva de las vivencias y, en virtud de ello, harán una decisiva contribución a la construcción de una identidad personal que será nuestra referencia a la hora de intentar comprender el comportamiento propio y ajeno, sirviendo de base a la toma de decisiones en acciones propositivas.

El modelo de realidad de cada individuo tiene como eje dicha identidad personal y genera una narrativa vital que orienta y da sentido a sus acciones. Construimos esa identidad personal y esa narrativa vital tomando como referencia los registros episódicos, semánticos y corporales de nuestra interacción con el entorno y de nuestra autopercepción durante dicha interacción.

Construir una identidad personal permite que la persona sea consciente de sí misma, lo cual le facilita la coordinación de la actividad corporal y la eficacia de sus acciones propositivas incluso en circunstancias complejas como, por ejemplo, al enfrentar modificaciones críticas y súbitas en el entorno, al integrar informaciones novedosas o al utilizar simulaciones cognitivas para planificar acciones futuras (Barret, 2018; Llinas, 2003).

La consciencia sólo representa un refinado proceso cognitivo de segundo nivel que hace posible que el organismo pueda observarse a sí mismo y, gracias a ello, actuar de una forma más coherente, flexible y precisa en todo tipo de circunstancias, pero no es un recurso imprescindible para comprender el comportamiento de los seres vivos.

De hecho, el cerebro actúa mayoritariamente de forma inconsciente. Es más, constantemente se modifica a sí mismo sin ser consciente de ello para

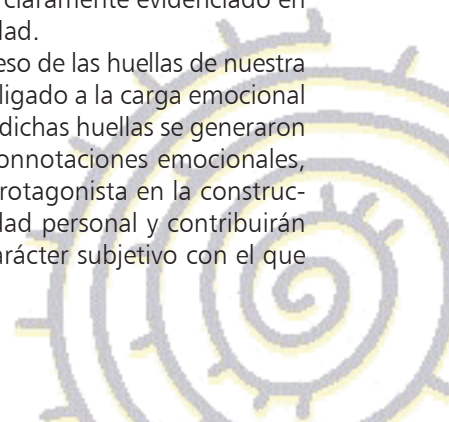
adaptarse a un entorno cambiante y mantener su capacidad adaptativa. No obstante, es evidente que la consciencia es un buen recurso y que las representaciones del propio cuerpo en interacción con el entorno mejoran notablemente el proceso adaptativo.

Así, aunque posiblemente sólo seamos un cuerpo en acción y la conducta consciente sólo represente una mínima parte de toda la conducta inteligente de los organismos vivos, cuando las experiencias significativas sacuden el sistema corporal de una persona y dejan sus huellas en él, la constatación consciente de ello le ayudará a construir una identidad y una narrativa vital que orientará la comprensión y el ajuste de sus acciones.

Esta identidad personal que poco a poco vamos construyendo es inevitablemente única. Tiene raíces en nuestra herencia biológica y sociocultural, pero se reescribe permanente a partir de interpretar subjetivamente y dar significado a nuestras propias experiencias, condicionando así nuestro presente y nuestro futuro.

Es importante resaltar que nuestra identidad no es solamente la narrativa que construimos cuando hablamos sobre nosotros mismos. Por debajo de ello, nuestras experiencias dejan huellas en nuestra memoria corporal que no tienen por qué ser conscientes, pero que se expresan en cada acto y en cada situación, como queda claramente evidenciado en la sala de psicomotricidad.

Además, dado que el peso de las huellas de nuestra memoria corporal está ligado a la carga emocional que tienen asociada, si dichas huellas se generaron revestidas de fuertes connotaciones emocionales, van a jugar un papel protagonista en la construcción de nuestra identidad personal y contribuirán significativamente al carácter subjetivo con el que



NÚMERO

46

2021

damos sentido a nuestras propias vivencias al resaltar y conectar determinados aspectos.

Por otra parte, la expresión de nuestra memoria corporal representa un potente acto comunicativo manifestándose en toda interacción social. Podríamos definirlo adaptando la perspectiva constructivista de la comunicación de Watzlawick (2008) de la siguiente forma:

- Toda conducta se convierte en un acto comunicativo que es interpretado subjetivamente por las personas presentes.
- La comunicación se ve afectada por la relación entre los interlocutores, genera una mutua influencia y es una responsabilidad compartida.
- Las relaciones que actúan de fondo a la comunicación pueden ser más o menos simétricas y pueden darse en distintos grados de complementariedad. En cada caso, pueden facilitar el desarrollo, mejorando los recursos adaptativos del individuo, o bien dificultarlo, llevándolo a situaciones de bloqueo o confusión.

En psicomotricidad tenemos un gran interés por la expresión no verbal de la memoria corporal, pero debe de resaltarse que desde una perspectiva constructivista ha de analizarse personalizadamente y en el contexto de la comunicación global del individuo.

Se trata de una tarea imprescindible para el psicomotricista porque la memoria corporal recoge y expresa la forma en que un individuo ha concretado sus determinantes biológicos y socioculturales al margen del grado de consciencia que tenga sobre ellos.

Al igual que la expresión verbal, el cuerpo que somos expresa corporalmente las historias de las que estamos contruidos. Y, al igual que en la expresión verbal, lo hace en algunas ocasiones di-

recta y conscientemente y en otras muchas, de forma metafórica e inconsciente.

Las metáforas son un poderoso instrumento en la construcción y comunicación de significados, pues permiten extender la aplicación de un constructo, enriqueciendo así nuestro conocimiento de determinados aspectos de lo vivido.

Cada persona se relaciona metafóricamente con su entorno social en una doble vertiente: Recoge principios fundamentales para su entorno a través de los contenidos que recibe de él durante su interacción social y, por otra parte, el individuo hace una expresión metafórica de su identidad personal mediante algunos aspectos de su comportamiento; por ejemplo, sus gustos estéticos y sus actividades de ocio, manifestando a través de ellos los constructos centrales de su teoría sobre el mundo y sobre sí mismo (Hernández, 2018, 2021).

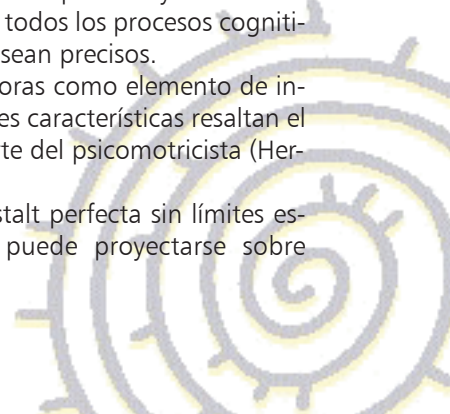
Para el psicomotricista, la comunicación metafórica representa un poderoso elemento de observación e intervención.

En relación a lo primero, el juego libre es sin duda el mejor escenario para la expresión metafórica de la persona, en especial cuando se genera una narrativa que lo reviste, justifica y refuerza.

Este tipo de juego facilita que la sala de psicomotricidad se convierta en un verdadero espacio de intersubjetividad y diálogo metafórico desde donde apoyar el desarrollo de una persona y su autorregulación, dinamizando todos los procesos cognitivos y emocionales que sean precisos.

En relación a las metáforas como elemento de intervención, las siguientes características resaltan el valor de su uso por parte del psicomotricista (Hernández, 2021):

- Representan una gestalt perfecta sin límites espaciotemporales que puede proyectarse sobre



NÚMERO

46

2021

cualquier vivencia con la que se establezca una conexión.

- Si son novedosas y sorprendentes para el individuo, captarán su atención, pero también pueden incidir en su percepción e influir en sus acciones fuera del campo de la consciencia.
- Motivan la evolución personal autorregulada y facilitan la comunicación, la negociación de significados con otras personas y la toma de decisiones.
- Permiten reelaborar indirectamente situaciones vividas, ensayar como afrontarlas, comprobar los obstáculos a superar y los recursos personales disponibles.

FINALE - Una psicomotricidad constructivista: Modelo de actuación 3.0.

La historia de nuestra disciplina ha discurrido entre una psicomotricidad funcional enfocada a desarrollar destrezas motrices mediante actividades que mejoran la coordinación de movimientos, el equilibrio o la destreza manual y una psicomotricidad relacional enfocada a explicar e incidir en las dinámicas inconscientes de las motivaciones humanas. La psicomotricidad constructivista adopta una perspectiva globalizadora del individuo como un macrosistema biológico y, en coherencia con ello, no asume el dualismo cartesiano que escinde el cuerpo y la mente, entendiendo por tanto que ambos son una realidad única.

Somos un cuerpo modelado por una historia colectiva e individual, un cuerpo que siente, piensa y actúa construyendo una identidad propia.

Un cuerpo que se autoconstruye como un todo y vive una realidad armada sobre una historia con contribuciones biológicas, sociales y vivenciales que se entretajan formando una red dinámica de significados que alimentan nuestra comprensión del

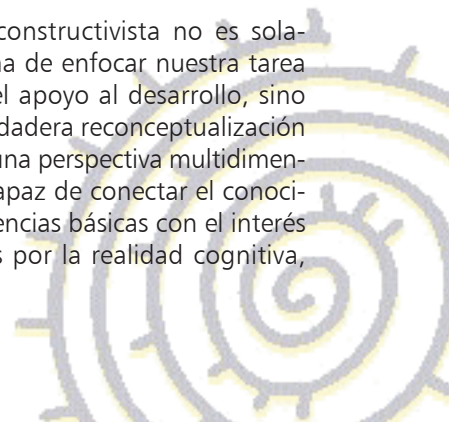
mundo y de nosotros mismos y da pie a nuestra conducta propositiva.

El cuerpo es el protagonista de nuestras vivencias y registra sus huellas, no sólo las de nuestros logros y fracasos, sino también las de nuestras necesidades, anhelos, temores y frustraciones. Todo ello lo expresa de una forma más fiel que traducido a palabras.

La psicomotricidad permite a la persona reencontrarse conscientemente con su memoria corporal y construir significados coherentes que atribuir a sus vivencias, superar desajustes que distorsionan su identidad y narrativa vital, así como autogestionar un desarrollo equilibrado y armónico que le conduzca al bienestar personal.

Como psicomotricistas creemos que el desarrollo y el bienestar psicológico pasa por reencontrarnos con el cuerpo que somos y con las huellas recogidas en nuestra memoria corporal, escuchando lo que relatan de nuestra identidad y narrativa vital. Sin embargo, a lo largo de la historia de la Humanidad, muchas culturas han educado en la negación del cuerpo y, por ello, muchas personas viven de espaldas a sí mismos. En otras épocas, esto ha tenido manifestaciones diversas que no vamos a abordar aquí; pero, en la actualidad además favorece que muchos individuos queden atrapados en las redes de la realidad virtual de sus dispositivos electrónicos.

Una psicomotricidad constructivista no es solamente una nueva forma de enfocar nuestra tarea como profesionales del apoyo al desarrollo, sino que representa una verdadera reconceptualización del ser humano desde una perspectiva multidimensional e integradora, capaz de conectar el conocimiento actual de las ciencias básicas con el interés de los psicomotricistas por la realidad cognitiva,



NÚMERO

46

2021

emocional y social del ser humano, una perspectiva más consciente de la influencia de los contextos, al tiempo que más respetuosa y defensora de la autodeterminación y la capacidad creativa de cada persona (Hernández, 2021).

Definimos el objetivo genérico de nuestra intervención como el favorecer el desarrollo y el bienestar de los usuarios. Entendiendo estos dos términos de la siguiente forma (Hernández, 2019, 2021):

- El desarrollo es un proceso autoconstructivo a partir de un programa genético que persigue optimizar la capacidad de adaptarse a un entorno dinámico de una forma autorregulada, siendo capaz de generar recursos propios y poner en marcha acciones funcionales para lograr la supervivencia y el mayor bienestar posible en cada caso.

- El bienestar es el indicador psicológico del ajuste en la interacción del individuo con su nicho ecológico y se apoya en los siguientes elementos:

- Disponer de una teoría positiva, estable y funcional sobre uno mismo y la realidad.
- Sentirse autodeterminado.
- Disponer de recursos para progresar hacia los propios objetivos vitales.
- Poseer un balance emocional positivo en nuestro día a día.
- Disfrutar de vínculos afectivos significativos.
- Y, por último, jugar un papel social activo y bien valorado en nuestro entorno.

Entendiendo al ser humano como un macrosistema biológico autoconstructivo, nos situamos claramente en favor de una intervención centrada en cada individuo, respetando que sea el dueño y protagonista de su vida y renunciando a:

- La colonización vivencial y conceptual del otro.
- Encajar a las personas en taxonomías cerradas.

- El uso de estándares de desarrollo prefijados.

- El uso de procedimientos protocolizados de intervención.

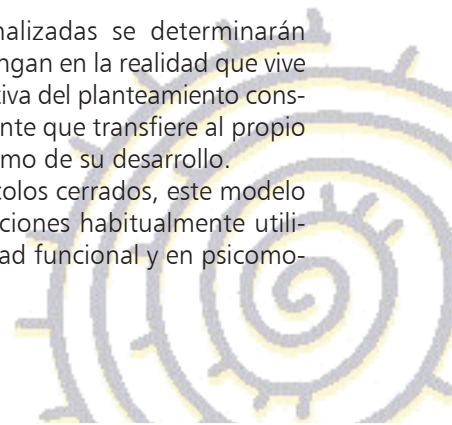
Desde una perspectiva constructivista, las fronteras entre lo educativo y lo terapéutico se difuminan, porque se entiende que cada persona es única y "lo normal" es la diversidad. Del mismo modo, la edad u otras características del individuo no representan un límite para la intervención psicomotriz sino unas circunstancias específicas que es preciso tener en consideración en la personalización de la misma.

Metodológicamente, el constructivismo promueve la integración de distintos planteamientos de intervención conforme a la necesidad de cada individuo. Si consideramos que cada persona es irrepetible y la situamos como protagonista de su propio desarrollo y bienestar, no podemos pretender un abordaje único en el apoyo que le brindamos, por lo que las técnicas psicomotrices deberán diversificarse y personalizarse.

En algunos casos, las intervenciones pueden estar basadas en el juego espontáneo y en otros en actividades dirigidas, siempre que conservemos lo fundamental que es contemplar al individuo como una realidad global que se transforma a sí mismo en base a las experiencias que acumula y asumamos que sus recursos y necesidades no responden a un único patrón.

Las estrategias personalizadas se determinarán desde el sentido que tengan en la realidad que vive el sujeto. La nota distintiva del planteamiento constructivista es precisamente que transfiere al propio individuo el protagonismo de su desarrollo.

Al no establecer protocolos cerrados, este modelo da cabida a que actuaciones habitualmente utilizadas en psicomotricidad funcional y en psicomotricidad



NÚMERO

46

2021

tricidad relacional puedan integrarse en un proyecto de intervención sin caer en el eclecticismo teórico sino en base a cómo se percibe a sí mismo y qué precisa cada persona para impulsar y gestionar su desarrollo y bienestar con autogobierno.

Desde este punto de vista, la intervención del psicomotricista puede incluir dos procesos fundamentales que según el caso pueden darse solos o combinados:

1er. proceso - Diseño e implementación de experiencias de apoyo al desarrollo.

No exige interacción directa del usuario con el psicomotricista, el cual asume la tarea de que la sala se convierta en un entorno adaptado a sus necesidades, le ofrezca vivencias que le permitan reconocer lo que su memoria corporal expresa y le facilite estimulantes oportunidades para gestionar su evolución personal.

La sala de psicomotricidad es el prototipo de contexto constructivista de aprendizaje y desarrollo porque promueve que las personas se vean involucradas activamente en experiencias que le son significativas y que poseen la suficiente carga emocional para que contribuyan de forma relevante a su desarrollo.

Experiencias autogestionadas que van a promover el uso de su creatividad y reflexión en la exploración de sus posibilidades y en la superación de sus dificultades, además de favorecer la expresión personal y la interacción en grupo, como elementos que ayudan a construir la identidad individual.

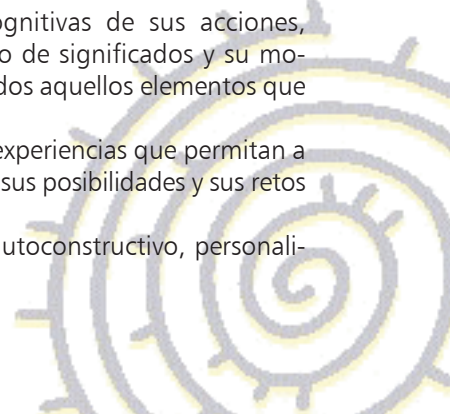
El impacto de estas experiencias en la sala de psicomotricidad estará vinculado a la carga emocional que conlleven. Las personas sólo aprendemos y nos transformamos de forma duradera y significativa a partir de experiencias que nos emocionan, o lo que

es lo mismo, que sacuden nuestro sistema corporal y a las que les atribuimos un significado valioso. Cuando la carga emocional tiene el nivel apropiado, cataliza el proceso de desarrollo logrando los siguientes efectos:

- Favorece que la persona exprese su singularidad con más claridad, lo cual ayuda a interpretar los aspectos más relevantes para nuestra intervención.
- También favorece que las experiencias vividas en la sala sean más significativas para el propio usuario, ayudándole a reconceptualizar sus percepciones, facilitando su flexibilidad adaptativa y la remodelación de su estructura conceptual y competencial.
- Cataliza el cambio de patrones emocionales, cognitivos y comportamentales.
- Favorece el desarrollo de las capacidades de autorregulación y autogobierno.

El psicomotricista debe ser capaz de diseñar y gestionar la dinámica que se genera en la sala de psicomotricidad a partir de sus propuestas. Para ello, creemos que debe disponer de un sólido dominio de la disciplina y del conocimiento científico sobre el desarrollo humano a fin de fundamentar sus observaciones e intervenciones. Del mismo modo, ha de poseer los recursos metodológicos necesarios para abordar las siguientes funciones:

- Valorar la memoria corporal y la estructura conceptual del usuario reconociendo las connotaciones emocionales y cognitivas de sus acciones, identificando su código de significados y su modelo de realidad, incluidos aquellos elementos que no son conscientes.
- Ser capaz de diseñar experiencias que permitan a cada persona descubrir sus posibilidades y sus retos de desarrollo.
- Apoyar su progreso autoconstructivo, personali-



NÚMERO

46

2021

zando el andamiaje que le brinda y permitiéndole siempre que protagonice su proceso con autogobierno, ya que para que la intervención dé frutos, cada individuo deberá atribuir a sus experiencias en la sala un significado y un valor, encajándolas en su realidad personal y vincularlas a sus objetivos vitales.

- Mostrar una actitud respetuosa hacia el usuario sin prejuzgarle, ni establecer propósitos preconcebidos, asumiendo su realidad como persona única, salvaguardando su subjetividad y valorando su evolución y sus logros.

- Ser capaz de gestionar la dinámica de la sala como un sistema multidimensional, donde acciones, emociones y conceptualizaciones se generan, fluyen y se influyen mutuamente con las contribuciones de todos los presentes.

- Ser capaz de contribuir a un equipo de trabajo multiprofesional, comunicándose eficazmente con otros agentes de apoyo al desarrollo.

La plasticidad que caracteriza la organización y la gestión de la sala de psicomotricidad así entendida hace que las experiencias que ofrece repercutan globalmente en todos los aspectos del desarrollo: neuronal, cognitivo, emocional y conductual.

2do. proceso - Promover una evolución de la realidad personal del usuario a través de una negociación de significados.

La sala de psicomotricidad es un extraordinario laboratorio experiencial, donde los usuarios tienen la posibilidad de expresarse, reconocerse y reformularse y donde todas las dimensiones de la experiencia humana quedan conectadas.

Este laboratorio experiencial permite observar y dinamizar el producto de la integración de los determinantes biológicos, socioculturales y los derivados

de la subjetividad del propio individuo, convirtiéndose en un portal al pasado, presente y futuro de la persona y una oportunidad de crear, enriquecer y reconstruir patrones emocionales, de pensamiento y comportamiento en un entorno que facilita la expresión creativa y la autonomía de acción de una forma segura y adaptable a las necesidades y los recursos de cada persona.

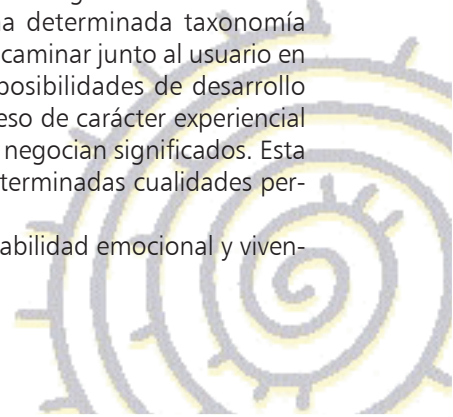
El psicomotricista puede establecer un diálogo intersubjetivo con el usuario a través de una interacción directa. Para ello, debe ser capaz de incorporarse como elemento significativo a sus distintas narrativas verbales y corporales.

Este diálogo intersubjetivo tiene una base fundamentalmente no verbal y posee una semántica plagada de influencias biológicas y socioculturales que se entremezclan dentro de la estructura conceptual específica de cada individuo.

Desde nuestra perspectiva constructivista, el psicomotricista no debe imponer su marco conceptual, sino trabajar en el universo y con el código del usuario. Por ello, y dado el fuerte carácter idiosincrático de la realidad personal de cada individuo, el psicomotricista no puede llevar a cabo una intervención rígidamente protocolizada frente a determinados perfiles de necesidades como sucede desde otras perspectivas.

Su profesionalidad no gravita en torno a dominar un catálogo de actuaciones rígidamente asociadas a las categorías de una determinada taxonomía preestablecida, sino en caminar junto al usuario en la exploración de sus posibilidades de desarrollo mediante un sutil proceso de carácter experiencial y dialógico en el que se negocian significados. Esta delicada tarea exige determinadas cualidades personales:

- Ser un ejemplo de estabilidad emocional y viven-



NÚMERO

46

2021

cia corporal positiva. Su forma de estar en la sala debe ser muy consciente y autorregulada. En ese diálogo intersubjetivo que se genera a lo largo de su intervención, el psicomotricista no sólo debe saber escuchar, también debe ser consciente de lo que él mismo expresa, directa o metafóricamente. Su expresión debe ser siempre intencional y orientada a lo que precisa el desarrollo y bienestar de la persona.

Su actitud general debe transmitir al usuario seguridad, confianza, optimismo, vitalidad, curiosidad, actitud creativa y cuanto proceda según el caso particular para que el usuario se disponga o retome la autogestión de su desarrollo y bienestar, incluso cuando se enfrente a circunstancias gravemente limitativas.

- Ser capaz de lograr ser aceptado como apoyo en la superación de retos y obstáculos de desarrollo. Para ello el psicomotricista debe lograr tener un valor dentro del universo personal del sujeto. Por eso, al iniciar la interacción, el primer objetivo debe ser construir un vínculo específico. Este vínculo es la base a partir de la cual se puede generar un espacio de intersubjetividad donde llevar a cabo una negociación de significados.

- Ser capaz de abrir un canal comunicativo multimodal que permita la construcción de una intersubjetividad con el usuario. Para ello, debe:

- Mostrarse accesible y capacitado para la interacción tónica y sensorio-motriz.
 - Tener capacidad de adaptación al código personal de cada usuario con una clara consciencia de los significados atribuibles a acciones e interacciones.
 - Poseer recursos para la gestión de las distintas situaciones que se puedan producir.
- Facilitar la evolución personal del usuario. El psi-

comotricista dialoga con cada individuo en una delicada negociación de significados que incluye aspectos no verbales e inconscientes de la realidad de cada persona. Dicha negociación de significados está orientada a que el sujeto sea capaz de enriquecer o reelaborar sus propias vivencias a través de:

- Reenfocar su atención y modificar la interpretación de los distintos factores.
- Modificar la carga emocional de determinadas vivencias.
- Crear y experimentar nuevas formas de actuar, de sentir y pensar.

Para finalizar, debe afirmarse que, en los dos procesos descritos, la psicomotricidad posee un enorme potencial como estrategia de apoyo al desarrollo ya que en ambos se ofrecen vivencias globales y significativas en lugar de palabras o psicofármacos como otros formatos de intervención.

No obstante, a la psicomotricidad aún le queda camino que recorrer para integrar las distintas aportaciones a su corpus teórico con una perspectiva más global y actualizada y alcanzar el reconocimiento en el ámbito social, científico y académico que merece. El constructivismo, como paradigma científico general, puede ser un gran soporte para ello.

BIBLIOGRAFÍA

- Ausubel, D. P. (1976). *Psicología educativa. Un punto de vista cognoscitivo*. México: Ed. Trillas.
- Barret, L. F. (2018). *La vida secreta del cerebro: Cómo se construyen las emociones*. Barcelona: Paidós
- Berger y Luckman. (1968). *La construcción social de la realidad*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bruner, J.S. (1988) *Desarrollo cognitivo y educación*. Madrid: Morata.



NÚMERO

46

2021

- Capra, F. (1998). *La trama de la vida*. Barcelona: Anagrama
- Claxton, G. (2016). *Inteligencia corporal*. Barcelona: Plataforma
- Damasio, A. R. (2011). *El error de Descartes*. Barcelona: Destino
- De Waal, F. (2007). *El mono que llevamos dentro*. Barcelona: Tusquets
- Goodall, J. (1986). *En la senda del hombre. Vida y costumbres de los chimpancés*. Salvat. Barcelona.
- Hernández, A. (2016). Universos paralelos. El juego de significados en la sala de psicomotricidad. En *Entre líneas*, 32, 20-25
- Hernández, A. (2018). Las metáforas de la expresión personal en psicomotricidad. En *Revista Iberoamericana de psicomotricidad y técnicas corporales*, 43, pgs. 8 -42
- Hernández, A. (2019). Construir el bienestar psicológico a través de la psicomotricidad. En *Revista Iberoamericana de psicomotricidad y técnicas corporales*, 44, 6 -25
- Hernández, A. (2021). *Psicomotricidad constructivista*. Buenos Aires: Corpora Ediciones.
- Kelly, G. (1955). *The psychology of personal constructs*. New York: Routledge
- Kohlberg, L. (1982). Los estadios morales y la moralización. *Infancia y Aprendizaje*, 18(2), 33-52.
- Llinas, R. (2003). *El cerebro y el mito del yo*. Bogotá: Grupo Editorial Norma
- Maturana, H. (2009). *La realidad: ¿objetiva o construida? I. Fundamentos biológicos del conocimiento*. Barcelona: Anthropos
- Morris, D. (1969). *El mono desnudo*. Barcelona: Plaza y Janes
- Patterson, F. y Linden, E. (1981). *The Education of Koko*. New York: Holt, Rinehart and Winston
- Piaget, J. (1971). *Seis estudios de psicología*. Barcelona: Barral.
- Piaget, J. (1977). *Psicología del niño*. Madrid: Morata.
- Rogers, C. (2000). *El proceso de convertirse en persona*. Barcelona: Ed. Paidós
- Schrödinger, E. (2016). *Mente y materia*. Barcelona: Tusquets Ed.
- Von Bertalanffy, L. (1976). *Teoría General de los Sistemas*. México: Editorial Fondo de Cultura Económica.
- Von Foerster, H. (2003). *Understanding Understanding. Essays on Cybernetics and Cognition*. New York: Springer.
- Vygotski, L. S. (1978). *Mind in Society*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Vygotski, L. S. (1979). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica.
- Watzlawick, P. (2003). *¿Es real la realidad? Confusión, desinformación, comunicación*. Barcelona, Ed Herder.
- Watzlawick, P. (2008). *Ficciones de la realidad. Realidades de la ficción. Estrategias de la comunicación humana*. Barcelona: Paidós
- Weber, M. (2010). *Conceptos sociológicos fundamentales*. Madrid: Alianza Editorial.



REFLEXIONES SOBRE LA INVESTIGACIÓN EN PSICOMOTRICIDAD. TESIS DOCTORALES DE PSICOMOTRICIDAD EN LAS UNIVERSIDADES ESPAÑOLAS - PERÍODO 1979-2020.

*REFLECTIONS ON RESEARCH IN PSYCHOMOTRICITY.
DOCTORAL THESES OF PSYCHOMOTRICITY IN SPANISH
UNIVERSITIES. PERIOD 1979-2020.*

Juan Mila

DATOS DEL AUTOR

Juan Mila es Licenciado en Psicomotricidad (Universidad de la República Uruguay) y Doctor en Educación (Universidad de Murcia, España). Es Director de la Licenciatura de Psicomotricidad y Director de la Carrera de Especialización en Gerontopsicomotricidad de la Facultad de Medicina Universidad de la República, Uruguay.

Dirección de contacto: psicomotricidad@juanmila.com.uy - www.juanmila.com.uy

RESUMEN

Se trabajan los datos de las Tesis Doctorales aprobadas en Universidades Españolas en el período comprendido entre los años 1979 y 2020, cuyo tema de investigación sea o esté vinculado a la Psicomotricidad. Se analiza la distribución de las mismas por década, por tema, por género de la autora o autor.

PALABRAS CLAVES: Psicomotricidad, Doctorado, Investigación en Psicomotricidad.

ABSTRACT

This paper analyzes the data of PhD theses approved in Spanish Universities in the years from 1979 to 2020, with a research topic that is or is linked to Psychomotricity. Their distribution is analyzed by decade, by topic, and by their author's gender.

KEYWORDS: Psychomotricity, Doctorate, Research in Psychomotricity.



NÚMERO

46

2021

Entendemos al Psicomotricista (Licenciado en Psicomotricidad) como el profesional independiente, especialista en Salud Mental y a la Psicomotricidad como un ámbito de conocimiento específico que cuenta con un cuerpo teórico sólido y consolidado. En los diversos niveles de intervención profesional que actualmente se desarrollan las y los Psicomotricistas (en diversos países europeos y latinoamericanos) abarcan inúmeros niveles de intervención en diferentes ámbitos como el de la educación, el de la prevención y el de la salud.

“Los Psicomotricistas pueden intervenir en estos diferentes ámbitos a través de la mediación corporal y a través del movimiento. Por ese motivo, la Psicomotricidad cuenta con un importante y sólido cuerpo conceptual teórico propio, particular y delimitado y con técnicas de intervención profesional de innegable especificidad. Además, tiene en su haber un desarrollo disciplinar y profesional inserto en contextos de intervención interdisciplinaria en los campos socio-sanitario (preventivo, clínico) y socio-educativo”. (Mila, 2018, p 41)

Se puede identificar un histórico período de trabajo en la formación de Psicomotricistas realizado en espacios no formales, no universitarios y sin reconocimiento del status profesional de las y los Psicomotricistas. Lentamente y a partir de la década de los años 60 en Europa, Le Camus (1987), Fischer (2000), Berruezo (2000, 2008), Giromini (2014) y de los 70 y 80 en Latinoamérica comienza la formación a nivel de grado Universitario de Psicomotricistas Mila (2018). Son cada vez más los países donde la profesión del Psicomotricista es recono-

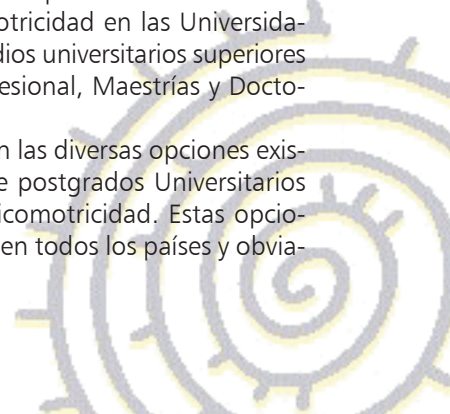
cida y regulada por las autoridades sanitarias y de educación, hecho que ha permitido que la formación de grado universitario en Psicomotricidad se consolide como necesaria para la formación de Psicomotricistas.

Resulta cada vez más evidente para las y los psicomotricistas la concreción de espacios de formación permanente, espacios específicos de formación en psicomotricidad, coincidimos con Rui Martins cuando asevera que:

“La identidad de la Psicomotricidad debe tener un desarrollo paralelo con la identidad del psicomotricista, y se espera que las diversas realidades nacionales puedan proseguir para creación de una educación inicial y de postgrado específica y autónoma en el ámbito de la educación superior, preferentemente universitaria (Martins, 2016, p. 7).

Son relevantes los avances en la posibilidad de formación continua y permanente de las Psicomotricistas en diferentes espacios universitarios y no universitarios en diversos países. Pero sin lugar a dudas las formaciones de postgrado a nivel Universitario ganaron y seguirán ganando espacio como opción de formación permanente a nivel profesional y a nivel académico. Los Licenciados en Psicomotricidad, que se desempeñan como docentes (Profesores) de Psicomotricidad en las Universidades deben realizar estudios universitarios superiores de Especialización Profesional, Maestrías y Doctorados.

En la Figura 1 se ilustran las diversas opciones existentes de formación de postgrados Universitarios para Licenciados en Psicomotricidad. Estas opciones no están presentes en todos los países y obvia-



NÚMERO

46
2021

mente tampoco en todas las Universidades, pero se ha ido avanzando.

Formaciones de Post Grado para Psicomotricistas:



Figura 1. Formaciones de Postgrado Universitario para Psicomotricistas. Elaboración propia.

Tesis Doctorales de Psicomotricidad en las Universidades Españolas (Período 1979-2020).

A partir de la información recabada en la base de Datos TESEO, y publicada por la Federación de Asociaciones de Psicomotricistas del Estado Español (FAPe) (2021), siguiendo a Jiménez-Contreras, Ruiz Pérez, Delgado, López-Cózar (2014) es posible trabajar y realizar diferentes niveles de reflexiones sobre las tesis doctorales como indicador para analizar la investigación y el estado de la misma en la Psicomotricidad.

Es de señalar que no hemos encontrado trabajos de investigación sobre las tesis doctorales sobre Psicomotricidad ni en España ni en otros lugares del mundo, este hecho, ya por sí solo, puede ser tomado como un indicador del interés y de la situación de la investigación en la especialidad.

En España la formación de grado universitario en

Psicomotricidad y el reconocimiento oficial de la profesión del Psicomotricista no existen. Si existen y ha habido muy sólidas formaciones de postgrado universitario de especialización en Psicomotricidad y Masters en Psicomotricidad Educativa y Terapéutica.

A su vez, en las Universidades Españolas en el período temporal comprendido entre el año 1979 y el año 2020 se han realizado y defendido, 67 tesis doctorales (tesis de investigación) sobre Psicomotricidad. Las investigaciones plasmadas en estas tesis doctorales tienen, como línea de investigación las diversas temáticas y centros de interés de la Psicomotricidad como disciplina y como Profesión de los Psicomotricistas.

La mayoría de estas tesis doctorales han sido realizadas en Facultades de Psicología o Pedagogía, dado que aún no existe un Doctorado en Psicomotricidad.

Analizamos la distribución de las tesis doctorales en la línea del tiempo, los temas o líneas de investigación, las franjas etarias objeto de las investigaciones, diferentes colectivos que comprenden las investigaciones, la distribución por sexo de los investigadores, así como aspectos referentes a de los Directores de Tesis y las Universidades.

No hemos podido realizar un trabajo de seguimiento del impacto de las investigaciones realizadas por ejemplo a través del número de citas o referencia como fuentes bibliográficas de las mismas en trabajos científicos o investigaciones posteriores. (Sin dudas, en el futuro, esta puede ser una excelente línea de investigación).

Esperamos que el presente artículo aporte a la visualización del trabajo de investigación académica y profesional en el campo de la Psicomotricidad desarrollado en las Universidades Españolas y contri-

NÚMERO
46
2021

buya a que los investigadores de diferentes universidades de distintos países tomen impulso para continuar investigando sobre la Psicomotricidad y sobre el campo profesional de los Psicomotricistas. En la Figura 2 y en la Figura 3 podemos objetivar la distribución del número de Tesis Doctorales de Psicomotricidad en las Universidades Españolas distribuidas por década. En la década que va de 1971 a 1980 solo se presentó una tesis doctoral, en la siguiente década comprendida entre 1981 y 1990 este número ascendió a 7, en la década entre los años 1991 y 2000 se realizaron 18 tesis doctorales, Entre los años 2001 al 2010 el número de tesis defendidas y aprobadas ascendió a 24, siendo la década con mayor producción. Del 2011 al 2020 se presentaron 17 tesis.

Distribución de Número de Tesis por décadas.

DÉCADA	Numero de tesis
1971 - 1980	1
1981 - 1990	7
1991 - 2000	18
2001 - 2010	24
2011 - 2020	17

Figura 2. Distribución de Número de Tesis por décadas.
Elaboración Propia.

En la figura 4 y en la figura 5 se pueden observar la distribución por tema de investigación de las Tesis Doctorales en Psicomotricidad en la Universidades Españolas.

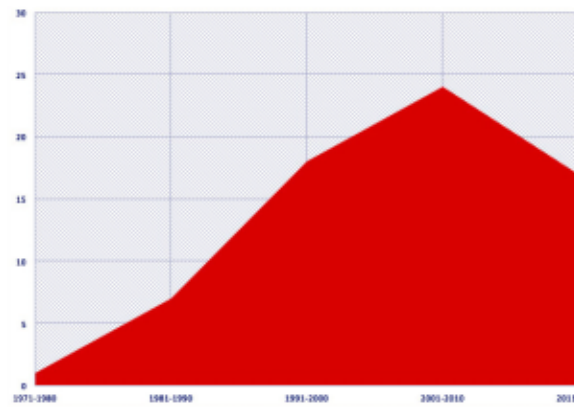


Figura 3. Distribución de Número de Tesis por décadas.
Elaboración Propia.

El tema de investigación que comprende a la Infancia es el más elegido, con 54 tesis, un 81% del total. Esta prevalencia en la elección de la temática de tesis es de alguna manera esperable, dada la influencia de la Escuela Francesa de Psicomotricidad en los países de habla hispana, y dado que dicha escuela tiene un fuerte interés y realiza una formación centrada en abordajes educativos y terapéuticos en Psicomotricidad en Primera Infancia e Infancia.

Un número de 5, es decir un 7% de los trabajos de investigación están dedicados al ámbito de intervenciones con Adultos, algo que en cierta medida sorprende dado que la inmensa mayoría de las/los psicomotricistas tienen formación para el trabajo en Infancias.

Solo 3 (4%) de los trabajos de investigación están relacionadas con adultos mayores, como se ha señalado Vázquez, Mila (2018), la Gerontopsicomotricidad es una verdadera especialización de la

Psicomotricidad que ha crecido a nivel académico y profesional desde los últimos veinte años, pero aún cuenta con pocos psicomotricistas especializados. Otro 4%, un número de 3 del total de Tesis Doctorales relevadas tiene como línea de investigación la Formación Corporal de las/los Psicomotricistas. Este es un dato que marca cierta contradicción entre el manifiesto reclamo de formación por vía corporal que estudiantes de psicomotricidad y psicomotricistas manifiestan como necesidad en diferentes países del mundo y el interés que despierta la formación corporal como objeto de investigación. Sin lugar a dudas resultan muy necesarias las investigaciones académicas sobre este espacio de formación de grado, postgrado y de formación permanente de los profesionales de la Psicomotricidad.

Solo una tesis doctoral aborda las temáticas de los adolescentes. Indudablemente las personas que transitan esta etapa del ciclo vital, atraviesan diversos cambios de su esquema corporal y de su imagen corporal, lo que hace absolutamente pertinentes tanto la mirada psicomotriz como los abordajes psicomotrices socioeducativos, así como las intervenciones psicomotrices terapéuticas. Esta pertinencia de los abordajes psicomotrices no se refleja a nivel de las producciones psicomotrices académicas.

Por último, se constata que solo una tesis doctoral está destinada a la investigación a nivel de la revisión bibliográfica de la especialidad. Esta situación habilita a la formulación de diversas hipótesis, una de ella ha sido la histórica carencia de bibliografía

Distribución por temática

TEMATICA	Numero de tesis	Porcentaje
INFANCIA	54	81 %
Adultos	5	7 %
Adultos Mayores	3	4 %
Formación Corporal	3	4 %
Adolescentes	1	2 %
Revisión Bibliográfica	1	2 %

Figura 4. Distribución de Tesis Doctorales de Psicomotricidad en Universidades Españolas por temática. Elaboración Propia.

especializada que felizmente se ha ido revirtiendo en los últimos veinte años mediante la edición de revistas y libros de Psicomotricidad.

Como se muestra en la Figura 6 la distribución por sexo entre las autoras y los autores muestra cifras que arrojan casi una paridad entre mujeres y hombres. (A falta de información complementaria decidimos desagregar en mujeres y hombres, lo que no significa desconocer la realidad). Estas cifras merecen ser analizadas con detenimiento y deberían ser objeto de investigaciones específicas sobre la temática de género. La Psicomotricidad, al igual de lo que sucede con la mayoría de las profesiones de cuidados y ayuda son elegidas mayoritariamente por mujeres, y de hecho existe una significativa mayoría de mujeres Psicomotricistas. Esto no se refleja en las cifras de Doctoras y Doctores, lo que abona a la hipótesis de que persisten las desi-

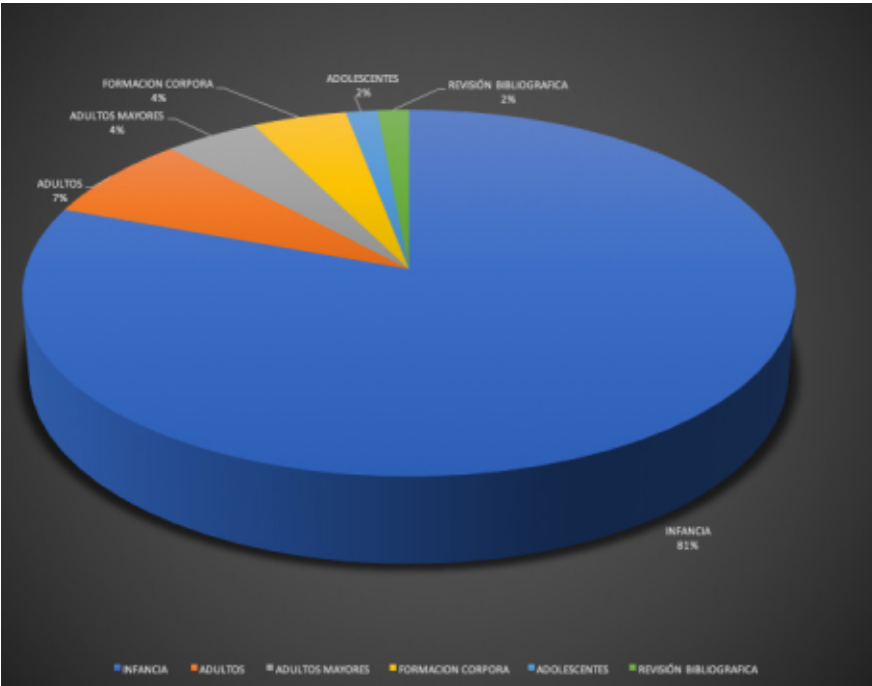


Figura 5. Distribución de Tesis Doctorales de Psicomotricidad en Universidades Españolas por temática. Elaboración Propia.

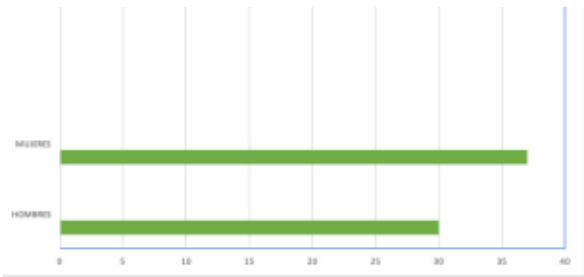


Figura 6. Distribución de Tesis Doctorales de Psicomotricidad en Universidades Españolas por sexo de sus autoras y autores. Elaboración Propia.

gualdades de oportunidades de desarrollo académico y profesional de las Psicomotricistas en comparación con los hombres. Tal vez las causas sean las mismas que la que se observan en otros campos académicos y profesionales.

Es un hecho irrefutable que el futuro de la Psicomotricidad y de los Psicomotricistas depende de los desarrollos académicos de grado y postgrado universitario. Cobran singular relevancia los avances que se puedan consolidar a nivel de la investigación disciplinar y para ello el ámbito natural es el académico

universitario. Es imprescindible la formación permanente de los Psicomotricistas y dentro de esta la formación de Psicomotricistas a nivel de Masters y Doctorados donde se privilegia la creación y validación de conocimientos. Las Universidades Españolas han posibilitado que los Psicomotricistas de varios países atravesemos el camino de la práctica profesional a la investigación.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Federación de Asociaciones de Psicomotricistas del Estado Español (FA Pee) (2021) Recuperado

NÚMERO

46

2021

en <https://psicomotricistas.es/publicaciones/tesis-doctorales/>

- Jiménez-Contreras, Evaristo; Ruiz Pérez, Rafael; Delgado López-Cózar, Emilio (2014). El análisis de las tesis doctorales como indicador evaluativo: reflexiones y propuestas. *Revista de Investigación Educativa*, 32(2), 295-308. Recuperado en <http://dx.doi.org/10.6018/rie.32.2.197401>
- Martins, R. (2016). Desafios da Psicomotricidade numa sociedade em mudança: aportes da experiência europeia. En D. Campos, J. Mila y C. Fasanella (Coord.), *Psicomotricidade. Pensamentos e Produções Ibero-americanos* (pp.29-42). Fortaleza: Imprepe
- Mila, J. (2018). Los estudios de Psicomotricidad en la Universidad de la República de Uruguay. Percepción de las competencias sobre formación corporal de los estudiantes. Tesis Doctoral. Universidad de Murcia. Recuperado de <https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/61659/1/Tesis%20MILA%20DEMARCHI%20.pdf>





Psicomotricidad constructivista

Ángel Hernández Fernández

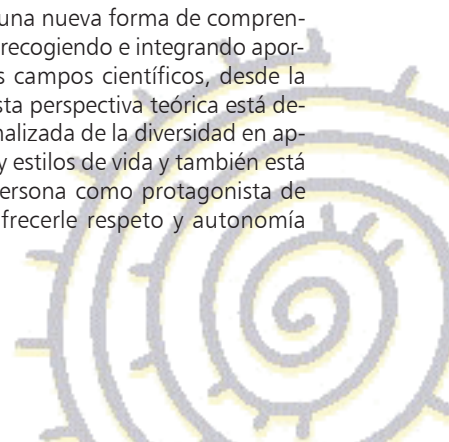
La psicomotricidad no es solamente una disciplina de apoyo educativo o terapéutico. La psicomotricidad supone una reconceptualización del ser humano, considerándole desde una perspectiva más globalizadora, dinámica y personalizada que la habitual, dando más valor a las emociones, al respeto hacia el individuo, a la comunicación, a la creatividad y a reencontrarnos con un cuerpo que siente, piensa y se desarrolla en interacción con los demás.

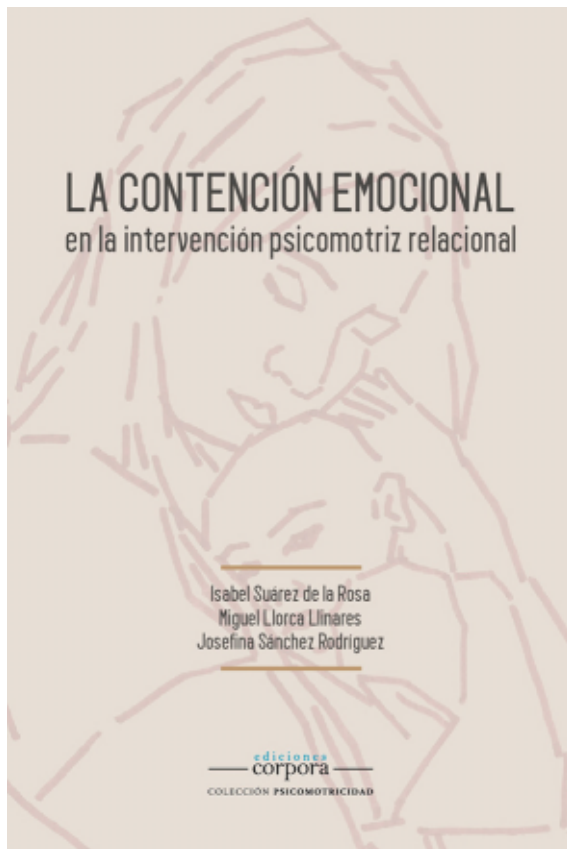
A lo largo de su corta historia, la psicomotricidad ha desarrollado muy diversos planteamientos prácticos y ha realizado grandes esfuerzos para lograr acercamientos integradores entre ellos, para conectarse con otras disciplinas y para extender su presencia en el apoyo a diversos colectivos.

Se propone en esta obra un marco conceptual con solidez científica que dé soporte a esos desafíos y que, al mismo tiempo, responda a la forma actual de entender al ser humano, su realidad emocional y la fundamentación neuropsicológica de su comportamiento.

Creemos que una relectura constructivista de la psicomotricidad puede dar respuesta a esos retos e impulsar el futuro de nuestra disciplina.

El constructivismo ofrece una nueva forma de comprender el desarrollo humano, recogiendo e integrando aportaciones de muy distintos campos científicos, desde la física a la antropología. Esta perspectiva teórica está detrás de la aceptación normalizada de la diversidad en aptitudes, intereses, valores y estilos de vida y también está detrás de concebir a la persona como protagonista de su propia historia y de ofrecerle respeto y autonomía para ello.





La contención emocional en la intervención psicomotriz relacional

Isabel Suárez de la Rosa
Miguel Llorca
Josefina Sánchez

Como psicomotricistas solo podemos atender a las necesidades del otro, comprendiendo antes nuestras propias necesidades. En tanto y en cuanto esta visión se focaliza así, la persona es vista como poseedora de tendencias positivas y en ese sentido tiene el irrenunciable derecho y el deber de buscar su más alto nivel de armonía y nosotros debemos orientar esa búsqueda.

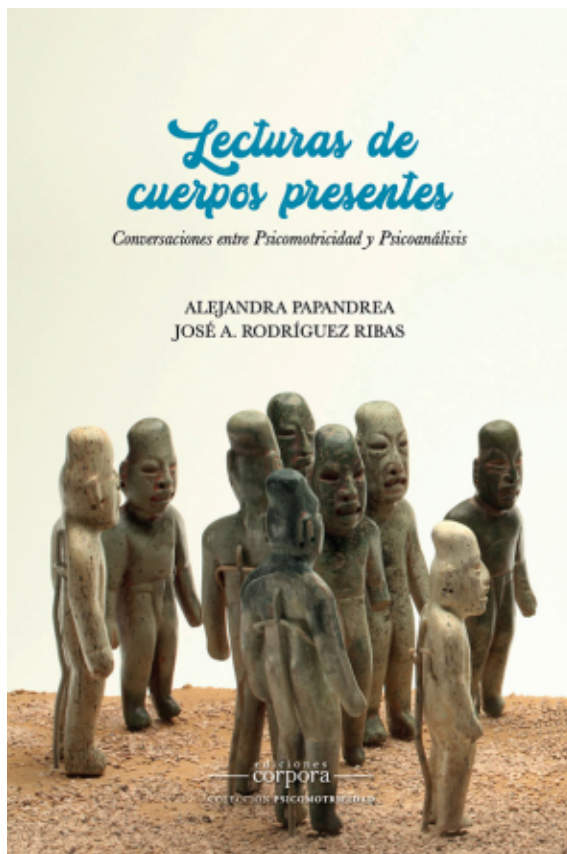
En este libro podremos encontrar descripciones de las conductas disruptivas (entre ellos agresividad y violencia) que se presentan en la sala de psicomotricidad y las tres modalidades de contención: verbal, con uso de material y corporal, descritas muy claramente una por una.

[...] Es muy cotidiano hablar de contención. Tener la suficiente Comprensión Tónica Empática para realizarla es otra cosa. En este libro hay ejemplos valiosos de esa empatía y disponibilidad corporal, que los autores han ejercido durante sus muchos años de práctica profesional.

La contención afectiva y emocional como estrategia en Psicomotricidad Relacional trata de dar respuesta a esa demanda de las carencias del cuerpo del otro, poniendo el nuestro a su servicio para que sienta los límites de manera afectiva, como mencionan los autores.

del prólogo de Miguel Sassano





No son sólo pensamientos sabios de familias conceptuales y disertaciones interesantes, el libro está lleno de pistas y orientaciones del camino educativo y clínico a seguir para poder responder a las necesidades actuales en tiempos convulsos e inciertos y tener más que esperanza de ir hacia delante con pasos firmes y claros. ¿Nos acompañan?

Iolanda Vives Peñalver / *Psicomotricista y Psicóloga*

Lecturas de cuerpos presentes

Alejandra Papandrea
José A. Rodríguez Ribas

Lecturas de cuerpos presentes es el resultado de un experimento de intercambios al modo de una auténtica formación en psicomotricidad. Se dio lugar a un “entre dos” del diálogo, a una reflexión pausada de los fundamentos que posibilitan un pensamiento y una práctica psicomotriz. Una verdadera conversación acerca de las corporeidades contemporáneas pero también de momentos de verdadero seminario sobre los principios clínicos de todo tratamiento psicomotor y psicocorporal.

De las prologuistas:

¿Qué se ha inscripto en el cuerpo y que ha el cuerpo inscripto de lo dicho?

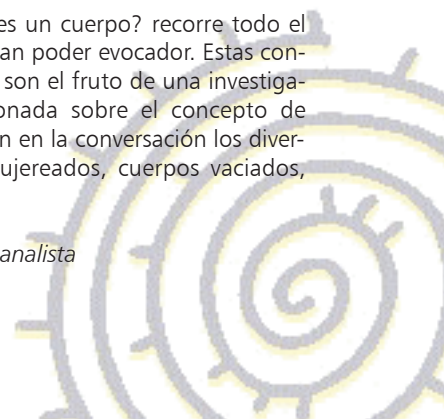
Reflexiones entre disciplinas... Marcos y territorios específicos.

Este es el gran desafío del libro, intento de unir para comprender y de esa forma territoriar especificidad, bordear los abismos con la pasión de entrar de lleno y saber salir de la profundidad más enlazados en su potencia.

Silvia Saal / *Psicomotricista*

La pregunta sobre ¿qué es un cuerpo? recorre todo el libro y da cuenta de su gran poder evocador. Estas conversaciones entre ambos, son el fruto de una investigación exhaustiva y apasionada sobre el concepto de cuerpo. [...] Se contornean en la conversación los diversos cuerpos, cuerpos agujereados, cuerpos vaciados, cuerpos horadados.

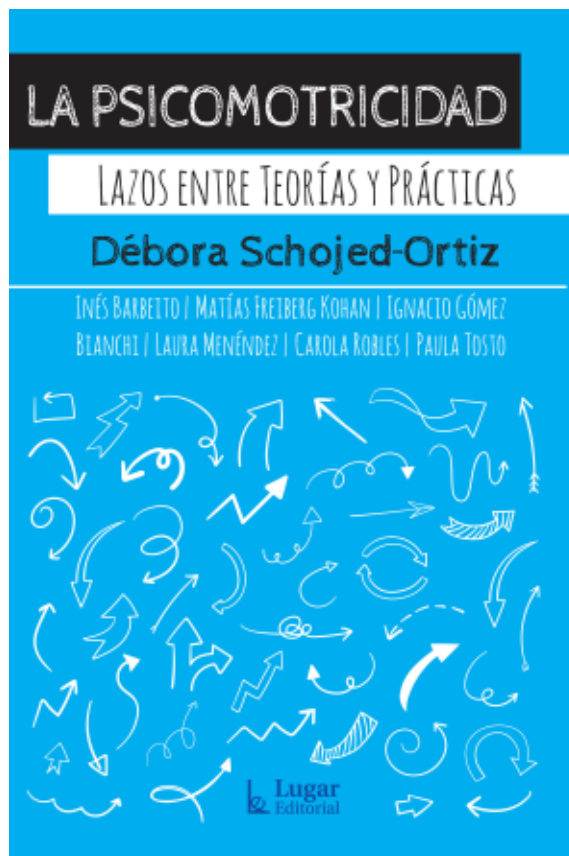
Gabriela Galarraga / *Psicoanalista*



NÚMERO

46

2021



La psicomotricidad Lazos entre teorías y prácticas

Débora Schojed

Colaboradores: Inés Barbeit - Ignacio Gómez Bianchi -
Matías Freiberg Kohan - Laura Menéndez - Carola Robles
- Paula Tosto

Este libro ha sido elaborado en tiempos de una pandemia que afecta a toda la humanidad. Entre la diversidad de reflexiones de diferentes campos del conocimiento, los psicomotricistas se han abocado al análisis y adecuación profesional en función de distintas variables como la virtualidad, contacto, espacio, tiempo entre otras. La imperiosa lentificación de las instancias de la vida trajo aparejada la posibilidad de la pausa que requiere la reflexión más o menos dificultada por la vorágine impuesta en el mundo actual.

No es extraño que en este contexto Débora Schojed-Ortiz solicite el concurso de colaboradores para una producción en Psicomotricidad. Movida siempre por inquietudes operantes se la ha visto desde hace más de cuarenta años en los inicios y profundización de muchos proyectos de nuestra disciplina. La distingue su actitud convocante tanto como su experiencia clínica, docente y larga trayectoria institucional.

Trazar lazos entre teorías y prácticas no es tarea sencilla. Requiere de un equilibrio en continua construcción que busca alejarse tanto del empirismo que absolutiza lo sensorial como de la complacencia hacia una teoría con la pretensión de explicarlo todo. Se trata de la praxis, que sin renegar de un marco conceptual (dado por experiencia y formación) se dispone a la observación sin prejuicios.

Fragmentos del Prólogo de Ernesto Ferreyra Monge)

Normas de publicación

Aspectos formales:

Los trabajos se enviarán por correo electrónico a la Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales (**juanmila51@hotmail.com; milajl@adinet.com.uy; msassano@fibertel.com.ar y revistaiberopsicomotricidad@gmail.com**) como «adjuntos» (attach files) mediante un archivo con el texto del artículo, bibliografía, palabras clave, resumen, abstract, key words, datos del autor y tantos archivos como imágenes o gráficos hayan de incorporarse al artículo, cumpliendo los siguientes requisitos formales:

- El artículo habrá de ser original; no habrá sido publicado previamente en ningún medio escrito o electrónico, como artículo de revista, como parte de un libro o página web, o en las actas de alguna reunión científica (congreso, coloquio, simposio, jornadas ...).
- Estará escrito en español o portugués y se enviará, preferiblemente, en formato de Microsoft Word (DOC). Los gráficos se deberán ubicar en el lugar correspondiente.
- Los trabajos serán presentados en formato de página A4, orientación vertical, en espaciado simple, con márgenes de 2,5 cm (superior, inferior, derecho e izquierdo), sin encabezados, ni pies, ni numeración de páginas.
- El tipo de letra será de formato Times (Times, Tms o Times New Roman), de tamaño 12 pt. Los párrafos no tendrán sangrías de primera línea y estarán justificados a ambos lados, sin corte de palabras con guiones al final de las líneas.

Normas de Publicación

- En ningún caso se utilizará el subrayado o la negrita para hacer los resaltes de texto, que se harán mediante el uso de letra cursiva. Los epígrafes o apartados se harán utilizando mayúsculas y negrita, para el primer nivel y minúscula y negrita para los siguientes niveles, que habrán de numerarse correlativamente. Las comillas se reservan para señalar las citas textuales.

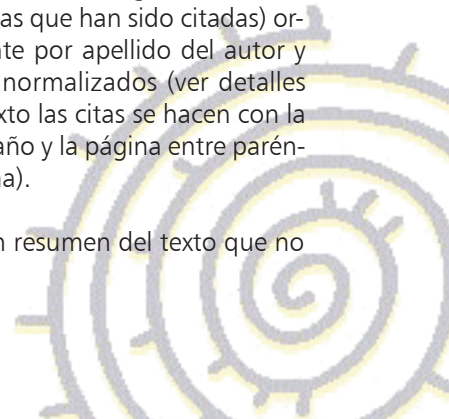
- El artículo comenzará con el título en mayúsculas y centrado. Bajo el título, igualmente centrado, aparecerá el título en inglés, así como el nombre del autor o autores del artículo.

- Al final del trabajo se incluirán los siguientes apartados:

- NOTAS: Las notas aclaratorias al texto se señalarán en el mismo mediante una numeración en forma de superíndice, pero su contenido se presentará al final del texto, de manera consecutiva y no a pie de página.

- BIBLIOGRAFÍA: Referencias bibliográficas utilizadas en el artículo (sólo las que han sido citadas) ordenadas alfabéticamente por apellido del autor y siguiendo los criterios normalizados (ver detalles más adelante). En el texto las citas se hacen con la referencia del autor, el año y la página entre paréntesis (Autor, año, página).

- RESUMEN: Se hará un resumen del texto que no



exceda de 150 palabras donde se exprese su objetivo y desarrollo.

- **ABSTRACT:** Traducción al inglés del resumen realizado previamente.

- **PALABRAS CLAVE:** Descriptores del trabajo que presenta el artículo, no más de 10 términos.

- **KEY WORDS:** Traducción al inglés de las palabras clave.

- **DATOS DEL AUTOR:** Relación breve de datos profesionales (ocupación, lugar de trabajo, categoría profesional, trayectoria científica, experiencia, etc.) añadiendo una dirección e-mail de contacto.

- El artículo no excederá de 30 páginas.
- Las tablas, gráficos o cuadros deberán reducirse al mínimo (al tamaño real de presentación en la página) y, como ya se ha dicho, se presentarán en ficheros independientes. En el texto se indicará claramente el lugar exacto donde vayan a estar ubicados de la siguiente manera: [GRÁFICO 1].

- La Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales adopta básicamente el sistema de normas de citación propuesto por la A.P.A., en su última versión disponible. Para hacer referencia a las ideas de otras personas en el texto, conviene tener en cuenta lo siguiente:

- Todas las citas irán incorporadas en el texto, no a pie de página ni al final, mediante el sistema de autor, año. Si se citan exactamente las palabras de un autor, éstas deben ir entre comillas y al final de las mismas se pondrá entre paréntesis el apellido del autor (o autores), el año de la publicación y el número de la página separado por comas.

- Cuando se utilice una paráfrasis de alguna idea,

debe darse el crédito del autor; bien mediante un paréntesis donde aparezca el apellido y la fecha de publicación, separado por comas, o bien poniendo entre paréntesis el año, si el apellido del autor aparece en el texto.

- Al final del documento se añadirá el listado de las referencias bibliográficas correspondientes a las citas incluidas en el texto. La estructura de las referencias bibliográficas es la siguiente (prestar atención a los signos de puntuación):

- Para libros: Apellidos, Iniciales del Nombre. (Año). Título del libro. Ciudad de publicación: Editorial.

- Para artículos de revistas: Apellidos, Iniciales del Nombre. (Año). Título del artículo. Título de la Revista, volumen (número), páginas.

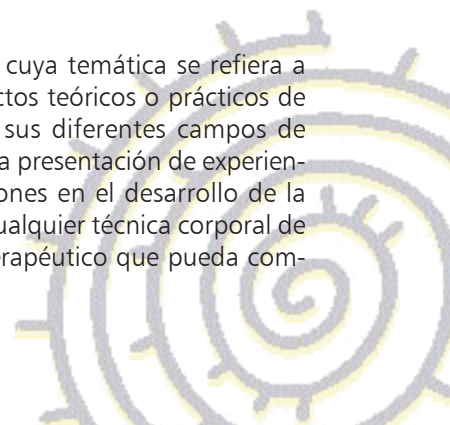
- Para capítulos de libros: Apellidos, Iniciales del Nombre. (Año). Título del capítulo. En Iniciales del Nombre. Apellido (ed-s.). Título del libro, (pp. páginas). Ciudad de publicación: Editorial.

- Para documentos electrónicos: Apellidos, Iniciales del Nombre. (Año). Título del documento [Online]. Disponible en [http://www ...](http://www...) [consultado en fecha (dd/mm/aaaa)].

El Consejo de Redacción se reserva la facultad de introducir las modificaciones formales que considere oportunas en la aplicación de las normas anteriores, sin que ello altere en ningún caso el contenido de los trabajos.

Temática:

Se aceptarán artículos cuya temática se refiera a cualquiera de los aspectos teóricos o prácticos de la psicomotricidad en sus diferentes campos de aplicación, así como a la presentación de experiencias o conceptualizaciones en el desarrollo de la psicomotricidad o de cualquier técnica corporal de carácter educativo o terapéutico que pueda com-



NÚMERO

46
2021

plementar la formación o el conocimiento de quienes se interesan por el mundo de la psicomotricidad, la actividad motriz o el movimiento como instrumento educativo o terapéutico.

El contenido de los artículos deberá estar organizado de la siguiente forma:

- Para trabajos de investigación: Introducción, Método, Resultados, Discusión.
- Para trabajos de revisión teórica: Introducción y planteamiento del tema, Desarrollo, Conclusiones.
- Para trabajos de experiencias: Introducción, Método, Valoración.

Admisión de artículos:

Cada artículo recibido se enviará a tres expertos que informarán sobre la relevancia científica del mismo. Dicho informe será absolutamente confidencial. Se informará a los autores de las propuestas de modificación o mejora recibidas de los evaluadores, que condicionen su publicación.

En caso de que dos de los informes solicitados sean favorables, el Consejo de Redacción decidirá su publicación y se notificará al autor o autores la fecha prevista.

Artículos publicados:

La Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales no abonará cantidad alguna a los autores por la publicación de sus artículos.

La Redacción no se responsabiliza de las opiniones expresadas en los artículos, por tanto serán los autores los únicos responsables de su contenido y de las consecuencias que pudieran derivarse de su publicación.



